



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS
CAMPUS DE RIO CLARO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

No contorno da serra: campesinato, cultura e turismo em Guaramiranga-CE

Vilma Terezinha de Araújo Lima

Rio Claro -SP

2010



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS
CAMPUS DE RIO CLARO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

No contorno da serra: campesinato, cultura e turismo em Guaramiranga-CE

Vilma Terezinha de Araújo Lima

Orientadora: Bernadete Aparecida Caprioglio Castro

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Área de concentração Organização do Espaço, no Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista – Campus Rio Claro, para obtenção do título de Doutor em Geografia.

Rio Claro -SP

2010

338.4791 Lima, Vilma Terezinha de Araújo
L732n No contorno da Serra : campesinato, cultura e turismo em
Guaramiranga-CE / Vilma Terezinha de Araújo Lima. - Rio
Claro : [s.n.], 2010
163 f. : il., figs., gráfs., quadros, fots., mapas

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Orientador: Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro

1. Turismo. 2. Guaramiranga (CE). 3. Campesinato. 4.
Cultura. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

VILMA TEREZINHA DE ARAÚJO LIMA

No contorno da serra: campesinato, cultura e turismo em Guaramiranga-CE

Tese para obtenção do Título de Doutor

Comissão Examinadora

Presidente e Orientadora: Profa. Dra. Bernadete Aparecida Caprioglio Castro

Profa. Dra. Solange Terezinha de Lima Guimarães

Prof. Dr. Antonio Carlos Sarti

Prof. Dr. Paulo Teixeira de Godoy

Prof. Dr. Júlio César Suzuki

Rio Claro, SP 30 de novembro de 2010.

Resultado: APROVADA

Dedico essa pesquisa a meu pai Eduardo *in memoriam*, minha mãe Terezinha, meus irmãos que me iniciaram na caminhada do saber e Humberto e Gustavo que participam desse processo.

AGRADECIMENTOS

A Deus por proporcionar esse momento;

Neste precioso espaço venho agradecer as colaborações recebidas durante a pesquisa, embora o gesto de agradecer seja acompanhado de ansiedade imposta pelo momento vivido e risco de omitir alguns dos muitos que contribuíram para a realização deste trabalho.

A realização desta tese faz parte de um sonho conjunto de uma família do interior do Ceará que um dia pensou em educação como forma de mudança e todos contribuíram de alguma forma para esse processo. Isso reflete o quanto a educação é importante quando recebe apoio familiar, dos educadores, amigos com quem dialogamos e compartilhamos nossas dificuldades, vitórias, angústias e medos. Dessa forma, começo agradecendo a minha mãe Terezinha e meu pai Eduardo, *in memoriam*, aos irmãos de sangue e de coração: José Eduardo, Antonio Eduardo, Bertulina, Livramento, Fátima, Lourdes, Raimunda, Francisca, Consolação, Luzia, Tereza, Maria, Rogério e Sueli;

Ao Humberto e Gustavo, por todos os momentos vividos;

Menção especial dedico à Prof. Dra. Bernadete Castro, pela valiosa orientação, amizade e incentivo;

Aos Membros da Banca Examinadora pela atenção e gentileza em aceitar participar deste trabalho, meu sincero agradecimento aos professores: Júlio Suzuki, Solange Terezinha; Carlos Sarti; Paulo Godoy.

Aqueles que fazem o Programa de Pós-Graduação em Geografia;

Aos professores do Programa de Pós-Graduação do IGCE/UNESP, pelos ensinamentos durante as disciplinas cursadas;

Aos funcionários da Seção de Pós-Graduação e da Biblioteca do IGCE/UNESP pelo pronto atendimento;

Aos companheiros de curso, pelo convívio, pela amizade e pelo crescimento intelectual e pessoal que muitos me proporcionaram;

Bira, Vera e Maica, funcionários da Pós-Geografia e companheiros de muitos cafés;

As amigas adquiridas durante o curso, em especial Carla Guldane, Tiago Berg, Guilherme, Marcela;

Ao Prof. Dr. João Sarmento, pela disponibilidade e atenção durante o estágio de doutorado sanduíche no departamento de Geografia da Universidade do Minho;

Também aos funcionários da Universidade do Minho em Portugal: Carlos Eira e Isabel Salgado;

Aos moradores de Guaramiranga, que me receberam e permitiram que entrasse em suas casas e em suas vidas na intimidade familiar, cito alguns nomes pela especial contribuição e amizade adquirida: Carmem Silva, Juju, Tôca, Júlio César, Renata Franco, João Caracas, Fernando, Antonio Ribeiro e

família;

Aos moradores do Pé de Ladeira em especial a D. Graça e família;

Aos moradores da Linha da Serra D. Mazinha, Maria Isaídes, Sr. Alexandre, D. Terezinha, Sr. Davi e família e demais moradores que contribuíram com a pesquisa;

À amiga Patrícia Maciel pela leitura e sugestões;

À Marilene Alves pela amizade e elaboração dos mapas.

Aos funcionários dos órgãos SEMACE, IBGE, IPECE, SOHIDRA, IDACE, que contribuíram com a pesquisa, disponibilizando documentos como leis, mapas, relatórios e publicações;

Aos que na minha ausência deram carinho e amor ao Gustavo: avós, tios, primos e tias, em especial,

Norma, Consó e Lena;

Às bolsas recebidas:

FUNCAP – Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

RESUMO

Guaramiranga é uma das cidades de maior altitude do Estado do Ceará com 865,24m, está localizada no Maciço de Baturité a menos de 100km de Fortaleza. A temperatura varia entre a mínima de 17°C e a máxima de 22°C. A paisagem serrana se destaca pelo verde abundante, em contraste com as áreas semi-áridas do seu entorno. Até a década de 1970 sua economia era baseada na agricultura, tendo a monocultura do café a principal fonte econômica, a cana-de-acúcar em menor importância e pequenos cultivos de hortas. Muitos donos da terra também possuíam fazendas no sertão e familiares em Fortaleza. Com a decadência do café e demais atividades agrícolas, a partir dos anos noventa, o município começa a investir no turismo. É construído um teatro e dá-se início a inúmeros eventos apreciados, principalmente, pela população de Fortaleza e municípios adjacentes, que visitam o local durante os festivais: nordestino de teatro, *Jazz & Blues*, de vinho, *foundue*, *oktoberfest*, entre outros, apoiados pelo poder público. Em 1990, foi criada a Área de Proteção Ambiental de Baturité abrangendo uma área de 32.690 hectares, delimitada pela cota 600 (seiscentos) metros de altitude. O município de Guaramiranga possui 93,43% de sua área dentro dessa unidade de conservação, assim, a agricultura que era a principal atividade econômica passa a ter restrições quanto ao uso. Os que insistem nesse trabalho necessitam se deslocar para terras mais baixas, fora da APA, em direção ao sertão ou em pequenas plantações nas planícies alveolares. Outro grupo busca na mata a matéria-prima para a confecção de *souveni,s* para ser vendido aos turistas, durante os eventos, férias, feriados ou finais de semana. As políticas públicas locais incentivam o turismo que gera à especulação imobiliária, com grande valorização das terras na APA. A população camponesa passa a ser incorporada, de forma marginal, às atividades turísticas a fim de garantir sua sobrevivência, ficando sujeita a um processo de expropriação das antigas terras de morada e de trabalho.

ABSTRACT

Guaramiranga is one of the highest altitude cities in Ceará State, with 865.24 m and is located in the Maciço of Baturité, less than 100km from Fortaleza. The average low temperature is 17 ° C and the average high is 22 C. The mountainous landscape is distinguished by abundant green, in contrast to its surroundings semi-arid areas. Up to the 1970s, its economy had been based on agriculture, having coffee monoculture as its main economic source, small sugar cane crops and vegetable gardens. Many land owners also has owned farms in the backland while their families have been living in Fortaleza. With the coffee and other agricultural activity decline, on the early 1990, the county begins to invest in tourism. It has built a theater and initiated numerous events which have been enjoyed by Fortaleza population and adjacent counties, who has visited the place during festivals: Northeast Theatre, Jazz & Blues, wine, fondue, Oktoberfest, among others, supported by the government. In 1990 the Environmental Protection Area of Baturité had been created, covering an area of 32,690 hectares, bounded by the elevation of 600 meters above sea level. The municipality of Guaramiranga has 93.43% of its area within this conservation unit, thus agriculture, which was the main economic activity, has been having restrictions on its use. Those people who insist in such work need to move to lower lands outside the APA, towards the backland or in small plantations in the alveolar lowlands. Another group has searched in the forest the raw material for making souvenirs to be sold to visitors at events, vacations, holidays or weekends. Local public policies encourage tourism, which generates property speculation, with great appreciation of the land in APA. The peasant population becomes incorporated marginally to the tourist activities in order to ensure their survival, being in such way a subject of the land expropriation process from their residence and work.

Lista Ilustrações, Gráficos, Quadros

Fotos

Foto 1: Rua Joaquim Alves Nogueira. Onde muitos negócios aconteciam.....	40
Foto 2: Rua Joaquim Alves Nogueira (Rua Principal) no início do Século XX	40
Foto 3: Livro Terra Cearense convidando os italianos a morar no Ceará	44
Foto 4: Sítio Monte Grappa – antigo Nancy. Comércio do Sr. João Barsi.....	44
Foto 5: Rua estreita, com roupa para secar.....	50
Foto 6: Conjunto Frei Domingos.....	50
Foto 7: Rua principal em obra, motos e quadriciclos sobre a praça de alimentação.....	51
Foto 8: Rua particular em frente ao conjunto habitacional	51
Foto 9: Pau de arara vindo de Baturité deixando as pessoas nos sítios.....	52
Foto 10: Pau de arara transportando alunos da escola pública.....	52
Foto 11: Artesanato de cipó, madeira e flores secas. Boxes no centro de artesanato	53
Foto 12: Os visitantes sempre levam uma lembrança do lugar	53
Foto 13: Vista das Quebradas e do Sertão a partir do Pico Alto.....	60
Foto 14: Vista das Quebradas e do sertão a partir da Linha da Serra	60
Foto 15: Sítio Água Boa, ao fundo Pico Alto.....	64
Foto 16: Casa grande do Sítio Lagoa	64
Foto 17: Sítio Boa Fortuna, 1872	64
Foto 18: Casa da família do empresário Edson Queiroz	64
Foto 19: Sítio Floresta, fachada da casa é de 1875.....	64
Foto 20: Sítio Santinho, área quase toda loteada.....	64
Foto 21: Casa de farinha desativada.....	65
Foto 22: Máquina utilizada para descascar o café.....	65
Foto 23: Fonte seca após construção de condomínio e poço profundo.....	67

Foto 24: Vegetação presente nas áreas de vale, onde tinha a nascente.....	67
Foto 25: Jardins do Condomínio Euroville	68
Foto 26: Casas de veranistas no topo dos morros, condomínio Euroville.....	68
Foto 27: Sr Antonio, pouco estudou mais segue as indicações do livro: Vida e criação de abelha indígena sem ferrão	73
Foto 28: Caixa de criação de abelha sem ferrão	73
Foto 29: Produção de café no sítio Lagoa	74
Foto 30: Produção de chuchu no sítio Lagoa	74
Foto 31. Transporte de alimentos colhido nas Quebradas da Pendanga.....	78
Foto 32: Casas da Pendanga as margens da estrada. Vista do Pico Alto	78
Foto 33. Casa de agricultora na Pendanga.....	78
Foto 34: Casa abandonada após intenso período chuvoso	78
Foto 35: Casa de taipa localizada no Pé de Ladeira	84
Foto 36: Acesso às casas sem pavimentação dificultando o acesso nos dias de chuva.....	84
Foto 37: Casas construídas próximo de Barreiras, sem proteção	84
Foto 38: Banheiro construído fora da casa	84
Foto 39: Água de fontes naturais barradas para uso particular nos sítios.....	86
Foto 40. Pequenas cachoeiras com a qualidade da água comprometida pelo lixo	86
Foto 41: Fila para adquirir água potável em uma torneira doada por um sitiante.....	86
Foto 42: Fonte de Água mineral Neblina	86
Foto 43: Escola Pé de Ladeira, transformada em casa e local de trabalho.....	91
Foto 44: Confecção do artesanato no local de venda as margens da CE-065	91
Foto 45. Artesão tirando a casca de cipó em baixo das árvores	92
Foto 46: Artesão descendo a ladeira com cestos no ombro.....	92
Foto 47. Peças rústicas de cipó.....	92
Foto 48: Local de venda do artesanato no Pé de Ladeira às margens da CE-065	92
Foto:49. Vista Panorâmica da Linha da Serra	96

Foto 50: Posto de Saúde da Linha da Serra	96
Foto 51: Casa de agricultor.....	96
Foto 52: Casas de Veraneio, com varanda para a paisagem	96
Foto 53: Escola da Linha da Serra, as salas de aula ficam do lado da via de acesso	98
Foto 54: Apresentação do Projeto Agrinho, no pátio externo da Escola Linha da Serra.....	98
Foto 55: Água com alto teor de ferro	100
Foto 56: Anéis para coleta de água da chuva e armazenamento de água no período seco.....	100
Foto 57: Poço com água tratada pela Superintendência de Obras Hidráulicas-SOHIDRA ...	100
Foto 58: Morador carregando água para consumo doméstico.....	100
Foto 59: Cacimba construída no fundo de Vale.....	101
Foto 60: Cacimba praticamente seca, mais ainda utilizada pelos moradores.....	101
Foto 61: Caminho do roçado, Sr. Aloísio, Vilma, Terezinha, Mauro	109
Foto 62: Sr. Alexandre, Sr. Aloísio, Mauro, colhendo fava.....	109
Foto 63. Retorno do roçado, na cabeça o saco de fava.....	110
Foto 64: Outros roçados desenham a paisagem em áreas íngremes nas Quebradas	110
Foto 65: Vista panorâmica das Quebradas	112
Foto 66: A paisagem demonstra o período de estiagem, área verde é onde existia o açude ..	112
Foto 67: Gado criado preso na Linha da Serra	113
Foto 68: Animal transportando lenha, para ser usada nos fogões, Linha da Serra.....	113
Foto 69: Pousada e restaurante Cabanas da Serra	118
Foto : 70: Construção de uma piscina na Pousada Cabanas da Serra.....	118
Foto 71: Mirante do restaurante Tramonto	119
Foto 72: Casa de empresário de Fortaleza.....	119
Foto 73: Desmatamento no Monte Flor.....	128
Foto 74: Construção de casas condomínio Monte Flor	128
Foto 75: Caçambas retirando material no Resort Moradas da Serra	129
Foto 76: Vegetação sendo queimada no Resort Moradas da Serra.....	129

Foto 77: Novas vias de acesso próximo a cidade de Guaramiranga, com terrenos loteados .	129
Foto 78: No início da construção a vegetação caída fica nas margens da estrada.....	129
Foto 79: Capela de São José, contruída por antigos moradores. Terreno vizinho à venda.....	131
Foto 80: Via de acesso, novas propriedades no Sítio Santinho	131
Foto 81: Terrenos loteados na Forquilha	132
Foto 82: Ocupação de segunda residência.....	132
Foto 83: Córrego sem a presença da mata ciliar. Sítio Santinho	134
Foto 84: Córrego apenas com plantações de bananeiras as margens	134
Foto 85: Vista da Pendanga, Quebradas e Sertão a partir do Pico Alto.....	135
Foto 86: Vista panorâmica dos roçados nas Quebradas a partir do Pico Alto	135
Foto 87: Casas da Pendanga as margens da via de acesso	136
Foto 88: Mirante do Pico Alto, visto da Pendanga	136
Foto 89: Grupo Arte Jucá, vindo do sertão dos Inhamuns.....	144
Foto 90: Banda de percussão, alunos da AGUA	144
Foto 91: Rua principal durante o Festival de Jazz e Blues, apenas pedestres	147
Foto 92: Engarrafamento na única via de acesso à cidade	147
Foto 93: Banda de Percussão, alunos e professores da AGUA	147
Foto 94 Apresentação de Jazz na calçada da Igreja Matriz	147
Foto 95: Corrida da cerveja, tradicional nesse evento, novidade na cidade	148
Foto 96: Banda Cavalinho de Santa Catarina.....	148
Foto 97. Seu Pedro Balaieiro mostrando o cipó imbé, na mata, para a pesquisadora	150
Foto 98. O cipó depois de colhido e as peças prontas	150

FIGURAS

Figura 1: Mapa. Localização da área de estudo: Guaramiranga, CE	22
Figura 2: Moedas em bronze cunhadas em 1895, Fazenda Bom Sucesso	41
Figura 3: Plantação de café no Sítio Guaramiranga em 1906	43
Figura 4: Evolução da população de Guaramiranga.....	56
Figura 5: Evolução da população de Mulungu.....	56
Figura 6: Mapa. Município de Guaramiranga: localização das áreas visitadas.....	70
Figura 7: Gráfico demonstrativo das UCs do Ceará quanto ao seu gerenciamento	124
Figura 8: Municípios com parte do território inserido na APA da Serra de Baturité.....	124

QUADROS

Quadro 1. Eventos Culturais em Guaramiranga.....	140-141
Quadro 2. Calendário de Eventos Religiosos	142

LISTA DE SIGLAS

ANCAR- Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural

APA - Área de Proteção Ambiental

COHAB- Companhia de Habitação

CONCAFÉ - Cooperativa dos Cafeicultores Ecológicos

EMATERCE - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará

FUNCEME - Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos

Fundação CEPEMA - Centro Educacional e Cultural em Defesa do Meio Ambiente

IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDACE - Instituto do Desenvolvimento Agrário do Ceará

IPECE - Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará

PMG - Prefeitura Municipal de Guaramiranga

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza

SOHIDRA – Superintendência de Obras Hidráulicas

UC – Unidade de Conservação

SUMÁRIO

POR UMA PRIMEIRA INTRODUÇÃO	18
INTRODUÇÃO	19
1. APORTE TEÓRICO E PASSOS DA PESQUISA.....	25
1.1. O trabalho de campo.....	31
2. GUARAMIRANGA: DOS CORONÉIS AOS EMPRESÁRIOS.....	37
2.1. Histórico de ocupação	37
2.2 O turismo como política pública	47
2.3 Características atuais do Município	49
2.3.1 O artesanato local.....	52
2.3.2. Pontos Turísticos.....	54
2.4 O conflito dos dados: População e Território.....	55
3. MODO DE VIDA E TERRITÓRIO: A SERRA, AS QUEBRADAS E O SERTÃO.....	59
3.1 Serra: agricultura e turismo	61
3.1.1 Os Sítios	62
3.1.2 Betânia	71
3.1.3 Nova Fortaleza	72
3.1.4 Botija.....	72
3.1.5 Bananal.....	72
3.1.6 Sítio Lagoa	74
3.1.7 Forquilha	75
3.1.8 Pernambuco	76
3.1.9 Barra.....	77
3.1.10 Sítio Arábia	77
3.1.11 Pendanga	78
4. ESPAÇOS DO PARENTESCO: SERRA E SERTÃO.....	81
4.1 Pé de Ladeira: a terra e o trabalho.....	81
4.1.1 Artesanato: serra, facão e martelo.....	89
4.2 Linha da Serra: campesinato e turismo	95
4.2.1 Serra para viver, Quebradas e Sertão para trabalhar	102
4.2.1 A comunidade Linha da Serra: os que vêm de fora	118

5. O <i>MARKETING</i> DA NATUREZA: UNIDADE DE CONSERVAÇÃO, PAISAGEM E ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA.....	120
5.1 Unidades de Conservação do Ceará.....	123
5.1.2 A APA de Baturité e o uso dos recursos naturais	124
6. DOS DRAMAS AOS FESTIVAIS: A CULTURA LOCAL E A INVENÇÃO DA CULTURA	138
6.1. Os Festivais	142
6.1.1. Festival Nordestino de Teatro de Guaramiranga	143
6.1.2. Festival de Jazz e Blues de Guaramiranga.....	145
6.1.3. Os Mestres da Cultura Popular de Guaramiranga.....	149
6.2. Associações Locais	151
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	152
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	156

POR UMA PRIMEIRA INTRODUÇÃO

“No fim do ano de 1919, terminava uma grande seca, no Ceará. Nossa família vinha de uma experiência de emigração para o Pará; durou dois anos a experiência, que se alongou justamente por causa de tal seca. Mas, em outubro de 19, voltamos à terra, pai, mãe, três filhos e um por nascer: Nosso destino seria o sertão, mas isso no momento, era impossível. A seca arrasara tudo: gado, terra e gente. Então meu pai teve uma idéia - "vamos esperar o inverno em Guaramiranga". Agora é preciso explicar o que já era então Guaramiranga. O nome nascera do sítio fundado por meu bisavô. E do sítio se estendera à vila, então pequena, apenas com duas ruas em cruz, a que vinha do Monteflor para o Macapá, e a que nascia no portão do sítio Guaramiranga e subia até à igreja de Nossa Senhora de Lourdes, lá no alto. O cruzamento se fazia defronte à farmácia e o sobradinho do Rodrigo Caracas. Aninhada num desvão, entre os morros da Serra de Baturité, Guaramiranga era uma espécie de paraíso para a gente lá de baixo: litoral e sertão. O clima adorável, friozinho pela manhã e à boca da noite, cada casa com o seu jardim; mesmo as que davam frente para a rua, tinham o jardim no quintal. Meu tio Matos Brito, dono então do sítio Guaramiranga, abrigava a sua enorme família de treze filhos num sobradão erguido no começo da rua, junto ao próprio portão do sítio, cuja casa velha não daria espaço para tanta gente. Sem contar os hóspedes. Pois o prêmio mais cobiçado para a meninada e adolescentes da família, eram umas férias em Guaramiranga. Uma semana já fascinava. Um mês, era raro conquistar-se. Pois naquele fim de seca, a idéia de meu pai de irmos esperar o inverno na serra, para nós, meninos, foi a glória. Guaramiranga já estava na moda, as pessoas que podiam passavam lá suas temporadas de verão, alugando casa ou se hospedando nas várias pensões, das quais a mais famosa era a do Manuel Vitor; pai da linda Ilka, [...] que corações na serra inteira. Meu pai alugou uma casa no alto da Matriz, mas a nossa vida era no sobradão, logo abaixo. Lá era a concentração dos grupos das "intelectuais", tia Beatriz, mamãe (então com 26 anos), a prima Elsa e outras aspirantes menos qualificadas. E no final do ano, os esforços de todos se concentravam na realização do que, nós, meninos e a gente simples, chamávamos "o drama". Na verdade prepararam uma espécie de revista em louvor da Serra, onde moças, fantasiadas de deusas representavam e cantavam cada uma copla em louvor das maravilhas serranas: o clima, a água, as frutas, as flores, o café, a cana. Ainda me lembro dos versinhos das flores, musicadas ao som da valsa da "Princesa dos Dólares". Foi um esplendor e, para os meus oito anos, daí por diante era o "drama" da serra o marco inatingível de qualquer sucesso futuro. Guaramiranga cresceu, de vila passou a cidade; não perdeu os seu encantos, nem a sua magia. Com a queda do café, ficou nos alambiques ("sou a cana jovial, do café a doce irmã..." cantava deusa no drama); e vai se mantendo com a exportação de flores e frutas. Frutas incomparáveis que, além do sabor e das cores vivas, têm um cheiro delicioso, especial. Até uma banana você mal abre a casca, sente logo um cheiro de rosa. Faz anos que não vou a Guaramiranga. Morreram os tios, morreu a maioria dos primos, a gente vai se fazendo velha. Mas basta evocá-la, para suscitar o sonho de paraíso, vindo das recordações de infância e adolescência. Creio que a serra, e especialmente Guaramiranga, continua a ser o "resort" privilegiado para os veranistas urbanos. Não deve ter crescido muito, pois a sua riqueza principal, o café, entrou em decadência. Diziam que os grandes sítios, são hoje propriedade de gente rica, que os usa como local de repouso e veraneio. Mas a alma da serra, o cheiro da serra, a água da serra, as crianças de faces cor de maçã, tudo isso ainda deve permanecer: Qualquer dia vou lá, conferir.

Raquel de Queiroz, (apud. SOUSA, 2002)

#

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea enfrenta um desafio histórico que vem sendo estudado por vários cientistas das ciências sociais que buscam analisar formas de desenvolvimento conciliando a conservação da natureza e os diferentes modos de vida das populações que dependem diretamente dos recursos naturais.

No Brasil, a criação de Unidades de Conservação¹ têm sido uma das principais formas de conservação da natureza. No entanto, como afirma Diegues (2001), com a criação dessas áreas naturais surgem inúmeros problemas de caráter político, social e econômico. O autor enfatiza que a maior parte do orçamento das unidades de conservação é usada para fiscalização e repressão, e muito pouco para melhorar as condições de vida e a manutenção das populações tradicionais que, se organizadas e estimuladas, poderiam contribuir positivamente para a conservação das áreas protegidas.

O município de Guaramiranga é um dos componentes da APA (Área de Proteção Ambiental²) de Baturité, uma unidade de uso sustentável com restrições quanto ao uso do solo. No entanto, esse município abriga um expressivo grupo de famílias que sempre viveu da agricultura e que atualmente, com as restrições de uso e a crescente especulação imobiliária, enfrenta dificuldades para se manter na terra e dela tirar seu sustento. Os que lá resistem às alternativas de venda da terra buscam saídas para se adequar as exigências impostas.

A pesquisa encontra, então, uma realidade concreta, vivida e contada pelos moradores do lugar. Contada não por todos que lá têm residência, mas sim por alguns grupos distribuídos em localidades diferentes, separados por quilômetros de floresta, mas tem em comum a sua história de vida, de trabalho no campo, na agricultura, no cultivo do café, nos engenhos, entre outros.

¹ Espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo poder público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, no qual se aplicam garantias adequadas de proteção. (MMA, Lei 9.985, 2000)

² Área de Proteção Ambiental (APA) é uma área em geral extensa, com um certo grau de ocupação humana, dotada de atributos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas, e tem como objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais. (Sistema Nacional Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC, 2002).

O trabalho foi dividido em seis capítulos:

No primeiro, discorre-se sobre o aporte teórico e relata-se os caminhos percorridos durante a pesquisa, onde a teoria e a empiria interpelam-se contribuindo mutuamente para o enriquecimento do texto.

O segundo capítulo relata a história da ocupação de Guaramiranga, seu período de riquezas propiciadas pelo cultivo do café e sua decadência, bem como as atividades desenvolvidas hoje com a chegada do turismo e da Área de Proteção de Baturité.

No terceiro capítulo é feito um resumo do que foi observado nos diferentes povoados visitados, os lugares conhecidos, os Sítios, as Quebradas, os problemas enfrentados, as soluções encontradas pelos moradores.

O quarto capítulo, debruça-se mais especificamente sobre o modo de vida dos que vivem no Pé de Ladeira, mostrando um exemplo de mudança e adaptação ao novo modo de vida, onde um número considerável de famílias dedica-se à confecção de peças ornamentais para enfeitar jardins, sendo tudo retirado da natureza. Já na Linha da Serra, os agricultores, sem alternativas, fazem suas roças em terras alheias cada vez mais distantes, em direção ao sertão, onde a terra não tem o mesmo valor que na serra.

O quinto capítulo faz uma abordagem sobre a Lei 9.985 que trata do Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC). Analisa também as unidades de conservação existentes no Ceará, enfatizando as categorias e a evolução da criação a partir da década de 1940. Discorre-se, também, sobre a preservação da natureza e a especulação imobiliária.

O sexto capítulo aborda a importância da cultura no município, inicialmente como forma de divertimento de seu povo com as apresentações de dramas e reisados e, já na contemporaneidade com os festivais que objetivam atrair consumidores para promover o crescimento da região.

À guisa de conclusão, são tecidas algumas considerações sobre a interpretação em torno das transformações e mudanças que ocorreram na organização social dos grupos de moradores de Guaramiranga estudados, procurando refletir, especialmente, sobre um ponto principal: a influência do turismo e da criação da APA de Baturité no modo de vida dos moradores de Guaramiranga.

Caracterização da área de estudo

Os estudiosos divergem quanto a etimologia de Guaramiranga:

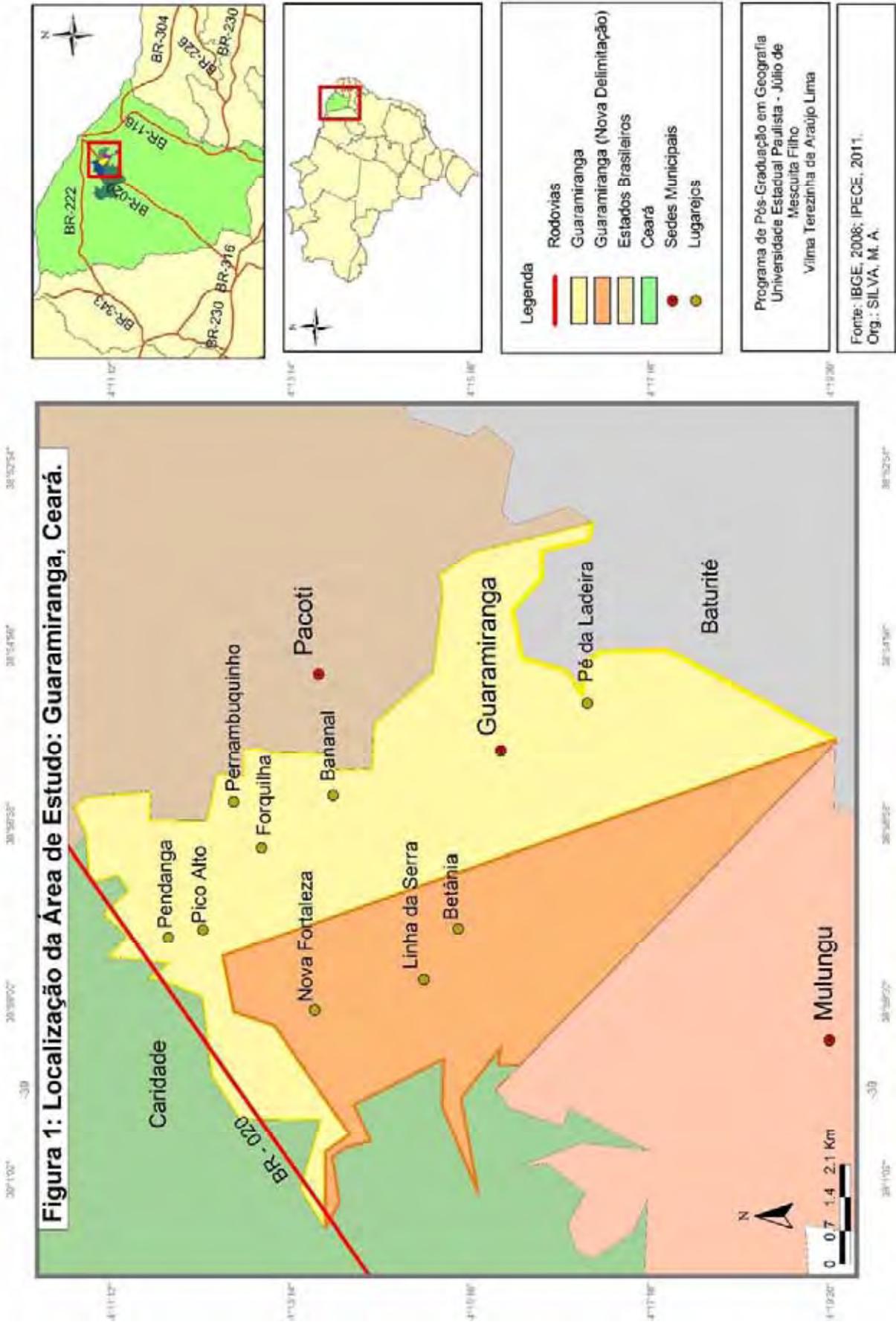
Segundo Barão de Studart, o nome deriva de “Ybira”, que quer dizer pau, e “Piranga” vermelho. Mas Tomás Pompeu Sobrinho, cuja opinião é perfilhada pelo autor do “Dicionário Geográfico e Histórico e Descritivo do Ceará” Desembargador Álvaro Gurgel, diz que o nome se origina de “Guará”, pássaro e “Piranga”, vermelho. Linhares (2001, p. 58)

Guaramiranga localiza-se na Macrorregião Norte-Cearense, mais precisamente na microrregião de Baturité, a 4015’48” de latitude sul e 38055’59” longitude oeste de Greenwich, com altitude de 865 metros. Limita-se ao norte com os municípios de Pacoti, Palmácia e Caridade, ao sul com Mulungu e Baturité, a leste com Baturité e Pacoti e a oeste com Caridade e Mulungu (Figura 1). Possui uma extensão territorial de 59 km² e dista cerca de 100 km da capital do estado do Ceará, Fortaleza. Quase todo o município está inserido na Área de Proteção Ambiental de Baturité, criada em 1990, situação que dificulta e restringe as práticas agrícolas.

De acordo com o Mapeamento da Cobertura Vegetal e Uso e Ocupação do Solo da APA da Serra de Baturité-CE (2006), a APA está localizada no maciço de Baturité, acima da cota altimétrica de 600m e constitui um enclave úmido de mata no contexto geral semiárido do bioma Caatinga. Em comparação com os espaços sertanejos que a circundam, há evidências de melhores formas de uso e ocupação da terra e maior concentração demográfica. Por outro lado, a proximidade de Fortaleza e os atrativos naturais da área têm implicações na crescente pressão sobre a base dos recursos ambientais.

Os recursos naturais apresentados como atrativos, importantes para o fluxo de visitantes e necessários à sobrevivência dos moradores da região, são descritos abaixo em relação aos aspectos geológicos, geomorfológicos, vegetacionais, climáticos e hidrológicos (superficiais e subterrâneos).

Sob o aspecto geológico, a serra é formada na sua quase totalidade por litologias de granitos, migmatitos, gnaisses, pegmatitos e quartzitos, formando um embasamento cristalino onde irão se desenvolver todas as relações físicas, químicas, biológicas e humanas. A exceção ocorre nos pequenos vales e planícies fluviais recobertos por sedimentos quaternários aluvionares. Na morfologia são comuns relevos com altitudes acima de 800m, que mostram feições dissecadas do tipo: colinas, lombas, cristas e interflúvios tabulares de diferentes dimensões.



A área da serra de Baturité tem orientação predominantemente NNE-SSW. As linhas de cumeadas do relevos (alinhamento das cristas) possuem níveis em torno ou acima de 900m, mostrando perfis aguçados nas suas vertentes e declives superando 55%. Os ressaltos topográficos se tornam frequentes e chegam a superar as cotas de 1000m em setores pontuais como no Pico Alto, com altitude aproximada de 1.114m. Esse relevo aguçado e altos declives origina-se devido, principalmente, ao alto grau de resistência dos litotipos como as rochas quartzíticas, que favoreceram o trabalho seletivo da erosão diferencial.

A altitude e a posição do relevo em relação ao deslocamento dos ventos oriundos do litoral favorecem a regularização e acentuação das precipitações, atenuam as temperaturas e minimizam as condições de evapotranspiração.

Essa região tem reduzida capacidade de armazenamento de água superficial e subterrânea, sendo este o principal problema enfrentado em algumas localidades. Os mananciais superficiais são dotados de regime semiperenizado, principalmente, em áreas posicionadas na vertente ocidental da serra de Baturité, onde a precipitação é menos frequente. A água subterrânea, principal recurso hídrico utilizado pela população, ocorre, predominantemente, no setor de rochas mais intensamente fraturadas, formando um aquífero do tipo confinado. Uma má gestão hídrica desse aquífero tem contribuído com o desaparecimento desse bem mineral, devido ao seu intenso uso, como vem ocorrendo, atualmente, com a construção de grandes condomínios em Guaramiranga. Os moradores e visitantes captam a água subterrânea por meio de poços artesianos, tubulares e poços amazonas (cacimbas) construídos, principalmente, nos pequenos vales, drenagens e nascentes.

A água é de boa qualidade, sendo, por esse motivo, explorada comercialmente por empresas engarrafadoras. Porém, em alguns setores, está comprometida pela presença de elevado teor de íons de ferro que lhe confere uma coloração avermelhada, sabor salobro e um aspecto oleoso denominado popularmente como “capa rosa”, que chega a paralisar os poços entupindo a canalização. Em áreas mais urbanizadas, como a sede municipal e distrito, a contaminação se dá por organismos patogênicos e coliformes fecais, resultados da falta de saneamento básico, como já é verificado em algumas localidades do município de Guaramiranga.

Na área da APA da serra de Baturité, as temperaturas, de modo geral, são atenuadas pelos níveis altimétricos elevados que variam entre 19°C e 22°C. A amenização do calor é um dos atrativos para visitação do local, principalmente, dos moradores de Fortaleza, onde a sensação térmica atinge, em determinados períodos do ano, 32°C.

Apenas duas estações ocorrem com maior nitidez: uma chuvosa, correspondente ao período de verão-outono, e outra seca, relacionada com o período de inverno-primavera. Há também uma acentuada variação das chuvas tanto em termos espaciais como temporais. As precipitações médias anuais máximas e mínimas têm um significativo afastamento das médias normais. Dai resulta acentuada variabilidade das chuvas no decorrer dos anos (CEARÁ, 2006).

Na vertente ocidental e parte da vertente setentrional do Maciço de Baturité, os índices pluviométricos são baixos: a irregularidade se acentua: temperaturas mais elevadas ao longo do ano implicam elevadas taxas de evapotranspiração. Por consequência, praticamente não se registram excedentes hídricos durante os meses chuvosos.

O Maciço de Baturité representa o mais importante dispersor de drenagem do setor norte ocidental do Ceará. Possui três nascentes fluviais, sendo a mais importante a do rio Pacoti na área do platô úmido, que drena as vertentes oriental e setentrional, além dos sertões e pés-de-serra sub-úmidos de Redenção-Acarape (CEARÁ, 2006).

Em algumas áreas, indistintamente, tem havido uma superexploração dos recursos naturais renováveis em função de uma estrutura fundiária marcada pela primazia de pequenas propriedades, onde o pequeno produtor é desassistido técnica e financeiramente. A fragmentação da terra ou a sua concentração relativa evidenciam condições de desequilíbrio. (CEARÁ, 2006).

Dessa forma, o capítulo 1, resgatando a teoria, base para este estudo, tem como apoio o trabalho empírico desenvolvido em várias etapas que servem de referência em todo o texto.

1. APORTE TEÓRICO E PASSOS DA PESQUISA

Todos nós somos esse homem que não só luta para viver a vida de todo o dia, mas que luta também para compreender um viver que lhe escapa porque não raro se apresenta como absurdo, como se fosse um viver destituído de sentido.

(MARTINS, 2000, p.11)

Este capítulo relata os caminhos percorridos pela autora durante a pesquisa. No presente estudo, a teoria e o trabalho empírico interpelam-se, contribuindo mutuamente para o enriquecimento do texto, que pretende descrever as diversas localidades visitadas no município de Guaramiranga. O estudo leva em conta o modo de vida das populações locais, colocando em destaque duas localidades, Pé de Ladeira e Linha da Serra, ambas com influências do turismo, embora dependam dos recursos naturais para sua sobrevivência.

A resistência à expropriação, a luta pela propriedade da terra e a manutenção da posse estabelecem a problemática camponesa em confronto com o capital. A tese defendida por esse estudo é a da reprodução camponesa diante de uma situação de mudança imposta pela apropriação capitalista da terra pelas empresas imobiliárias, legitimadas por políticas públicas voltadas à valorização ambiental enquanto recurso turístico.

Sob regras do direito costumeiro, a apropriação dos recursos naturais e de terras para plantio permite que a sobrevivência desse campesinato se faça integrando a serra, as quebradas³ e o sertão, temática trabalhada nos capítulos 3 e 4.

O roçado continua sendo a fonte de obtenção de alimentos básicos para sobrevivência das famílias que conseguem uma área para plantio. Outras delas foram expropriadas das antigas moradas pelos novos donos da terra.

O fato de o maciço de Baturité possuir como referência a biodiversidade, estar relativamente próximo de Fortaleza e de ser uma área de exceção no estado do Ceará com características diferentes daquelas do seu entorno semiárido torna o local ponto estratégico para estudos acadêmicos. Dessa forma, as Universidades Federal e Estadual do Ceará,

³ Quebrada: declive de monte formado de altos e baixos = encosta

institutos federais e as universidades particulares colocam essa área em seu roteiro de aulas de campo.

Os resultados são trabalhos acadêmicos, científicos e técnicos com os mais diversos temas: Caracterização de processos erosivos em uma área florestada e antropizada da serra de Baturité (SALES, 1997); Percepção socioambiental: a visão de turistas e residentes de Guaramiranga-CE (JUNIOR, 2004); Guaramiranga: proposta de zoneamento e manejo ambiental (BASTOS, 2005); Efeito da ação antrópica na cobertura vegetal da serra de Baturité: estudo de caso na área do município de Guaramiranga-CE (SOUZA, 2005); Mudanças no perfil socioeconômico e ambiental provocadas pela atividade turística no município de Guaramiranga-CE (TEIXEIRA, 2005); Proposta de desenvolvimento de Ecoturismo em Guaramiranga-CE (VALE, 2006); Cortes e recortes do turismo no Maciço de Baturité-CE: reflexões a partir da avaliação do Programa de Apoio ao Turismo Regional – PROATUR (PORTO, 2008), apenas para citar alguns.

Apesar de haver bastante estudo sobre a região de Baturité e Guaramiranga, a população que fez e faz parte da história desse município não tem recebido a atenção dos pesquisadores, deixando uma lacuna nas bibliografias consultadas sobre o modo de vida daqueles que contribuíram para o avanço da economia local.

Após ter conhecido Guaramiranga, durante o curso de Graduação em Geografia na Universidade Federal do Ceará, outras visitas à área buscavam apenas o lazer, como a maioria dos visitantes.

No entanto, em setembro de 2005, ao visitar a área durante uma das atrações turísticas e culturais, o I Festival de Vinho de Guaramiranga, evento capaz de transformar o local para atender um público seletivo, os consumidores de vinho, constatou-se o quanto a área sofria modificações. Nos sítios, os poucos moradores que ainda residem e sempre trabalharam na agricultura agora necessitam se adaptar às mudanças, seja no trabalho, seja no modo de vida, a fim de atender aos novos padrões vindos de fora. Esta situação foi o suficiente para despertar o interesse de entender como essas pessoas estavam vivendo com as mudanças atuais. Como comenta Claval (2002, p.152),

Estudar a geografia de um grupo significa organizar o inventário de suas formas de utilização do solo, descrever a maneira como ele explora e transforma os recursos, e compreender o modo como suas necessidades de consumo são atendidas. Mas significa também captar os risos das crianças, os gracejos dos pais, escutar os cantos, descobrir os instrumentos que os acompanham ou são utilizados nos espetáculos musicais. As pessoas

participam de festas, desfilam, dançam. Nos dias de alegria coletiva, parece desaparecer toda a preocupação utilitária.

No município de Guaramiranga, há a presença de antigos moradores das fazendas de café, cana-de-açúcar, alguns herdeiros dessas terras e outros que viviam com as famílias na condição de moradores. Algumas pessoas vindas de fora atraídas pela singularidade de Guaramiranga fixam morada no lugar, muitas vezes casando com filhos da terra. Há também proprietários estrangeiros que constroem casas ou montam comércios interessados em explorar o tempo de folga. Um número significativo de famílias camponesas aparece no município, produzindo sua subsistência através de uma organização do trabalho na família, no uso da terra, nas relações de parentesco, conforme descreve Ellen Woortmann:

Ao trabalhar a terra, o camponês realiza outro trabalho: o da ideologia, que, juntamente com a produção de alimentos, produz categorias sociais, pois o processo de trabalho, além de ser um encadeamento de ações técnicas, é também um encadeamento de ações simbólicas, ou seja, um processo ritual. Além de produzir cultivos, o trabalho produz cultura. (WOORTMANN, 1997, p.15)

No entanto, essa cultura camponesa presente nas localidades visitadas não faz parte das políticas públicas. Dessa forma, entender que Guaramiranga possui fortes laços que a unem ao Sertão pressupõe investigação a respeito dos valores presentes no cotidiano dos camponeses que residem no município. Nos colóquios entre orientadora e orientanda paulatinamente foi ficando clara a ideia de trabalhar com esse continuum serra-sertão. Tornou-se preciso recuperar o modo de vida sertanejo de Guaramiranga que passava despercebido pela pesquisadora, uma vez que os hábitos observados lhe eram familiares e faziam parte da experiência de vida em Chaval área rural no norte do Ceará.

Durante todo o trabalho de campo, nas visitas às localidades estudadas, os traços da cultura sertaneja foram sendo percebidos através de certos costumes: pessoas tomando banho e lavando roupas nos riachos; tirando água de cacimba, utilizando animais para transportar alimentos, andando de pau de arara⁴, fazendo compras na feira de municípios vizinhos. Notou-se também o modo de falar, o uso do fogão a lenha, as dormidas de rede, as romarias para Canindé e o costume de pedir a benção quando adquirem um transporte, a tradição de

⁴ Veículo de carga, adaptado para transporte de passageiros. A Resolução 82, de 19 de novembro de 1998, CONTRAN, estabelece o seguinte em seu artigo 1º: “O transporte de passageiros em veículos de carga, remunerado ou não, poderá ser autorizado eventualmente e a título precário, desde que atenda aos requisitos estabelecidos nesta Resolução”. O artigo 2º define que o transporte “só poderá ser autorizado entre localidades de origem e destino que estiverem situadas em um mesmo município, municípios limítrofes, municípios de um mesmo Estado, quando não houver linha regular de ônibus ou as linhas existentes não forem suficientes para suprir as necessidades daquelas comunidades”. O item III do parágrafo 2º, do artigo 2º, diz o seguinte: “viagens por motivos religiosos, quando não houver condições de atendimento por transporte de ônibus”.

soltar fogos nas festas religiosas e a coroação de santos realizada nas casas de moradores e igrejas, entre outros.

A cidade de Canindé fica próxima de Guarimiranga e exerce uma grande atração nos fiéis que realizam romarias ao santuário de São Francisco de Canindé. Como no sertão os romeiros utilizam o pau de arara como transporte embora nos dias atuais, já se possam perceber as “motorromarias”. A importância da religiosidade nos costumes dessa população camponesa reforça os vínculos entre a vida na serra e as práticas que ficaram no sertão, cujas referências fazem parte da memória de muitos moradores.

Carlos Rodrigues Brandão, em sua obra *Memória Sertão: cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão*, faz referência a um sertão presente na memória de muitos brasileiros:

Pois tal como o destino, o sertão é um lugar absolutamente real, desde que seja ilimitadamente indefinível. De que ele exista não deve haver dúvidas. Mas de que ele esteja em um lugar onde a própria existência seja limitada e limitadora, eis onde o sertão não está. Tendo, como o destino, um começo e um fim, ele está por toda parte e, então, as próprias ideias contidas em “começo” e “fim” deixam de ter um sentido. Deixam de indicar qualquer coisa: mesmo a direção de um rumo. Será por isso que, ao final, nada importará ao não ser a travessia? E tornará ela o homem humano, justamente porque é o que existe entre o começo e o fim? Entre as certezas? (BRANDÃO, 1998, p.99)

O historiador Raimundo Girão, no livro *Pequena História do Ceará*, destaca que o sertão nordestino, apesar de ser castigado pelas secas, é um ambiente sadio:

O sertão, igualmente indiferenciado no seu aspecto geral, é a zona mais quente, mais ferida pelas carências da chuva, mais ensolarada e ventilada e, por isso mesmo, mais sadia, com uma flora pouco densa e baixa. Girão, (1962, p.77)

O sertão aparece na fala de muitos moradores de Guarimiranga quando relatam aspectos de suas vidas em que serra e sertão são espaços de complementaridade:

Desde que vivi no sertão de Caridade sempre trabalhei na agricultura. Planto milho, feijão, fava, batata junto com meu marido, porque só num planto não. Não tem outro ramo de vida, nós vive da agricultura pra tudo. Meu marido não tem salário, eu não sou assalariada. Pra nos viver dá uns dias na agricultura e noutros faz bico. A agricultura tem o tempo certo de plantar e colher. (M.I., Linha da Serra, 2008)

A fala abaixo faz referência a um tempo passado, quando a terra na serra estava ruim para plantação e no sertão estava melhor:

Meu marido trabalhava no negócio de agricultura. Um dia se largou daqui, foi bater no sertão, plantar lá, que a terra aqui tava ruim, não tava dando mais nada... Meu marido se virava com muita coisa: plantava no sertão e tomava conta duma vacaria no major Hugo [na serra] e assim ele vivia. (M.L., Pé de Ladeira, 2010)

Deve-se destacar também que a vida sertaneja obedece a ritmos de tempo marcados pela sazonalidade entre os períodos seco e chuvoso no que se refere à roça e ao gado. No período seco, após a colheita dos últimos alimentos do roçado (setembro a novembro), a terra de plantio é preparada para receber as sementes que brotaram no período chuvoso (janeiro a abril). O roçado é feito de forma itinerante, ocupando pequenos espaços nas vertentes dos morros. Os produtos mais plantados também são característicos do sertão como: milho, feijão, fava e jerimum. Também foram encontrados em menor quantidade plantações de gergelim, girassol e mamona. Margarida Maria Moura, no seu estudo sobre os camponeses enfatiza:

Vivendo na terra e do que ela produz, plantando e colhendo o alimento que vai para a sua mesa e para a do príncipe, do tecelão e do soldado, o camponês é o trabalhador que se envolve mais diretamente com os segredos da natureza. A céu aberto, é um observador dos astros e dos elementos. Sabe de onde sopra o vento, quando virá a primeira chuva, que insetos podem ameaçar os seus cultivos, quantas horas deverão ser dedicadas a determinada tarefa. Seu conhecimento do tempo e do espaço é profundo e já existia antes daquilo que convencionamos chamar de ciência. (MOURA, 1986, p.9)

As famílias que possuem pequeno rebanho de gado tradicionalmente deslocam os animais da serra para o sertão no período chuvoso, retornando quando a estiagem começa. Essa sazonalidade que marca a economia doméstica camponesa aparece como um traço constitutivo desse modo de vida, demonstrando sua adaptabilidade ao meio natural que abrange a relação serra-sertão. Nesse sentido, Antônio Cândido, na sua obra *Os Parceiros do Rio Bonito*, já comentava:

[...] para cada sociedade, num determinado momento, há uma equação necessária entre o ajuste ao meio e a organização social. Nas sociedades civilizadas, de grande volume demográfico, há tantas subequações quantos grupos diferenciados pelo gênero de vida – pois há um ajustamento do camponês e outro do cidadão; do rico e do pobre; do lavrador e do criador etc. (Cândido, 2001, p.32)

A periodicidade das atividades domésticas é demonstrada com detalhes no trabalho sobre os Nuer, feito por Evans-Pritchard (1978) e em Godoy (1993) citados no capítulo 4.

Pode-se apontar a ideia de relatividade do tempo nas relações sociais dessas famílias que deslocam periodicamente até as Quebradas para “botarem roçado”, onde as variações sazonais implicam novos arranjos socioeconômicos dentro do grupo. Para Lefebvre (1981, p.156),

A comunidade rural (camponesa) é uma forma de agrupamento social, que organiza, segundo modalidades historicamente determinadas, um conjunto de famílias fixadas ao solo. Esses grupos elementares possuem por um lado, bens coletivos e indivisos, e por outro, bens “privados”, conforme relações variáveis, mas, sempre, historicamente determinadas. Encontram-se ligadas

por disciplinas coletivas e designam – tanto tempo quanto a comunidade guarda uma vida própria – mandatários responsáveis para dirigir a realização dessas tarefas de interesse geral.

E Carney (2007, p.126) completa:

[...] os aspectos físicos e humanos juntos constituem o caráter geográfico total de um lugar específico. Assim, os geógrafos têm especial interesse na qualidade dos lugares. Quer se trate de uma aldeia de pescadores na costa da China ou de uma agitada cidade árabe, os geógrafos querem saber como as pessoas implantaram suas tradições naquele local, o que as sustenta e como interagem com outros lugares.

Descendência e territorialidade são pontos fundantes para a definição do campesinato. As variações que um e outro apresentam em sua relação com a sociedade mais ampla podem guardar um maior tradicionalismo ou adotar novas práticas que permitam sua manutenção. Segundo Woortmann, K. e Woortman, E. (1997, p.47):

As diferentes teorias sobre o campesinato enfatizam a centralidade do grupo doméstico e de seu ciclo evolutivo na produção e, no caso de Chayanov, na diferenciação demográfica. O número de filhos conduz a uma contradição: são força de trabalho, mas são também herdeiros; num momento possibilitam a produção-reprodução e, em certos momentos do ciclo evolutivo, tornam possível a produção de um excedente. Noutra momento, como herdeiros, podem levar a reprodução do campesinato à crise, pelo excessivo fracionamento da terra.

Na área em estudo o sertão é mais que um lugar na memória dos moradores da serra: é uma complementaridade para a reprodução da vida em uma situação de mudança. Ele traduz um modo de vida que se refaz na travessia. Travessia esta que impõe transformações significativas no cotidiano, pela expropriação da terra de morada e de trabalho, que é imposta pela especulação imobiliária impulsionada pelo *marketing* do turismo. O sertão surge então como estratégia de preservação das condições de produção das famílias que não têm mais terra para plantar.

Evidentemente, a população local não está completamente excluída do processo que dá subsídios à atividade turística, uma vez que se insere enquanto mão de obra necessária para o funcionamento da atividade ou, ainda, utiliza-se da infraestrutura implantada para viabilizar a expansão do turismo. Entretanto o desenvolvimento territorial não atinge a toda a sociedade local de modo a beneficiar a todos igualmente, assim, as novas atividades trazidas pelo turismo deixam grande parte da população às margens desse processo. Utilizando as reflexões de José de Sousa Martins, trata-se de uma população não incorporada aos frutos e à rentabilidade do capital investido nessa área, desenraizada de seu modo de vida camponês. Por isso, as categorias “excluído” e “exclusão” são categorias de orientação conservadora.

Não tocam nas contradições. Apenas as lamentam. O “excluído” é duplamente capturado pela sociedade que o rejeita:

O “excluído” é, na melhor das hipóteses, a vivência pessoal de um momento transitório, fugaz ou demorado, de exclusão-integração, de “sair” e “reentrar” no processo de reprodução social. E sair de um jeito e reentrar de outro, pois a sociedade que pede contínua ressocialização de seus membros, contínua reelaboração das identidades. (MARTINS, 2002, p. 46).

1.1. O trabalho de campo

O presente trabalho apoia-se na abordagem qualitativa. Não que esse método seja seguido com todas as suas regras, mas sim como um dos princípios básicos, cuja aplicação é adequada ao objeto de estudo sempre que necessário. Sua contribuição na pesquisa se dá por possibilitar a exposição das perspectivas, dos sentimentos, das motivações e das atitudes, sejam individuais ou coletivas, de cada grupo estudado. Para Becker (2004), nesse método de pesquisa, a quantidade é substituída pela profundidade, ou seja, importa mais analisar uma questão a fundo e sob diferentes pontos de vista, em toda sua complexidade, do que quantificar pessoas, animais, edificações etc. As palavras de Sarmiento (2004, p.149) reforçam que “a investigação qualitativa centra-se em entendimentos múltiplos do mundo, e não em descrições estatísticas e análises de fenômenos, e tenta destacar, comunicar e em alguns casos emancipar, em vez de generalizar, prever e controlar”.

Após uma pesquisa sobre o município em órgãos públicos e sites da internet, o trabalho de campo mostrou-se fundamental para identificar a realidade vivida em localidades de Guaramiranga onde as pessoas tiram o sustento dos recursos naturais. Embora o exemplo aqui seja Guaramiranga, essa mesma problemática é vivida por muitos outros que moram em áreas cuja riqueza natural em algum momento da história desperta o interesse dos que vem de fora.

A primeira localidade estudada é denominada Pé de Ladeira e fica na subida da Serra de Baturité, às margens da rodovia CE-065, que dá acesso a Fortaleza. Várias famílias de antigos agricultores atualmente sobrevivem da confecção de artesanato, cuja matéria-prima, o cipó, é retirada da floresta. A segunda localidade, Linha da Serra, encontra-se na divisão entre serra e sertão e abriga famílias que sobrevivem da agricultura de subsistência.

Nos dois primeiros anos da pesquisa, o campo foi realizado sempre durante as férias de janeiro/fevereiro e julho/agosto. Esses intervalos algumas vezes prejudicaram a pesquisa pois a confiança adquirida entre os entrevistados muitas vezes foi esquecida, sendo necessário a cada retorno explicar novamente. Por outro lado, esses intervalos contribuíram para refletir

sobre o assunto, colocá-lo em debate nos congressos e seminários onde foram apresentados trabalhos.

Em fevereiro de 2007, mesmo antes de iniciar as disciplinas do Curso de Doutorado em Geografia da Universidade Estadual Paulista (UNESP), foi realizado o primeiro campo, tendo com principal objetivo identificar as várias localidades do município onde vivem grupos familiares, antigos moradores dos sítios que trabalhavam na agricultura. Como indica Thompson:

A melhor maneira de dar início ao trabalho pode ser mediante entrevistas exploratórias, mapeando o campo e colhendo idéias e informações. Com a ajuda destas, pode-se definir o problema e localizar algumas das fontes para resolvê-lo. Do mesmo modo que a “entrevista piloto” de um grande levantamento, uma entrevista de coleta de informações genéricas no início de um projeto local pode ser uma etapa muito útil. (THOMPSON, 1992,p.254)

Nas primeiras conversas com os moradores, os relatos confirmaram o acerto do local para ser realizada a pesquisa, pois a população enfrenta mudanças significativas com as transformações vividas nas últimas décadas e que nem sempre são percebidas pelos visitantes tampouco registradas. No entanto, o olhar da autora já estava treinado para identificar tais mudanças e perceber a realidade de forma diferenciada dos demais visitantes:

Talvez a primeira experiência do pesquisador de campo – ou no campo – esteja na domesticação teórica de seu olhar. Isso porque, a partir do momento em que nos sentimos preparados para a investigação empírica, o objeto, sobre o qual dirigimos nosso olhar, já foi previamente alterado pelo próprio modo de visualizá-lo. Seja qual for esse objeto, ele não escapa de ser apreendido pelo esquema conceitual da disciplina formadora de nossa maneira de ver a realidade. (OLIVEIRA, 2000, p.17)

Na maioria das vezes a pesquisadora foi só ao campo devido ao fato de Guaramiranga ser um município turístico. Durante os festivais, os hotéis estão sempre lotados, sendo que alguns são reservados com antecedência de até um ano.

A pesquisa utilizou fontes de dados variadas, dando ênfase aos relatos de membros das organizações sociais, às memórias dos moradores, a documentos sobre a história local e à descrição dos eventos culturais. Os dados foram coletados em quatorze visitas ao campo:

Fevereiro de 2007. Visitas à Prefeitura Municipal de Guaramiranga, à biblioteca pública, à Secretaria de Cultura e Turismo na sede municipal. De moto-taxi, foram visitadas as localidades de Pilões, Agostinho, Bananal, Sítio Riacho Fundo e distrito de

Pernambuquinho, registrando-se por meio de fotografias as mudanças e conversando com alguns moradores.

Agosto de 2007. Na sede, foram visitados o Conjunto Frei Domingos, o Conjunto Santa Edwirges e o Conjunto Habitacional – COAHB. Para ir à comunidade Pé de Ladeira, o transporte utilizado foi um pau de arara, que faz linha diária até Baturité, levando pessoas que fazem compras na feira e no comércio local.

Fevereiro de 2008. Foram realizadas duas incursões. A primeira teve o objetivo de registrar o Festival de Jazz e Blues e a segunda analisou a repercussão do festival nas localidades.

Julho de 2008. Foram colhidas as primeiras entrevistas gravadas nas localidades Linha da Serra e Pé de Ladeira e também no centro de artesanatos, na sede.

Agosto de 2008. As entrevistas gravadas continuaram nas localidades: Pé de Ladeira, Bananal, Pernambuquinho, Sítio dos Pilões. Na Linha da Serra foi possível acompanhar um grupo de agricultores na colheita de fava. Com a indicação dos moradores, novos lugares foram visitados como: Sítio Lagoa, Pendanga, Botija, Betânia, Forquilha e Conjunto Pôr do Sol.

Agosto de 2009. Com objetivo de tirar pontos no GPS, de carro, foram percorridas as localidades: Pé de Ladeira, Sede de Guramiranga, Pernambuquinho, Botija, Forquilha, Bananal, Sítio Abreu, Betânia, Sítio dos Pilões, Sítio Águas Boas, Linha da Serra, Pico Alto, Pendanga, Lagoa, Sítio Arábia, Porangaba. Nesse momento, foi comprovado que algumas localidades administradas por Guramiranga faziam parte da área territorial de Mulungu.

Setembro de 2009. Foi registrado o XVI Festival Nordestino de Teatro, a fim de identificar a participação dos moradores locais nesse evento.

Dezembro de 2009. Visita aos sítios antigos produtores de café; na comunidade de Suzana, acessou-se os registros do Agente de Saúde da comunidade Pé de Ladeira.

Fevereiro de 2010. Devido ao atraso do período de chuva, uma semana antes do Festival de Jazz e Blues, a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (EMATERCE) estava distribuindo as sementes para os produtores rurais. Pela segunda vez foi registrado o Festival de Jazz e Blues no período do carnaval.

Março de 2010. Visita com a orientadora na Sede, Linha da Serra, Pé de Ladeira.

Abril de 2010. Visitas às escolas da Sede e da Linha da Serra; entrevistas com professores e coordenadores. Também foi realizado roteiro pelos sítios em pau de arara, observando-se o dia a dia dos que utilizam esse meio de transporte.

Junho de 2010. Entrevistas na Linha da Serra, no Conjunto Frei Domingos e em Santa Edwirgens; visita aos sítios Cajueiro, Monte Flor e Santinho.

Junho de 2010. Visita com orientadora, esclarecendo algumas dúvidas e refazendo algumas entrevistas.

Julho de 2010. Finalmente, hospedada em um sítio, foi possível vivenciar o dia a dia dos moradores, observar seu modo de vida, entrevistar os que trabalham com gado, conhecer condomínios fechados e também a localidade Barra.

Conforme exposto, a partir de agosto de 2009, foi dado início a uma fase mais ampla da pesquisa de campo, com mais detalhes a respeito das localidades estudadas, a fim de se realizar o que Geertz (1989) denomina de “descrição densa”. O trabalho de campo baseado em entrevistas é gratificante em muitos sentidos, sobretudo pelo contato com a população de hábitos simples, mas também é por vezes cansativo e difícil. Conseguir que as pessoas manifestem interesse pelas questões propostas e se sintam suficientemente à vontade não é tarefa fácil, mas sim um desafio.

Nesse longo percurso de atividades, foram inseparáveis da autora uma caderneta de campo, um gravador e uma máquina fotográfica, por meio dos quais foram registrados detalhes do cotidiano e pensamentos discutidos com amigos e moradores.

As gravações das entrevistas foram realizadas em localidades já visitadas anteriormente onde o trabalho e seu objetivo já tinham sido esclarecidos aos entrevistados. Estes falavam livremente sem limitação de tempo ou respondiam as perguntas da autora, que também fazia observações quando o assunto era-lhe familiar. Com isso aconteceu um diálogo entre iguais, deixando os entrevistados mais à vontade, como cita Roberto Cardoso de Oliveira:

Desde que o pesquisador tenha a habilidade de ouvir o nativo e por ele ser igualmente ouvido, encetando formalmente um diálogo entre “iguais”, sem receio de estar, assim, contaminando o discurso do nativo com elementos do seu próprio discurso. Mesmo porque, acreditar ser possível a neutralidade idealizada pelos defensores da objetividade absoluta, é apenas viver uma doce ilusão. Ao trocarmos idéias entre si, etnólogo e nativo, ambos igualmente guindados a interlocutores, abrem-se a um diálogo em tudo e por tudo superior, metodologicamente falando, à antiga relação pesquisador/informante. O ouvir ganha em qualidade e altera uma relação, qual estrada de mão única, em uma outra mão dupla, portanto uma verdadeira interação. (OLIVEIRA, 2000, p.24)

As entrevistas foram transpostas para o texto de maneira fragmentada, com apenas as iniciais do nome do entrevistado e, quando necessário foram ocultados, citando apenas sua profissão.

Nas localidades visitadas, foram feitos em detalhe registros fotográficos, a fim de retratar os tipos de habitação, as ocupações, os ambientes, os costumes. Esse material, assim como a fala dos entrevistados, encontra-se presente em todo o texto, objetivando uma melhor compreensão do leitor no que se refere ao modo de viver local.

Logo no início do trabalho de campo, pôde-se constatar que o turismo não beneficia as localidades de forma homogênea, já que a maioria delas não está na rota que leva os visitantes. Por estarem distantes da Sede municipal, o seu acesso é restrito pela falta de transporte público. A infraestrutura turística se restringe à Sede municipal e à Linha da Serra, bem como a alguns sítios transformados em Pousadas e Restaurantes, que funcionam apenas nos finais de semana, férias, feriados e durante os eventos. O restante dos locais visitados não dispõe de pousadas e nem de pequenos restaurantes, assim. Assim no final do dia, era necessário retornar à Sede para dormir e fazer refeição ou então se abrigar nas casas dos moradores.

Dessa forma, a pesquisadora ficou alojada em pousadas e em casas de amigos. Durante o Festival de Jazz e Blues de fevereiro de 2008, alugou um quarto em uma residência na sede, cujo quintal, embora sem infraestrutura, era alugado para *camping*. No início da pesquisa, fazia-se longas caminhadas comuns entre muitos moradores, mas as entrevistas na sede denunciaram que nos últimos anos têm acontecido assaltos. Dessa forma, os transportes utilizados foram moto-taxi, carro particular, pau de arara e ônibus escolar.

Além das localidades citadas, também foram visitados pontos turísticos, como o Pico Alto, Cachoeiras, Museu do Engenho, Museu da Fotografia, Parque das Trilhas, algumas trilhas em sítios particulares, Pesqueiro, as igrejas de Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora de Lourdes na sede, restaurantes, pousadas e hotéis, sítios antigos produtores de café, áreas de *camping* e campo de pouso (desativado).

Assim, a pesquisa de campo buscou apreender os costumes e o dia a dia dos moradores de Guaramiranga que vivem nas localidades a serem descritas nos capítulos 3 e 4, dando destaque às que recebem maior influência do turismo mas que dependem dos recursos naturais para sobreviver.

Visitas a roçados, refeições nas casas dos agricultores e artesãos foram momentos que permitiram à autora vivenciar um pouco do cotidiano. E nas observações *in loco* como também na fala de alguns moradores ficou clara a existência de outras Guaramirangas bem diferentes daquela divulgada nos meios de comunicação como: cidade das flores, Suíça brasileira, paraíso natural, cidade da arte, entre outras. Pois essa Guaramiranga é apenas concebida por poucos moradores e pelos que vêm de fora, mas não vivida pela maioria da população local.

2. GUARAMIRANGA: DOS CORONÉIS AOS EMPRESÁRIOS.

Guaramiranga, talvez saibam, é uma pequena mas famosa cidade de veraneio, na nossa Serra de Baturité. Não há cearense que não fique lírico quando fala de Guaramiranga, paraíso escondido num vale entre as serrarias, clima ideal, águas de nascente, ares puríssimos. Região produtora de café e cana, suas culturas especiais são, contudo, a fruta e a flor. Ah, as rosas e os amores-perfeitos de Guaramiranga!

Raquel de Queiroz (1998)

2.1. Histórico de ocupação

A história do Ceará registra um processo de colonização tardia se for comparado com outras áreas do país. Uma das razões foi a inadequação do território à exploração econômica do açúcar. Contribuiu a dominância de uma faixa litorânea, com dunas que se estendiam desde o Ceará até o Maranhão, com ventos desfavoráveis às embarcações a vela.

As serras e planaltos, áreas com maior umidade e dificuldade de acesso eram habitados por povos indígenas que viviam de modo primitivo, retirando da mata alimentos, armas e demais utensílios para a sua sobrevivência. Como relata o historiador Thomaz Pompeu (1908), a presença indígena retarda a ocupação:

As condições arriscadas de sua penetração, caminhos inadequados, escorregadios e ondulados, existência de índios rebeldes desconfiados das amizades dos brancos, fizeram com que se considerassem as terras serranas sem préstimos e sem valor. Este pensamento perdurou por muito tempo só começando a ser modificado com as secas que castigaram o Ceará nos anos de 1777 – 1778 e 1790 – 1793.

As constantes secas que arrasavam o sertão cearense, matando o gado e dificultando a vida dos agricultores, motivaram a migração de muitos fazendeiros do sertão semiárido a procurar melhores condições de sobrevivência na serra de Baturité. Farias (2001), no livro Nossa História de Conceição à Guaramiranga, relata que:

Os sertanejos temerosos das desgraças da fome, da sede e da morte de seu gado, procuraram aproximar-se das serras, garantido assim um local para refrigerar os rebanhos e para saciar sua própria sede. Foi na localidade Conceição (atual Guaramiranga) que se deu a primeira ocupação no final do século XVIII. Os índios que habitavam a área foram perseguidos e quando dominados ficaram reunidos no pé da serra, na aldeia dos índios de Monte-Mor, (hoje Baturité). (FARIAS, 2001, p.12)

A partir de então, alguns fazendeiros com suas famílias e moradores, que dispunham de uma reserva em dinheiro, partiam para a Serra levando animais necessários à sua condução e algumas vacas leiteiras. Dirigiam-se aos lotes de terras que tiveram de comprar dos exploradores, os quais, vendo a oportunidade de um bom negócio, os tinham precedido.

A atividade principal de fixação do homem na serra foi a agricultura, que, apesar da diversidade natural e de possibilidades de outras atividades agrícolas, se concentrou ao longo do tempo em monoculturas. Na área serrana, o café, nas planícies alveolares, e a cana-de-açúcar foram as principais culturas que moldaram a formação dos núcleos urbanos e de trabalho (BRASIL, 2002, p.74).

No entanto, Raimundo Girão, no livro *Pequena História do Ceará*, discorre sobre as contínuas secas e a luta do sertanejo pela sobrevivência:

Quatro das chamadas sêcas grandes verificaram-se no terceiro século (1800-1900): as de 1824 – 25, de 1845, de 1877 – 79 e de 1888 – 89, ou seca dos três oito. Os sertanejos, não achando mais o que comerem, abandonaram suas moradas, retirando-se para o Cariri e demais serras úmidas da província. (GIRÃO, 1962, p.316)

De acordo com estudo de Lima (1994), o café foi introduzido na serra de Baturité em 1824:

Em Baturité o café foi introduzido em 1824 por Antônio Pereira de Queiroz de mudas ou sementes trazidas do Cariri para o sítio Mucahipe (ou Munguaípe), plantadas ao redor de sua casa. Ainda em 1824, o café foi plantado pela primeira vez em Mulungu, no sítio Bagaço, por Felipe Castelo Branco, que trouxera mudas ou sementes do Pará. (LIMA, 1994, p.100)

O intervalo entre as secas de 1845 a 1877 possibilitou o desenvolvimento de várias culturas na serra, com boa adaptação do café. O fato desencadeou uma verdadeira corrida pela aquisição das terras e em poucos anos essa área apresentava influência na economia estadual, produzindo frutas e legumes para a capital e cana-de-açúcar (transformada em rapadura) para os sertões. E, além do algodão arbóreo cultivado nos pés de serras, produzia toneladas de café que eram exportadas para a Europa. Dessa forma, Vinícius Barros Leal destaca no documentário *Guaramiranga: ontem, hoje e sempre*:

Guaramiranga teve um progresso na cultura do café como em outras culturas e isso influenciou na economia do Ceará ao ponto de construir uma estrada de ferro de Fortaleza até Baturité para atender a exportação. (GUARAMIRANGA, 2004)

Raimundo Girão, no livro *Pequena História Econômica do Ceará*, comenta a importância das famílias que ocuparam a serra e que se destacaram fazendo nome e fortuna com a produção do café:

[...] merece destaque a pequena nobreza dos cafezais baturiteenses, de famílias ricas com hábitos e costumes mais apurados e projeção social mais saliente. Os Linhares, os Caracas, os Holanda, os Ferreira Lima, os Queirós, os Sampaio, os Dutra, dos quais não saíram homens ilustres, são os representantes mais em alto daquela fidalguia serrana. (GIRÃO, 1947, p.371-372)

O intenso cultivo do café contribuiu para a rápida ocupação da região. Com a divulgação da oferta de trabalho, ocorreu um grande deslocamento populacional. A mão de obra era composta principalmente por mestiços, índios e negros que tinham ganho a liberdade bem como por sertanejos que sonhavam melhorar de vida e que passaram a ser moradores nas fazendas de café. Esses moradores trabalhavam muitas vezes sem receber salário, apenas para garantir o sustento. O Planejamento Biorregional do Maciço de Baturité destaca esse momento:

A cultura do café beneficiou-se das condições climáticas e dos solos favoráveis que o Maciço apresentava, o que permitiu o primeiro surto de expansão econômica da região. As técnicas, contudo, permaneceram rudimentares. A utilização de queimadas, as ingazeiras e camunzéns para proteção e adubação natural, a utilização da mão-de-obra feminina das “apanhadeiras” na colheita, o barreiro, a medição e a faxina, compõem o cenário da antiga cultura do café no Maciço. (BRASIL, 2002, p.76).

Em 1890, por meio de Decreto, o povoado de Conceição foi elevado à categoria de Vila e no mesmo ano seu nome é alterado para vila de Guaramiranga⁵. Logo a Vila passou a ser o principal ponto de encontro dos ricos proprietários da Serra, que habitualmente ali se encontravam para discutir política e realizar muitos dos seus negócios com mostra as fotos 1 e 2.

⁵ A história de Guaramiranga é marcada por mudanças significativas na sua organização política, administrativa e territorial. Seu primeiro nome foi Conceição até que a Lei no 1.580 de 18 de setembro de 1873 elevou o local à categoria de freguesia, e toda sua área territorial passou a se chamar Freguesia de Nossa Senhora da Conceição. Anos depois, em 01/09/1890, passou a ser Vila de Nossa Senhora da Conceição através do Decreto nº. 55. Em seguida, no dia 4 de setembro do mesmo ano, o Decreto no 59 mudou o nome do povoado para Vila de Guaramiranga.

Em 25/08/1899, o Decreto no 550 anexou Guaramiranga, Mulungu, Pacoti e Coité (hoje Aratuba) a Baturité. Guaramiranga perdeu a condição de Vila, passou a ser simples povoado e denominar-se Conceição, seu antigo nome. Em 1921, através da Lei no 1.887, foi criado o município de Guaramiranga e a ele ficou anexo Mulungu; o distrito de Pernambuco continuou pertencendo a Baturité. Em 1931, através do decreto no 193, houve a reforma administrativa que extinguiu os municípios criados anteriormente na serra de Baturité e suas áreas passaram a pertencer ao município de Baturité.

Em uma nova revisão territorial, o município de Pacoti passou a constituir os seguintes distritos: Pacoti, Guaramiranga, Mulungu e Coité (Aratuba). O Decreto-lei no 169, de 31/03/1938, retificado pelo de no 378, de 20/10/1938, anexa Pacoti a Comarca de Baturité. A emancipação política definitiva só foi conquistada em 1957, quando a Lei no 3.679 de 11 de julho do mesmo ano restaura o município de Guaramiranga e fixa os seus limites territoriais.

A partir de então Guaramiranga conta com a sede municipal, um distrito, Pernambuco, e vários povoados com pouca infraestrutura, formados por moradores dos antigos sítios produtores de café.



Fotos 1: Rua Joaquim Alves Nogueira. Onde muitos negócios aconteciam.

Fonte: Guaramiranga: ontem, hoje e sempre (2004).



Fotos 2: Rua Joaquim Alves Nogueira (Rua Principal) no início do Século XX.

Fonte: Guaramiranga: ontem, hoje e sempre (2004).

As pessoas que trabalhavam nas grandes fazendas e sítios eram submetidas a um regime árduo com muitas horas de trabalho fiscalizadas por um feitor. Os coronéis, como eram chamados, exigiam respeito de todos e quando acumulavam fortuna também eram poderosos a ponto de comandar a política local e influenciar na estadual. A fala do professor Xico Luiz demonstra que a terra passava de coronel para coronel.

O sítio Uruguaiana era do coronel Dadá e da dona Libânea, o coronel, por morrer ainda novo, deixou o maior reinado para a viúva. E que reino! Das varandas do Uruguaiana eram comandados muitos sítios e fazendas, léguas e léguas de terra, até no Piauí...O sítio Pau d'Alho, junto a Pacoti, do coronel Epifânio Ferreira Lima, posteriormente do coronel Aprígio Alves Barreira Cravo e depois do coronel José Marinho de Góes, também com sua roda d'água e belos baixios de cana. O palacete do Pau d'Alho seria outra referencia da arquitetura serrana. Dizia-se mesmo assim, coronel praqui, coronel pracolá, assim eram conhecidos, assim eram cumprimentados, assim eram amados, assim eram odiados. Imperavam àquela época. Sob o manto de Gilberto Freyre eu diria que se vivia um regime patriarcal e agrícola muito embora tardio é claro. Tardio, pois a serra foi domesticada mesmo já no século XIX e claro pela escassez de negros. (<<<http://newsgroups.derkeiler.com/Archive/Soc/soc.culture.brazil>>> Acesso: em junho de 2010).

Hugo Mattos Brito, um dos herdeiros das terras de Guaramiranga e conhecedor da sua história, relatou em entrevista sobre o cinquentenário do município:

Na segunda metade do século XIX, a serra de Baturité, principalmente o povoado de Conceição, passou por uma fase de muita prosperidade, período da produção de café, que propiciava às famílias mais abastadas mandarem os filhos estudar em centros mais desenvolvidos, tais como Salvador, Rio de Janeiro e até a Europa. (Revista Crescer, 2007, p. 22)

O pilamento do café era demorado e poucos sítios tinham as máquinas adequadas. A fazenda Bom Sucesso tinha boas condições hídricas e com um potente rodeiro, passou a pilar

grande parte do café da serra a partir das últimas décadas do século XIX. Mesmo assim, a máquina não dava conta de beneficiar toda a produção que continuava crescendo. E mais e mais fregueses queriam fazer negócios: comprar, vender ou apenas pillar o café.

O dono da fazenda Bom Sucesso, Manoel d'Oliveira Figueiredo, percebeu a possibilidade de negócio e para não perder os fregueses teve a ideia de trocar o café por moedas que foram cunhadas em 1895 em bronze e tinham três valores: uma terça (8 litros), uma quarta (32 litros), um alqueire (128 litros). Tudo era medido antes de pillar (Figura 2). A garantia era o próprio nome conhecido na serra como homem de negócios e honesto. A partir de então os donos do café deixavam o produto e recebiam as moedas.



Figura 2: Moedas em bronze cunhadas em 1895, Fazenda Bom Sucesso.
Fonte: <<<http://www.forum-numismatica.com/viewtopic.php?f=60&t=24497>>>
Acesso: 10.06.2010.

As moedas circulavam na serra e tinham boa aceitação entre os comerciantes, criando uma espécie de crédito local.

Naquele tempo outro produto se consolida entre os sitiantes embora com pouca importância na economia cearense: a borracha, extraída da maniçoba (planta nativa da própria serra). Segundo Xico Luiz⁶,

Nos roçados abandonados onde morria o café a maniçoba nascia em abundância, e assim, a serra conheceu um "ciclo da borracha" desconhecido de muitos nos dias de hoje [...] Com a crise da borracha surgem as dificuldades financeiras das pessoas envolvidas com sua extração aqui na serra e muitos sítios são perdidos pelos primitivos donos a favor desta corte estrangeira. O Bank of London e os Boris (Boris Frères & Cia. Ltda.) passam a ser possuidores de muitos sítios na serra.

Girão, 1947 discorre sobre a interferência da borracha na economia cearense:

Pode-se dizer episódica a interferência da borracha como factor económico no Ceará. Não se extraía da *Hevea brasiliensis*, senão doutra eufobiácia mais modesta a maniçoba ou *Manihot glaziovii*, em tímida escala, da ainda mais pobre apocinácea [...] Espalhadas nativamente nos aclives das serras de Maranguape, Pacatuba, Baturité, Jubaia, Juá, Machado e Uruburetama e certas zonas do sertão, especialmente de Assaré e Aracatiaçu, as matas de maniçoba só entraram em função económica após 1845, fornecendo o látex para as procuras comerciais, que o cotavam como tipo próprio com o nome de Ceará scrap. (GIRÃO, 1947, p.380)

Quando Manoel d'Oliveira Figueiredo entrou no negócio da borracha, esse produto garantia lucro fácil e rápido. No entanto, o comércio durou pouco tempo, causando a perda da terra de muitos investidores. Rapidamente espalhou-se o boato de que o sr. Manoel poderia ir a falência, já que tinha investido nesse produto. Destarte, os credores, temendo perder seus lucros, imediatamente queriam trocar as moedas por café. Entretanto não existia café em quantidade suficiente na Fazenda Bom Sucesso. A saída foi vender suas terras para pagar as dívidas e juntar as moedas que estavam espalhadas para limpar seu nome mas, não resistindo às pressões de perdas, suicidou-se.

As moedas foram doadas a um amigo e hoje pertencem ao professor Xico Luiz, que tem um site⁷ na internet e comenta:

Em 1995, comemorando os cem anos das moedas, pois todas têm a data de 1895, pus em leilão, em São Paulo, na Sociedade, três moedas. Alcançaram um valor surpreendente, tanto que com o apurado comprei cinco moedas da antiguidade, inclusive uma de antes de Cristo.

No documentário Guaramiranga: ontem, hoje e sempre, o historiador Vinícius Barros Leal mostra uma figura das plantações de café no Sítio Guaramiranga em 1906, período em que o terreno era desmatado e queimado para ser plantado (Figura 3).

⁶ Disponível em: <http://newsgroups.derkeiler.com/Archive/Soc/soc.culture.brazil/2008-05/msg.html> Acesso em: junho de 2010.

⁷ Disponível em: <http://www.forum-numismatica.com/viewtopic.php?f=60&t=24497> Acesso em: junho de 2010.



Figura 3: Plantação de café no Sítio Guaramiranga em 1906.
Fonte: Guaramiranga: ontem, hoje e sempre (2004)

Mesmo com difícil acesso, os mais antigos relatam que as famílias ricas do Ceará visitavam a Serra constantemente, e que, ao retornarem à capital, contavam aos amigos as grandes semelhanças com o clima e as paisagens europeias. Os fazendeiros locais recebiam convidados ilustres que passaram a divulgar o lugar com codinomes, tais como “Suíça Cearense” e “Cidade das Flores”, ainda hoje usados nos meios de comunicação que fazem o *marketing* local. Como lembra Raquel de Queiroz (1998), “[...] em 1919 Guaramiranga já estava na moda; as pessoas que podiam, passavam lá suas temporadas de verão, alugando casas ou se hospedando nas várias pensões”.

Atualmente de conhecimento de poucos, no entanto, o Livro Terra Cearense (Foto 3) registra como os italianos chegaram a Guaramiranga:

Em 1924 foi publicado o livro Terra Cearense, pelo governo do Estado do Ceará um livro convidando os italianos a virem se estabelecer no Ceará. O livro escrito nas duas línguas, o Português e o Italiano, fala sobre as belezas dos municípios cearenses entre eles o município de Guaramiranga o seu comércio ativo e o progresso através da rodovias e da estrada de ferro⁸.

⁸ Documentário Guaramiranga: ontem, hoje e sempre (2004)

Nas fotos antigas de Guaramiranga, consta o registro do Sítio Monte Grappa, antigo Nancy. (Foto 4). O Monte Grappa é uma montanha localizada na região de Vêneto, no norte da Itália.



Foto 3: Livro Terra Cearense convidando os italianos a morar no Ceará.

Fonte: Guaramiranga: ontem, hoje e sempre (2004).



Foto 4: Sítio Monte Grappa – antigo Nancy. Comércio do Sr. João Barsi. Guaramiranga, 2004.

Fonte: Guaramiranga: ontem, hoje e sempre (2004).

Enquanto o café dava grandes lucros aos patrões, os moradores trabalhavam praticamente pela troca de alimentos e moradia:

Existia o cartão de terça, meia quarta um alqueire, meio alqueire. Por exemplo: quem apanhasse um balaio grande, era meia quarta; quem apanhasse 4, era meio alqueire; às vezes se juntava a família, que na época de anos atrás uma pessoa só apanhava um alqueire de café, apanhava 8 balaio. Eu trabalhava de feitor, que a turma ainda fala de feitor, quando é em apanha de café eu trabalhava com 40 mulheres no café. Quando era na época de 30, o pessoal trabalhava: um dia de serviço valia uma rapadura ou recebia um vale e ia na bodega, que às vezes o patrão não tinha dinheiro e o comerciante despachava isso. Há muitos anos meu pai mesmo dizia que o povo trabalhava por um tostão, dois tostão, que era o valor de uma rapadura, o dinheiro não tinha valor. Hoje você manda um menino dar um recado, ele não quer uma rapadura, quer é 10 real. (A.R. Sítio Gameleira, 2010).

Por serem moradores, até as crianças trabalhavam, muitas vezes deixavam de ir à aula no período letivo:

Nesse tempo não tinha emprego nem aposentadoria. Eu morava com meus avós eu apanhava café. Na época das aulas, eu passava dois meses sem ir à aula, sem estudar. A gente morava em sítio alheio e quem mora em sítio, quando chegava na época da apanha do café tinha que ir, não tinha história não. (M. V. A. Guaramiranga, 2010).

No entanto, os sítios sempre foram visitados por amigos, familiares e intelectuais, que sempre descreveram o local como paraíso:

Guaramiranga vivera grande efervescência nos anos 1940, quando turistas quase sempre amigos e parentes das famílias tradicionais (Caracas, Linhares,

Matos Brito, Holanda, Queiroz, Barrocas) para lá corriam atraídas pelo clima muito ameno da serra – clima que nos tempos atuais varia entre 18 e 26 graus centígrados. A economia de então, do café e da cana-de-açúcar, permitia regalias surpreendentes aos proprietários dos sítios de nomes bonitos, tais como: Cafundó, Monte-Flor, Bom Sucesso, Boa União, Tibaji, Botija, Brejinho, Brejo-das-Pedras, Pedras-de-Fogo e outros. Intelectuais como Quintino Cunha, Humberto de Campos, Gustavo Barroso e outros por ali curtiram suas amenidades ou estavam a tratamento.⁹

Alguns sites na internet escrevem sobre a genealogia de famílias e um pouco da sua história como as lembranças de Irmes Gottlieb:

Guaramiranga é como um sonho tranquilo, em que só acontecem cousas boas. Recordá-la, traz-me de volta a magia de minhas férias, sucessivas, nos idos de 1939, 40 e 41. Na época - a estrada de acesso, era carroçável e se fazia via Maranguape, Água Verde e, subindo a serra, tinha, como primeira cidade, Palmácia, dantes Palmeira... Naquele tempo, havia, nada mais e nada menos, do que, sete hotéis, destacando-se, entre eles, o Macapá, fora da cidade, de Dona Sinhá, o São José, logo no início da rua principal e o Santo Antônio. Quero, nestas alturas, prestar uma homenagem, a Quincas Alves, por considerá-lo o pioneiro dos super mercados, no Ceará. Com o tino comercial e coragem, ele se estabeleceu com uma loja -verdadeiro empório- onde, abastecia todos os serranos, do maciço de Baturité. Nem Fortaleza, me faz lembrar, uma loja comercial daquele porte. Faço, também, o meu registro ao Sr. João Barsi, italiano, mas, brasileiro de coração e que tinha um estabelecimento comercial, defronte ao Sr. Quincas Alves.¹⁰

Com o intenso desmatamento para a plantação do café, o solo já dava sinais de exaustão. Mas alguns proprietários perceberam a fácil adaptação de pés de café que cresciam na sombra das árvores. Dessa forma, passaram a intensificar sua produção, denominando-o de café sombreado, plantado principalmente na sombra de ingazeiras. Além da proteção do intenso sol, as árvores fertilizavam o solo com as folhas caídas. Em entrevista à autora o Major Hugo relata:

O café numa média de 50 anos que vinha produzindo - e era produzido a céu aberto - passou por uma fase de decadência tanto pela erosão e coincidiu com uma queda de preço muito grande. Então todos os grandes proprietários daqui entraram em falência e o meu avô, que era o Cel. Xixiu (Cel. Francisco Matos Brito), sistematizou o plantio de ingazeira. Então com isso ele conseguiu recuperar a economia e os outros proprietários seguiram o exemplo. Até hoje o café todo aqui na serra é protegido pela ingazeira. (Fevereiro de 2007)

Dona Alice, moradora e comerciante, lembra:

Vamos falar de 50 prá cá: era uma cidade não desenvolvida, mas toda vida foi uma cidade muito procurada porque tinha bons colégios e vinha gente de fora estudar aqui. Até de outros estados. Tinha um colégio interno, oito hotéis e era tudo lotado. A cidade nunca teve muita estabilidade. Agora tem

⁹ Disponível em: http://jcbmenezes.zip.net/arch2008-06-15_2008-06-21.html Acesso em: 11 de julho de 2010.

¹⁰ Disponível em: http://www.angelfire.com/linux/genealogiacearense/holanda_index.html. Acesso em junho de 2010.

uma coisa: nesse tempo, quem era rico, era rico, e quem era pobre, era pobre. Eu trabalhava no campo colhendo café, plantando horta, repolho, pimentão, cebola, batata inglesa. Meu marido era dono de horta e aqui de tudo dá. Era muito bom, tinha muita festa: tinha o baile dos ricos e o forró dos pobres. Sempre houve essa divisão: tinha o Macapá, um hotel grande que recebia gente de todo o canto, da Alemanha, americano. Minha irmã mais velha trabalhava lá, passava filme, tinha carnaval. (D. A. Sede, 2010)

Na década de 1970, o uso intensivo do solo ocasionou um agravamento no quadro ambiental da serra de Baturité. Após várias tentativas frustradas (apoiadas pelo governo) com diferentes formas de cultivo do café, o café sombreado foi substituído pelo café paulista, cultivado em pleno sol:

Arrancaram quase todo o café, foi muito triste. Era uma coisa que gerava renda uma vez por ano, mas a gente já tinha certeza que tinha como se manter. A primeira apanha que era apanha de cima- aí depois passava a apanhar o que caía no chão - era um bom dinheirinho. Hoje poucas pessoas ainda trabalham com o café. (M.G. Pé de Ladeira, 2007).

O Planejamento Biorregional do Maciço de Baturité põe em relevo os danos causados a biodiversidade com o intenso desmatamento:

Por volta do ano de 1972, a flora e a fauna e o solo da serra de Baturité sofreram novo impacto ambiental, de grande magnitude, com a tentativa de reintrodução e revigoramento da cultura cafeeira, através de culturas mais resistentes ao sol. O cultivo dessa rubiácea que era realizado sob cobertura da floresta, passou a ser feito a sol aberto, com o argumento que seriam empregadas práticas de conservação dos solos. Na primeira seca contingente, a cultura cafeeira sofreu novo baque, sendo abandonada ou substituída por fruteiras. Entretanto, os danos à biodiversidade foram mais significativos, pois houve desmatamento completo das áreas onde foi implantada a cultura, com alteração dos habitats e possivelmente eliminação de muitas espécies ali ocorrentes. (BRASIL, 2002, p.63)

Vale ressaltar que a produção do café no Ceará ocorreu nas áreas de maior altitude, onde os maiores índices pluviométricos e as temperaturas mais baixas eram favoráveis a essa cultura. Assim, o plantio foi efetivado nas serras de Baturité, Aratanha, Maranguape, Uruburetama, Meruoca e os planaltos sedimentares da Ibiapaba e Araripe. No entanto, Lima (1994) comenta que as terras não foram suficientes. Quando os cafezais envelheciam, não tinham novas áreas para plantar:

A adaptação do café no Ceará encontrou um obstáculo insuperável: a escassez de terra para a cafeicultura; se somarmos a esse dado, um outro, o envelhecimento dos cafezais, começaremos a entender, pelo menos em parte, o comportamento da sua produção. Outras mais terão sido as dificuldades que a cafeicultura encontrou no Ceará: a escassez de recursos financeiros; a precariedade das estradas; a inexistência de bons portos; o atraso tecnológico; as secas, etc. (LIMA, 1994, p.102)

Com a decadência da atividade cafeeira, alguns proprietários colocaram a terra à venda. Assim a Serra passou a ter outra função, os novos compradores usavam-na a Serra para lazer, descanso e tratamento de saúde. No entanto, muitos sítios foram abandonados e com isso a vegetação ressurgiu. Em poucos anos a mata apresentava sinal de recuperação: os cafezais não foram arrancados. A ainda fazem parte da cobertura vegetal, mas, pela idade e falta de cuidado, a produção é pequena.

A recuperação da mata estimulou alguns proprietários de terra na serra. Para Duran (1998, p. 221), curiosamente, o embrião do grupo de pressão que deu início ao movimento para a criação da Área de Proteção Ambiental de Baturité foi formado por veranistas de alta renda e produtores de café que não seguiram o programa do governo de erradicação do café sombreado. O movimento foi iniciado em meados da década de 1980 e, em 18 de setembro de 1990, o Governado do Estado cria, através de Decreto, a APA de Baturité. Delimitada, pela cota 600 metros, integrando os municípios de Aratuba, Baturité, Capistrano, Caridade, Guaramiranga, Mulungu, Pacoti e Redenção.

Até a década de 1990, a economia da região encontrava-se estagnada, as taxas de crescimento se apresentavam praticamente inalteradas. Guaramiranga, que centralizava a produção de café, foi um dos municípios mais afetados, tendo que buscar alternativas. O pequeno crescimento das culturas de flores (comercializadas em Fortaleza ou exportadas) e hortaliças, cultivadas nos fundos de vales, principalmente para o consumo local, não foi suficiente na geração de receitas para o município.

2.2 O turismo como política pública

A atividade turística foi a alternativa encontrada pelos empresários, com apoio dos governantes na esfera local e estadual para buscar o crescimento econômico, sendo o município de Guaramiranga o foco principal na área serrana.

Coriolano e Marinho (2002, p.253) descrevem essas transformações como estratégia governamental:

Até a década de 70, o Ceará desenvolvia uma economia quase exclusivamente agrícola, sustentada fundamentalmente pela agropecuária, predominando a agricultura de subsistência. A partir da década de 80, o Estado experimentou uma transformação estrutural de sua economia, incluindo o turismo, com a instalação de equipamentos modernos com a intenção de atrair maior fluxo de visitantes.

Coriolano (2006), num estudo mais aprofundado lembra que as políticas que enfatizavam a seca deram lugar a novos valores nos quais se ressaltavam a beleza das praias, a luminosidade e a cordialidade do povo cearense:

São políticas que se desenrolaram mais sistematicamente durante a década de 1990, acompanhadas até os primeiros anos do século XXI, período em que o turismo se instalou mais intensamente no Ceará, correspondente à chamada “era dos empresários”, substituta da “era dos coronéis”. Por gerações consecutivas, o Ceará fora governado por militares, com interesses voltados para a realidade oligárquica rural, sob império de práticas clientelísticas e fisiológicas. A chamada fase empresarial iniciou-se em 1987 e ficou assim cognominada por se constituir de sucessivas gestões estaduais comparadas às das empresas. Na concepção desses últimos governos, rompeu-se com o discurso voltado para o sertão e foram valorizados os aspectos urbanos e industriais. (Coriolano, 2006, p. 59-60)

Em Guaramiranga, os maiores sítios pertencem a empresários e políticos influentes na economia do Ceará, entre eles donos de canais de televisão, construtoras, grupos empresariais; nas entrevistas os nomes citados como maiores proprietários de terra são dois ex-governadores e empresários do Ceará: Tasso Jereissati e Adauto Bezerra. De acordo com Silva (2005):

Após várias tentativas frustradas para a retomada da cafeicultura, os empresários locais passaram a defender o turismo como atividade alternativa para a manutenção do comércio e para promover Guaramiranga como um lugar bonito, próximo da capital do Estado, agradável para passear, bom para morar, oportuno para lazer, aprendizado e negócios. (Silva, 2005, p. 30)

Durante a pesquisa, ficou claro que a atividade turística no município não é somente uma alternativa mas sim a principal proposta de desenvolvimento do poder público, pois a agricultura está fragmentada e não foi identificado nenhum projeto que apoie os que ainda vivem dela. Hoje praticamente tudo o que é consumido é comprado em outros municípios. Guaramiranga não é autosuficiente nem mesmo em hortifruticultura, apesar de ser uma potencialidade, como indica a EMATERCE:

Guaramiranga possui grandes potencialidades naturais que aliadas à sua proximidade de centros consumidores, favorecem a exploração de hortifruticultura irrigada e de sequeiro, industrialização de produtos agrícolas e execução de outras atividades como o turismo. Atualmente, o município possui baixos níveis de produtividade agrícola e grande número de desempregados, o que é atribuído ao uso de tecnologias e explorações inadequadas e às precárias condições de produção e comercialização que provocam constantes prejuízos e desestimulam a atividade rural. (EMATERCE, 2002)

A influência do turismo não atinge todas as localidades, já que nem todas ficam no roteiro das áreas mais visitadas tampouco a população rural foi preparada para atender a necessidade desse setor:

O discurso de que todos ganham com o turismo é superficial e mantido apenas na aparência, pois, na essência do fenômeno, verifica-se que há contradições, pois, muitos são explorados. Uma minoria se apropria da riqueza gerada por essa atividade que explora o trabalho de muitos, além dos recursos naturais com parte deles privatizados. (Coriolano, 2006, p.68)

Assim, o desenvolvimento do turismo de Guaramiranga necessita de medidas que possam integrar as atividades dos moradores com a demanda dos visitantes.

2.3 Características atuais do Município

A sede do município apresenta uma topografia irregular, ocupando o fundo de um vale. Na rua principal, encontram-se os dois teatros, a prefeitura municipal, a biblioteca, uma agência de correio, a praça de alimentação, centro de artesanato, o fórum, uma farmácia, agência bancária do Bradesco, um caixa eletrônico do Banco do Brasil, algumas residências e pequenos comércios. O aluguel de um ponto comercial varia de R\$ 500,00 a R\$ 1.300,00, sendo os mais caros na praça de alimentação os valores considerados altos pelos residentes, que não têm outra renda e nem capital para investir. Isso torna o comércio muito rotativo, mudando sempre de dono e ficando a maioria com pessoas de fora. No centro de artesanato, os boxes pagam apenas uma taxa. Atualmente, além do artesanato local e daqueles que servem refeição comercial e café da manhã, são ocupados com venda de bebidas, produtos importados. Nas últimas décadas, com o incremento da atividade turística, surgiram novas construções que transformam casas antigas em pontos comerciais ou pousadas.

Nas ruas transversais estreitas, encontram-se casas simples e pequenas dos moradores mais antigos. As que possuem dois pavimentos geralmente pertencem às pessoas de fora, pois a SEMACE exige licença ambiental tanto para novas construções como para reformas e ampliações onerando o valor da construção.

Alguns moradores ainda colocam roupas para secar na rua (Foto 5) e no patamar da Igreja Matriz. Hábitos que registram um passado em área rural com maior espaço. Essa rotina só é quebrada durante os grandes eventos, com a demanda por casa para alugar. Em busca de dinheiro extra e devido aos preços tentadores praticados, muitos moradores saem de suas casas ou alugam cômodos da própria casa para os visitantes.

Em 1981, com o intuito de amenizar os problemas de moradia no município, foi entregue à população um conjunto habitacional composto por 70 casas de um a três quartos. Atualmente quase tudo foi reformado e vendido pelos antigos proprietários, sendo que a

maioria pertence a pessoas oriundas de Fortaleza, permanecendo a maior parte do ano fechada, com exceção dos meses de férias e durante os festivais. Com a procura e, conseqüentemente, a valorização da região, hoje existem casas a venda por R\$ 300.000,00.

Algumas vendas foram efetuadas a preços bem abaixo do mercado, fazendo com que as pessoas passassem a viver em conjuntos habitacionais no município ou mesmo nas favelas da capital.

Há mais dois conjuntos na sede do município: o Santa Edwirges e o Frei Domingos (Foto 6). Esses conjuntos ficam numa área íngreme atualmente com todas as vertentes e topo ocupados as casas são construídas sem planejamento, sendo algumas com até três pavimentos. Atualmente, algumas foram vendidas e pertencem aos que vem de fora. As ofertas são tentadores para os moradores que recebem proposta de até R\$ 100.000,00 por suas casas de morada.



Foto 5: Rua estreita, com roupa para secar.
Fonte: Vilma Araújo. 2007.



Foto 6: Conjunto Frei Domingos.
Fonte: Vilma Araújo. 2010

Em julho de 2010, a rua principal estava interditada com obras de saneamento. Era comum moradores locais e visitantes trafegarem em motocicletas e até quadriciclo sobre a praça de alimentação (Foto 7). Se a população local fosse preparada para o turismo, certamente não aceitaria esse tipo de comportamento.

As transformações urbanas aos poucos modificam a geografia do lugar: casas nos topos dos morros exigem novas ruas com acesso restrito a essas residências (Foto 8). Áreas mais baixas que acumulam água nos períodos de chuva e por muitos anos foram um forte impedimento para a ocupação, com a especulação imobiliária, são aterradas. Nas novas construções, o *marketing* de venda apropria-se do apelo ecológico como cartão de entrada para atrair futuros proprietários. Embora sejam obras que se dizem ecológicas, desmatam a área, cavam poços que secam nascentes, destroem os morros para construir, os riachos são

canalizados e cobertos, caçambas circulam nas vias de Guaramiranga com material de construção, passando inclusive em frente a escola, hospital, biblioteca, várias vezes ao dia.



Foto 7: Rua principal em obra, motos e quadriciclos sobre a praça de alimentação.
Fonte: Vilma Araújo, julho de 2010



Foto 8: Rua particular em frente ao conjunto habitacional.
Fonte: Vilma Araújo, fevereiro de 2008.

Não existem casas comerciais do tipo atacadista, mercado público e feiras. Um morador comenta: “Guaramiranga é muito falado mas não tem estrutura para fazer o que eles estão querendo fazer aqui. Tá faltando estacionamento, higiene, limpeza da cidade, banheiro e etc e tal e não tem quem tome providências” (J.C. Sede, fevereiro de 2010).

Toda a demanda de comércio, serviços e equipamentos mais especializados é suprida por Pacoti, Baturité e Fortaleza. Assim, diariamente além dos ônibus de linha para Fortaleza e Pacoti, o transporte mais utilizado pelos moradores é o pau de arara, já que este passa nas localidades rurais onde o ônibus não passa e que também transporta uma maior quantidade de volumes.

Diariamente, a partir das seis horas da manhã e também à tarde, os carros passam na sede vindos dos sítios ou do município vizinho Pacoti e descem a serra até Baturité. (Foto 9). O dinheiro de aposentadorias e bolsas concedidas pelo governo contribui para que as pessoas façam suas compras em Baturité, cidade de maior porte e que tem feira com produtos regionais. Às nove horas já tem carro subindo a serra quase sempre com lotação completa, e com encomendas para as mercearias espalhadas pelos sítios. O pau de arara também é utilizado pela prefeitura para transportar alunos dos sítios com acesso mais difícil até as escolas (Foto 10).



Foto 9: Pau de arara vindo de Baturité deixando as pessoas nos sítios.
Fonte: Vilma Araújo, abril de 2010.



Foto 10: Pau de arara transportando alunos da escola pública.
Fonte: Vilma Araújo, abril de 2010.

2.3.1 O artesanato local

O artesanato da região de Baturité vem se consolidando cada vez mais com a diversidade de peças confeccionadas com matéria-prima local como os cipós, flores secas, galhos secos, bambus, taboca, folha da bananeira, palha da carnaúba, sementes, entre outras. Muitos entram no ramo por necessidade, fazendo peças que exigem muito trabalho desde a retirada da matéria-prima na mata até a confecção muitas vezes dentro da própria casa. Guaramiranga desde 2005 possui uma loja da Central de Artesanatos do Ceará – CEART, mas apenas um artesão da terra tem seus produtos postos à venda; o restante vem de fora, de outras regiões do estado. As vendedoras falam que “o CEART só vende produto com bom acabamento”. No entanto, o que é vendido no centro de artesanato com preço popular tem boa saída. Em dias de festivais, os boxes chegam a ficar vazios. A demanda vem dos próprios veranistas, dos turistas e de lojas em Fortaleza que apreciam peças rústicas para decorar jardins (Fotos: 11 e 12).



Foto 11: Artesanato de cipó, madeira e flores secas.
Boxes no centro de artesanato.
Fonte: Vilma Araújo, agosto de 2008.



Foto 12: Os visitantes sempre levam uma lembrança do lugar.
Fonte: Vilma Araújo, agosto de 2008.

Alguns entrevistados começaram o negócio com pequenos empréstimos do Crediamigo do Banco do Nordeste e dividem o box com outros artesãos, sendo a sua única fonte de renda, enquanto outros pertencem a pessoas que tem outras fontes de renda.

Eu faço o Crediamigo no Banco do Nordeste, peço R\$ 400,00 e pago R\$ 85,00 e uns quebradim por mês, em 4 mês. Eu tá com mais de 10 anos que faço artesanato. Antes eu botava na estrada, aí o pessoal do Crediamigo falou com as meninas aqui pra arrumar um lugarzinho pra mim, porque lá pegava chuva. Fica difícil dividir o box, porque pra quem sobrevive disso não dá nem pra trazer as coisas que tem. Quando a gente vende tudo, não vem na semana. Eu só tô aqui no final de semana, porque na semana tô fazendo as peças. Agora quem compra pra revenda pode ficar. Eu só tô aqui sexta, sábado e domingo. O material a gente pega na mata, cipó, madeira. Eu compro a cenilina pra pintar os material, compro sempre viva, o verniz, os pregos. No mês dá pra tirar uns 500,00 quando vende bem. As plantas tira das arvores que caem, na mata. (H. Central de Artesanato)

Eu comecei com o Crediamigo e fiquei uns três anos num grupo e depois saí, fui para um grupo de dezessete pessoas. Agora saí de novo porque quis mesmo, mas é bom. Eu comecei com 300 aí depois tirei 500 depois 700 aí passou pra 1000. Pagava quase 270,00 de quatro vezes. Aqui tem muita gente que faz, pode fazer até grupo de três pra tirar dois mil. (M. T.B. central de artesanato)

O depoimento a seguir, relata a difícil adaptação à vida na cidade, as mudanças com o trabalho e o modo de viver de uma família que trabalha com artesanato.

Antes era melhor, porque eu era moradora e toda semana meu marido tava recebendo dinheiro. Aqui também eu ganho, mas não é o bastante. Não era salário, toda semana ele recebia o dinheiro dele, né. Hoje os donos fizeram casa pra eles e chalé pra alugar. Tá mais difícil, porque eu trabalho diretamente nisso aqui. Tenho 4 filhos pra criar, né? Você faz um negócio desse, não sabe nem se vai vender. A felicidade da gente é que o governo já dá esse benefício pra gente, o Bolsa Família. Recebo R\$ 102,00 de 4 filhos. Isso é que mantém, aqui a gente vem arriscando, né, quem vende ou não vende. Meu marido não ajuda porque se tornou um alcoólatra. Ele trabalhava

quando era morador, agora trabalha dia sim outro não. (Artesã do box de artesanato, fevereiro de 2008).

Percebe-se, então, que a imagem do município que está se construindo a partir do foco do turismo e dos interesses da especulação imobiliária se torna superficial e com muitas contradições. A fala a seguir esclarece:

Isso aqui é bom de acordo com sua criatividade, com sua intuição, aí você transforma aquilo que poderia ser ruim, como é o meu caso, né. Muitas pessoas desistiram de lutar aqui, porque viram que o turismo pra eles não é uma saída, porque eles foram pessoas que se firmaram na agricultura e quando a atividade passou a ser turismo eles ficaram desnorteados, sem saber encontrar outros caminhos pra seguir. Quem só sabia trabalhar com horta, com roçado, ficou perdido. Agora aqui é uma APA, não pode desmatar. Pra mim, eu acho que foi bom, porque comecei mexer com retalho, comecei fazer aproveitamento de fruta, fazendo poupa, xarope, doce, café ecológico, tudo isso eu sei fazer. (M.E. Fevereiro de 2008)

2.3.2. Pontos Turísticos

Guaramiranga possui, além das cachoeiras, pontos de mirantes, como o Pico Alto posicionado na zona rural. Na sede municipal, os principais pontos turísticos são: o Parque das trilhas, as igrejas, pesqueiro, sítios com casarões antigos, entre outros.

Parque das Trilhas: Ocupa uma área de 114 hectares, localiza-se no sítio Guaramiranga (sede), a 400m do centro comercial. Possui seis trilhas que são percorridas com condutores, em percursos variam de 1,8km a 3km, que podem ser feitos de 30 a 90 minutos, podendo se observar plantações de café, fruteiras exóticas e espécies da fauna e flora da mata atlântica. As trilhas passam pela área onde são praticados esportes radicais como rapel, tirolesas, ponte de três cordas e caiaque; o local era uma antiga pedreira que foi adaptada ao novo uso.

A entrada no parque custa R\$ 15,00 por pessoa; cada esporte tem um valor diferente, variando de R\$ 9,00 a R\$ 18,00 a unidade.

Restaurante Manjeriçã e Pesqueiro: também localizados no sítio Guaramiranga, vizinho ao Parque das Trilhas. O restaurante oferece um cardápio variado, contendo comidas típicas, massas, pratos da culinária internacional e bebidas variadas.

Igreja de Nossa Senhora da Conceição (Matriz): foi fundada no final do século XIX, no ano de 1873, e fica na Praça Frei Honório, na sede do município. Durante alguns anos, o Festival de Jazz e Blues tinha algumas apresentações no patamar dessa igreja.

Igreja de Nossa Senhora de Lourdes: também conhecida como Igreja da Gruta, foi fundada em 1892 e sua construção foi o pagamento de uma promessa de D. Ana Felícia Caracas. O Convento dos Capuchinhos, construído volta de 1932, por missionários Capuchinhos vindos da Itália, atualmente, funciona como hotel e restaurante. O acesso pode ser feito de carro ou por uma escadaria com palmeiras imperiais nos lados.

Pernambuquinho: distrito de Guaramiranga, além de ser passagem para o Pico Alto e Linha da Serra, os turistas podem visitar o mestre da cultura popular, seu Pedro Balaeiro, que confecciona e vende suas peças em trançado de cipó na escola profissionalizante de Pernambuquinho.

Pico Alto: Sua altitude de 1.114m é privilegiada, com o caimento abrupto do relevo, formando abismos e liberando a visão do horizonte que encanta os visitantes. A paisagem dinâmica e diversificada proporcionada pelos períodos secos e chuvosos abrange desde a localidade da Pendanga, com pequenas moradias e roçados, os caminhos estreitos percorridos pelos agricultores nos declives de monte formado de altos e baixos, pequenos açudes; a vegetação seca lembra um quadro de natureza morta, ou em diferentes tons de verdes ocasionados pelos tipos de culturas plantados do período chuvoso.

O acesso apresenta bom estado de conservação, com estrada estreita, mas asfaltada; em alguns locais se formam mirantes que são mais apreciados pelos que fazem o percurso a pé. Às margens da via ainda restam pés de café, resquícios do tempo de glória e riqueza do lugar.

2.4 O conflito dos dados: população e território

Na conferência dos dados da Contagem da População de 2007, foi constatada uma diminuição significativa da população na última década no município, pois, no início da pesquisa, em 2007, a população de Guaramiranga, de acordo com o Censo de 2000, era de 5.714 habitantes, sendo 2.330 habitantes residentes na área urbana (40,78%) e 3.384 na área rural (59,22%). Já a Contagem da população apresenta dados bem inferiores e significativos no que diz respeito à população de um pequeno município. Guaramiranga passa a ter 4.307 habitantes, mantendo quase a mesma população urbana 2.387 residentes (55,42%) e diminuindo a população rural para 1.920 habitantes (44,58%).

Essa diminuição brusca na população de Guaramiranga foi percebida nas eleições de 2008. Nesse sentido, o Jornal O Povo chama atenção para um fato inusitado ocorrido, já que o número de eleitores ultrapassou o de habitantes.

A cidade de Guaramiranga, localizada a 100 quilômetros de Fortaleza, conta com um dado curioso para as eleições deste ano: é o único município do Ceará com mais eleitores do que habitantes. A cidade possui 4.307 moradores e 4.817 eleitores, uma diferença de 510 pessoas. (Jornal O Povo, 23.08.2008).

Esse assunto poderia ter sido ignorado, como foi por vários outros trabalhos publicados nesse período. No entanto, durante a pesquisa de campo realizada em várias etapas, visitando as localidades e conversando com os moradores, alguns falaram de algo que lhes incomodava, além da especulação imobiliária: Guaramiranga estava perdendo terra. Com tom de revolta, alguns diziam que era coisa de política, pois sempre moraram em Guaramiranga e, na Contagem da População de 2007 do IBGE, foram colocados como moradores do município vizinho Mulungu.

Dessa forma, ao verificar o gráfico do IBGE, fica evidente: enquanto Guaramiranga perde um número expressivo de pessoas, o município de Mulungu ganha, de 8.964 passa para 10.975 habitantes, como indicam as figuras 4 e 5.



Figura 4: Evolução da população de Guaramiranga.
Fonte: IBGE, 2010.



Figura 5: Evolução da população de Mulungu.
Fonte: IBGE, 2010.

A área do município também não é igual nas fontes pesquisadas: para Farias (2001, p.36), a área do município é de 95 km², número que também consta no site oficial da prefeitura (<http://www.guaramiranga.ce.gov.br/>), enquanto o IBGE e o IPECE usam a área de 59,471 km². Os trabalhos acadêmicos também apresentam diferenças na área: para Teixeira

(2005, p.25), Guaramiranga ocupa uma área de 107,6 km². Já segundo Bastos (2005, p.77) e Vale (2006, p.32), a área é de 59,47 km².

Como nenhuma explicação oficial havia sido divulgada, em visita ao IBGE, o técnico responsável pela Contagem da População de 2007 na área em questão, explicou que o erro foi de interpretação da Lei no 3.679 de 1957, que delimita os limites territoriais do município de Guaramiranga. O mapa anterior não era digitalizado, havia sido feito a mão, não tinha o nome dos lugares e nem do Serrote Pico Alto. Dessa forma, a linha reta foi traçada até o Pico Alto (ponto turístico de Guaramiranga). Como especifica a Lei no artigo 2º.

Ao sul do município de Mulungu:

Começa na estrema inter-municipal com o município de Baturité, no Riacho Santa Clara; sobe por esse Riacho até alcançar às suas nascentes; daí por uma reta, segue para o serrote Pico Alto e daí, pelo seu divisor de águas, até alcançar os limites intermunicipais com o município de Canindé;

A Contagem da População de 2007 foi a primeira realizada com entrevista direta listada sob a forma de questionário preenchido no computador de mão, PDA (Personal Digital Assistant), equipado para na zona rural obter as coordenadas através de um receptor de GPS (Global Positioning System). Dessa forma, não tinha erro, pois seguiram-se as coordenadas do mapa. Só que, para surpresa, algumas localidades administradas por Guaramiranga estavam na área territorial de Mulungu.

Após explicação do IBGE, a pesquisadora retornou ao campo com GPS e o mapa de Guaramiranga cedido pelo IBGE, que é georreferenciado. Foram tirados 43 pontos em lugares visitados anteriormente, como a Linha da Serra, Betânia, Nova Fortaleza, Sítio Arábia, já que estes fazem parte da administração de Guaramiranga. Alguns possuem Escola e Posto de Saúde. De volta a Fortaleza, os pontos foram digitalizados e as coordenadas indicavam que as localidades citadas acima realmente faziam parte da área territorial de Mulungu.

Sempre que se voltava a Guaramiranga, procurava-se mais informações sobre o assunto, mas não existiam documentos que comprovassem o fato. Em conversa com o ex-prefeito de Guaramiranga, Ilton Barroso, ele afirmou que esse problema já era de seu conhecimento durante a sua gestão e que na época havia entrado na justiça para requerer a área pertencente a Guaramiranga.

Em março de 2010, em entrevista a presidente da Câmara Municipal, dona Zélia Holanda, foram explicadas, detalhadamente, as últimas notícias sobre o processo. Na ocasião foram mostrados documentos utilizados como provas de que a área contada como sendo do município de Mulungu na verdade pertencia a Guaramiranga: mapas (croquis) utilizados pela

Secretaria de Saúde com nomes dos lugares de abrangência dos médicos do PSF (Programa de Saúde da Família), registros de sítios com os nomes dos lugares; a resposta do IBGE ao ofício enviado pela Câmara com os nomes dos lugares em questão, e, finalmente, o esboço do novo mapa de Guaramiranga.

Para dona Zélia, o fato de o município não ter parado de receber alguns benefícios foi motivo de acomodação. No entanto, as perdas com a diminuição da população foram significativas. Diminuiu-se o número de vacinas e até o valor de aproximadamente R\$ 150.000,00 depositado nos cofres de Mulungu, embora a população residente nessa área ainda continue sendo assistida por Guaramiranga.

Isso ocorre porque parte das verbas que os municípios recebem são distribuídas a partir dos resultados divulgados pelo IBGE referentes ao número de habitantes registrados através do Censo Demográfico ou pela Contagem da População como é especificado abaixo:

A contagem da população é uma operação mais simples que o Censo Demográfico, ocorre no meio de cada década. Tem o objetivo de atualizar as estimativas de população, incorporando as mudanças demográficas ocorridas no Território Nacional, desde o último Censo Demográfico. Sua importância está naquilo que as estimativas de população representam para a sociedade, pois se trata de um exemplo expressivo da exigência de informações estatísticas que orientam diretamente a ação pública local. Os resultados são encaminhados ao Tribunal de Contas da União que utiliza como um dos critérios para a repartição do Fundo de Participação dos Municípios-FPM. (IBGE, 2009).

Dados preliminares do Censo 2010¹¹, divulgados em novembro, indicam um aumento na população de Guaramiranga (6.451 habitantes) e decréscimo na população de Mulungu (9.156 habitantes).

Os resultados apresentados mostram a importância dos limites territoriais e seu conhecimento pela população através dos mapas. Isso, até o momento não acontece, pois não existia um mapa oficial no município. A Secretária de Saúde e a Secretaria de Turismo usam um croqui com o nome de mapa, no entanto, o mesmo não tem escala nem legenda. Dessa forma, até mesmo na escola os alunos desconhecem o mapa municipal.

¹¹ www.censo2010.ibge.gov.br

3. MODO DE VIDA E TERRITÓRIO: A SERRA, AS QUEBRADAS E O SERTÃO

Se é verdade, ademais, que a comunidade camponesa pode, hoje, renascer, em função de exigências e sobre bases modernas, nada mais interessante que este renascimento – do qual sairá, talvez, um novo sentido da Terra!

Henri Lefebvre (1981, p.162)

Guaramiranga, embora muitos não saibam, além dos recursos naturais, como floresta remanescente de mata atlântica, reservas de águas minerais, também apresenta diversidade de modos de vida associados ao meio natural. Um pequeno número de sitiantes, antigos produtores de café, ainda mantêm a terra, sem nenhum uso ou com atividades como o cultivo de flores, arredamento para atividades comerciais. Outros herdeiros da terra, aproveitando a valorização imobiliária atual, loteiam a propriedade.

Os antigos moradores, famílias camponesas que tinham suas moradas e trabalho nos sítios, tiveram diferentes destinos: alguns receberam uma pequena parcela de terra, mantendo a morada com a família; outros receberam indenização em dinheiro e compraram casas nos conjuntos habitacionais da cidade, municípios vizinhos, ou mesmo na periferia de Fortaleza. Algumas famílias saíram da terra sem receber nada de recompensa pelos anos que trabalharam. Outros tiveram que demandar na Justiça os seus direitos pelo tempo de trabalho na terra, como indicam as falas:

Antes eu tinha meu jardim de plantas, eu vivia das plantas, aí meu patrão vendeu a casa e me deu uma porque eu e meu marido fazia mais de 10 anos que trabalhava lá. Aí ele me deu a casa aqui no conjunto Frei Domingos.(M. H. Sede, agosto de 2008).

As baixas eram tudo cheia de horta do pessoal, agora vem muita gente de fora. Compra, passa um cercado grande, bota só um morador e pronto. Os moradores antigos, muitos saíram, com essa venda de sítio, alguns receberam indenização. A casa que deu pra comprar foi em Baturité ou Fortaleza, nos cantos mais baratos porque em Guaramiranga é um absurdo. (D. F. Sítio Abreu, 2008)

Porque quem vende um sítio, de longe vem essa história. Um sítio tem 15, 20 moradores, aí eu vendo o meu sítio e não vou ajeitar as casas velhas. Aí, eu digo não, deixa ele aí, ele só sai daí quando quiser, mas ele não pode reformar a casa, a casa não é dele. Ele não pode reformar porque senão ele vai ganhar mais direito de permanecer ali. Aí cai um pedaço da casa vai se encolhendo, se encolhendo, vai ficando, a casa vai caindo, e ele vai ficando

naquele pedacinho. Já tem esse sistema de expulsão indireta do homem do campo. (E.C. Sede, Agosto de 2008)

Eu nunca recebi nada. Nenhum centavo de indenização, aí foi que Deus me deu meu trabalho e um gadozím que eu criei e vendi e comprei minha casa. O meu vizim recebeu um pedacim de terra, aí depois construíram uma casa mas é muito difícil. (S.A. Bananal, julho de 2010)

Há também núcleos familiares que ocupam as chamadas quebradas. Para alguns são apenas terra de trabalho, enquanto para vinte e uma famílias que moram na localidade de Granjeiro, também terra de morada. Lá as famílias vivem exclusivamente da agricultura, esta localidade fica na encosta abaixo da Linha da Serra.

O Granjeiro é uma das partes mais dificultosas aqui do nosso município, porque só dá pra ir lá de pés, carro não vai porque o inverno estragou muito a estrada. São 21 casas e lá é agricultura, agricultura mesmo. Quando adoecem, tem que dar um jeito de subir até aqui pra pegar o carro. A estrada só vai até lá e acaba. Não tem escola, os meninos vêm a pé, lá é o fim do município extrema com Caridade. (D.M. Linha da Serra, fevereiro de 2010).

Os relatos evidenciam os diferentes locais de Guaramiranga, cujos agricultores se deslocam até as Quebradas para plantar seu roçado.

Além das quebradas, fica o sertão. Local de origem de muitos moradores da serra que migraram em busca de melhores condições de vida, trabalhando em terras de outros ou terras da família quando conseguiam comprá-las (Fotos 13 e 14). Em uma entrevista, num roçado nas quebradas, o agricultor explica:

Quebrada é por causa dos autos, aí fica cheio de morro. Aqui já é as quebradas onde tem esses morros, todos chamam de quebrada. Pra frente é o Pé de Serra e quando é só o baixio aí já é o Sertão. Tem a quebrada da Pendanga, aqui é mais conhecido como a quebrada dos Moreira, e lá do outro lado chama Granjeiro. Os mais antigos tinham esse nome de Granjeiro. Depois dos morros é Caridade. (Agricultor, Linha da Serra, agosto de 2008)



Foto 13: Vista das Quebradas e do Sertão a partir do Pico Alto.
Fonte: Vilma Araújo, 2008.



Foto 14: Vista das Quebradas e do sertão a partir da Linha da Serra.
Fonte: Vilma Araújo, 2008.

As políticas públicas direcionadas aos grupos que embora fragmentados ainda sobrevivem da agricultura são praticamente inexistentes e, quando existem, não atendem aos interesses locais, pois são projetos elaborados pelos de fora, que não conhecem a realidade dos agricultores. Nas entrevistas, foram citados órgãos que contribuem com a melhoria de vida das comunidades: EMATERCE, com a distribuição de sementes, o Banco do Nordeste, com o Crediamigo, a FUNASA, com construção de banheiros, o projeto São José, com a construção de casas populares. A SEMACE e o IBAMA são colocados sempre como órgãos fiscalizadores que impedem as práticas realizadas na área.

3.1 Serra: agricultura e turismo

Dentre as serras úmidas do Ceará, a de Baturité se destaca, pois, além de estar localizada próxima à capital Fortaleza, abriga um elevado índice populacional, principalmente nas áreas próximas ao sopé de suas encostas a barlavento. Ocupa uma superfície de aproximadamente de 140.000 hectares. Devido à altitude, as vertentes norte e leste, voltadas para o litoral, influenciam no elevado índice de umidade favorecendo uma maior concentração pluviométrica.

O Maciço de Baturité é considerado uma área de exceção na região, enquanto no entorno predominam características do clima semiárido, com vegetação de pequeno porte, baixa pluviosidade, temperaturas elevadas. A área em estudo apresenta uma exuberante mata úmida, intensa atividade orgânica, altitude máxima de 1.114m, índices pluviométricos de até 1.500mm anuais, nascentes, cachoeiras, mirantes. Segundo Ab'Sáber (1970), “A área do Maciço de Baturité e dos Sertões do entorno constitui, em parte, um enclave úmido em relação ao domínio morfoclimático das depressões intermontanas semiáridas revestidas por diferentes tipos de caatinga”.

A altitude e a posição do relevo em relação ao deslocamento dos ventos oriundos do litoral favorecem a regularização e acentuação das precipitações, atenuam as temperaturas e minimizam as condições de evapotranspiração. Na serra e nos pés de serra, ocorrem mananciais dotados de regime semiperenizado. As águas subsuperficiais ocorrem, preferencialmente, nos setores de rochas mais intensamente fraturadas. (BRASIL, 2002, p. 27)

Prado Júnior (1942) citado por Andrade (1964) deixa clara a importância das serras úmidas como local de concentração da população e produção agrícola:

As regiões serranas formam blocos esparsos dentro do conjunto sertanejo. Sua superfície deve representar modesta parcela de extensão regional, mas sua importância é grande por funcionarem como concentradoras de população e como centros de produção agrícola. No Ceará, quase inteiramente seco, são famosas certas serras como a de Meruoca e a de Baturité, onde se localizam centros de produção agrícola responsáveis, segundo Caio Prado Junior¹² pelo desenvolvimento de cidades-porto-Fortaleza, Camocim e Acaraú – em um litoral seco e desprovido de abrigos naturais para as embarcações. (ANDRADE, 1964, p. 32).

Essas características que a diferenciam do seu entorno contribuíram significativamente com a forma de ocupação destacando a pequena propriedade e tendo a agricultura como principal atividade econômica. No entanto, nas últimas décadas, os municípios de Baturité, Guaramiranga e Pacoti privilegiam a atividade turística desenvolvendo sua rede hoteleira e de restaurantes. Assim, muitos dos antigos agricultores sem a terra disponível para cultivar, encontram no artesanato uma nova fonte de sobrevivência.

3.1.1 Os Sítios

A zona rural é composta por sítios, a maioria antigos produtores de café, cana-de-açúcar e banana. Hoje esses sítios estão presentes no imaginário dos que trabalharam e povoaram essas terras durante anos, quando a economia da região se destacava no cenário cearense. Nas entrevistas realizadas tanto na Sede, quanto no Pé de Ladeira, Linha da Serra e outros lugares visitados, os nomes dos sítios eram citados como lugares de trabalho, de morada e de nascimento de muitos.

Entre os vários povoados e sítios de Guaramiranga, muitos dos quais foram visitados e seus moradores entrevistados, procurou-se seguir a caracterização usada por Brandão (1995) em Partilha da Vida: a) elementos qualificadores da natureza; b) termos que indicam incorporações da cultura camponesa; c) nomes de santos ou de objetos sagrados, não raros associados a dados da natureza; d) nomes de grupos de parentescos.

¹² Caio Prado Júnior. Formação do Brasil Contemporâneo. A Colônia, p.40 – primeira edição publicada em 1942.

- a) elementos qualificadores da natureza: Assaré, Bananal, Belo Monte, Barro Vermelho, Brejo das pedras, Cajueiro, Beija Flor, Brejo das Pedras, Barra Nova, Boa água, Boa Esperança, Boa Vista, Cachoeira, Cana Seca, Chalé das Montanhas, Cocão, Conjunto Por do Sol, Deserto, Floresta, Gameleira, Guaramiranga, Lagoa, Linha da Serra, Logradouro, Mucunã, Pico Alto, Praia Vermelha, Monte Belo, Monte Flor, Poço Escuro, Riacho Fundo, Paraíso, Rio Negro;
- b) termos que indicam incorporações da cultura camponesa: Forquilha, Sítio dos Pilões;
- c) nomes de santos ou de objetos sagrados: Conjunto Santa Edwirges, Conjunto Frei Domingos, Sítio santo Agostinho, Santo Antônio, Boa Fé, São José, São Paulo, São Pedro, São Salvador, Santinho, Santa Terezinha;
- d) nomes de grupos de parentescos: Abreu, Álvaro, Barra do Heitor, Lemos, Ramos;

Os sítios eram compostos pela casa grande do proprietário, a casa do Feitor que gerenciava a propriedade - pois os donos geralmente moravam em Fortaleza ou ficavam temporadas nas suas fazendas do sertão e várias casas ocupadas por moradores, que faziam os trabalhos diários de limpa e colheita do café, da cana-de-açúcar, da banana etc. Hoje muitos conservam apenas a casa grande que seus familiares frequentam nas férias e feriados, algumas são conservadas como pequenos museus que contam a história de sua gente através de objetos como louças, móveis, bibliotecas. Nos arredores, os antigos pés de café sombreados pela ingazeira, sua pequena produção nem sempre é colhida. Em alguns, as casas foram reformadas e alugadas para terceiros. No entanto, existe um pequeno grupo que resistiu a muitas ofertas de compra, geralmente os mais velhos, com amor pelo lugar e ao modo de vida simples. Essas pessoas conservam hábitos como cozinhar em fogão a lenha, torrar o café colhido na terra, colher frutas frescas.

As fotos 15 a 20 correspondem às casas que passaram por várias gerações, cujas famílias têm na sua história a presença do café. Algumas mantêm a data de construção na fachada, como a do Sítio Boa Fortuna, de 1872, e a do Sítio Floresta, de 1875.



Foto 15: Sítio Água Boa, ao fundo Pico Alto.
Fonte: Vilma Araújo, setembro de 2009.



Foto 16: Casa grande do Sítio Lagoa.
Fonte: Vilma Araújo, setembro de 2009.



Foto 17: Sítio Boa Fortuna, 1872.
Fonte: Vilma Araújo, julho de 2010..



Foto 18: Casa da família do empresário Edson Queiroz.
Fonte: Vilma Araújo. julho de 2010.



Foto 19: Sítio Floresta, fachada da casa é de 1875.
Fonte: Vilma Araújo, setembro de 2009.



Foto 20: Sítio Santinho, área quase toda loteada
Fonte: Vilma Araújo, fevereiro 2010.

Apesar de apostar no turismo, Guaramiranga guarda pouco de sua história. A grande riqueza cultural e patrimonial deixada pelos cafezais, engenhos e casas de farinha paulatinamente vai se deteriorando ou, de forma mais rápida, quando o sítio é loteado e não interessa aos novos donos. A cidade possui apenas um pequeno museu com fotografias antigas. Outro museu, melhor equipado, é de propriedade particular da Handara. Dessa forma, enquanto o novo está sendo incorporado, o passado está sendo destruído, como as casas de farinha (Foto 21) e as máquinas utilizadas para descascar o café, (Foto 22), cujos nomes dos sítios serão preservados.



Foto 21: Casa de farinha desativada.
Fonte: Vilma Araújo, setembro de 2009.



Foto 22: Máquina utilizada para descascar o café.
Fonte: Vilma Araújo, setembro de 2009.

Há alguns sítios encontram no turismo a possibilidade de geração de renda. Assim, um antigo depósito de máquinas utilizadas no pilamento do café e nas moagens da cana com algumas adaptações, servem tanto para o serviço atual como atrativo para os visitantes que sempre são bem recebidos:

A gente procura adaptar porque a gente vai comprar uma nova (máquina) é um absurdo. Eu adaptei uma forrageira. Dá para moer o café e farinha de banana. Ela é mais rápida que a própria máquina. Aqui tem café, cachaça, banana, licores, rapadura. Além da feira em Guaramiranga eu entrego em alguns supermercados em Fortaleza e também participo de feiras (J.C. Sítio Floresta, agosto de 2009)

Os moradores que ainda vivem nos sítios reclamam que, apesar de morarem na zona rural, tudo é comprado enquanto no passado muitas coisas eram tiradas da terra:

Hoje tudo é comprado, aqui mesmo o marido da dona.... tinha cana, tinha macaxeira, tinha roçado de mandioca, isso tudo pra trás né, hoje a farinha, o feijão a batata, tudo é comprado. Tudo isso nós tinha. Eles pagavam nós barato, mas nós tinha tudo. Hoje a gente não pode mais pegar um trabalhador e brocar uma capoeira para plantar um milho, feijão, porque a SEMACE

bate em cima da gente e multa o proprietário. Se subir um foguinho, o helicóptero da SEMACE passa e vai filmando tudo. Hoje o proprietário tem maior cuidado para não ser multado e nós vive de sofrimento. Hoje até o cheiro verde a gente compra. Vem lá das Quebradas. (Antigo morador. Sítio Santinho, 2010).

Há também, os pequenos sitiantes, são famílias que herdaram um pequeno pedaço de terra, onde alguns permanecem enquanto outros as venderam. Outros moradores de muitos anos, quando a terra foi vendida, ficaram apenas com a casa que já moravam.

Dependendo da área, ocorrem usos diferentes da terra como exemplo no sítio Gameleira, antigo produtor de café e depois de banana. Foi dividido para doze filhos: a maioria dos herdeiros vendeu suas terras para vários donos:

Eu era do sertão da Caridade, cheguei aqui em 63. O café daqui é tudo de duzentos, trezentos anos. Uma parte da terra era herança do meu pai. Outra ele comprou. Hoje eu moro no que é herança do meu pai. Quase todos venderam, apenas três não venderam. Uns moram em Fortaleza, em São Paulo, em Guaramiranga Quando eles venderam era bem baratim, hoje tá peso de ouro. Há mais ou menos 8 a 10 anos, meu irmão vendeu 12.500m um pouco mais de um hectare. por R\$ 10.000 real. Hoje eu tenho um hectare e pouco e cansei de rejeitar 400.000 mil. Outro vendeu de pedaço. Era R\$ 2.000, 4.000, 5.000. Sempre os topógrafos que vinham fazer plantas diziam assim: “rapaz eu nunca vi terra tão cara aqui na serra”. Saia a 40.000 o hectare que era dividido por lote e saia mais caro porque o terreno menor é melhor de se vender, grande se torna mais barato. (A. R. Sítio Gameleira, julho de 2010).

Numa parte da terra vendida, na área mais alta foi construído um condomínio fechado (Euroville), com 9 casas grandes, com jardins, piscinas, decks e alguns com quadra. Para abastecer o condomínio foi cavado um poço profundo.

Na encosta do morro existia uma das nascentes do rio Pacoti, que foi afetada diretamente com a construção do poço profundo, secando totalmente (Foto 23 e 24). A partir de então, nem mesmo no período de chuva volta a correr a água, que abastecia a população residente e de outras localidades. Hoje o que resta é o local seco e a memória dos que frequentavam o lugar:

Em 2002, minha mãe vendeu um terreno pro cidadão de Fortaleza, ele cavou um poço profundo e deu em cima da veia da nossa nascente aqui em baixo. Aí secou total, a SEMACE embargou a obra, foi pra Brasília, mas não deu jeito. Aí o prefeito (Dráulio Holanda) tomou a frente, foi feito um acordo pra o poço ser da comunidade. O condomínio construiu um outro poço com a distância de 12 metros é bem dizer o mesmo poço que deu água com 42 metros. A nascente era 24 horas, todo mundo era dono não tinha esse negócio de pedir não. Hoje tem muita gente que tá sendo prejudicada porque a água foi doada para a comunidade e o rico que tá chegando é que tá ficando com a água e os pobres não. Depois dessa água doada já chegou várias pessoas que comprou terra e fez chalé. Aí tem barragem, tem piscina.

E a água do gasto quem dá é a prefeitura que paga energia, bomba, prá dá água prós ricos. (A.R. Sítio Gameleira, julho de 2010)

Como foi comprovado que a nascente tinha secado a partir da construção do poço, a prefeitura o desapropriou e o entregou à comunidade. No entanto, os moradores do condomínio cavaram um novo poço próximo do anterior e utilizam a água em piscinas, no uso doméstico e em jardins (Fotos 25 e 26). Antes as pessoas vinham de longe pegar água para suas casas mesmo das Quebradas, Linha da Serra e outros lugares. A nascente que corria livremente próxima da estrada formava uma bica e era utilizada para lazer. Várias pessoas usavam para tomar banho, lavar roupa.

Desde criança mais ou menos em oitenta e oito a gente sempre vinha prá cá, a água saía daqui, bem clarinha, cristalina e escorria e formava um poço. Dava pra ver o fundo depois seguia em direção a Pacoti. Depois quando construíram o poço, aqui secou tudo de uma vez, ele fica mais em cima a poucos metros. Era lazer pra muita gente tanto daqui como de outros lugares como da Betânia, Linha da Serra. (R.F. Sítio Gameleira, 2010)

Para alguns, o fato de ter o condomínio é positivo, pois gera empregos de vigia, jardineiro e zelador, chegando a receber um pouco mais do que o salário mínimo por mês, enquanto se trabalhassem na agricultura ou em outro serviço, esse valor não seria garantido todo mês.



Foto 23: Fonte seca após construção de condomínio e poço profundo.
Fonte: Vilma Araújo, julho de 2010.



Foto 24: Vegetação presente nas áreas de vale, onde tinha a nascente.
Fonte: Vilma Araújo, julho de 2010.



Foto 25: Jardins do Condomínio Euroville
Fonte: Vilma Araújo, julho de 2010.



Foto 26: Casas de veranistas no topo dos morros, condomínio Euroville
Fonte: Vilma Araújo, julho de 2010.

Atualmente, com a terra menor, pouco é produzido, apenas banana para o consumo, o café dá pouco porque já está velho, vive-se mais da criação de animais como porcos, galinhas, ovelha, cabras, gado, a maioria para consumo, às vezes com empréstimo:

Eu já criei gado, galinha, porco, bode, mas o negócio vai mudando com as dificuldades. Eu cheguei a criar até 37 cabeças de gado em 2007. Fiz duas vezes empréstimo no Banco do Nordeste. Uma vez fiz pra horta, mas não deu nada. Foi prejuízo total. Agora cinco seis anos fiz pra gado. Deu bom, mas hoje chove pouco e pegar forragem no que é dos outros sai mais caro. Meu pai tinha gado aqui na serra. Na época do inverno, levava pro sertão. Porque no inverno no sertão é quente tem mais forragem e aqui na serra só no verão. Meu pai tinha fazenda no sertão. Não pagava nada, trazia pra cá também era dele. Eu nunca aboeie gado não. Prá Caridade lá onde eles ia era um dia e uma noite quando o sol esquentava muito tirava a sela dos animais ficava em baixo do juazeiro. O gado ficava por ali maiando. Hoje em dia quem não tem a terra paga. Por exemplo aqui tem vários que tem oitenta, cem cabeças de gado. Não tem terra, mas arrenda a forragem. Ai quando chega na época do verão que não tem mais plantação eles levam prá lá. Aqui na serra a época de plantar é inverno, né? Quando colhe, do sertão eles trazem o gado para a serra. Quando chega a época de plantar de novo aí eles voltam pro sertão. (A.R. Sítio Gameleira, julho de 2010)

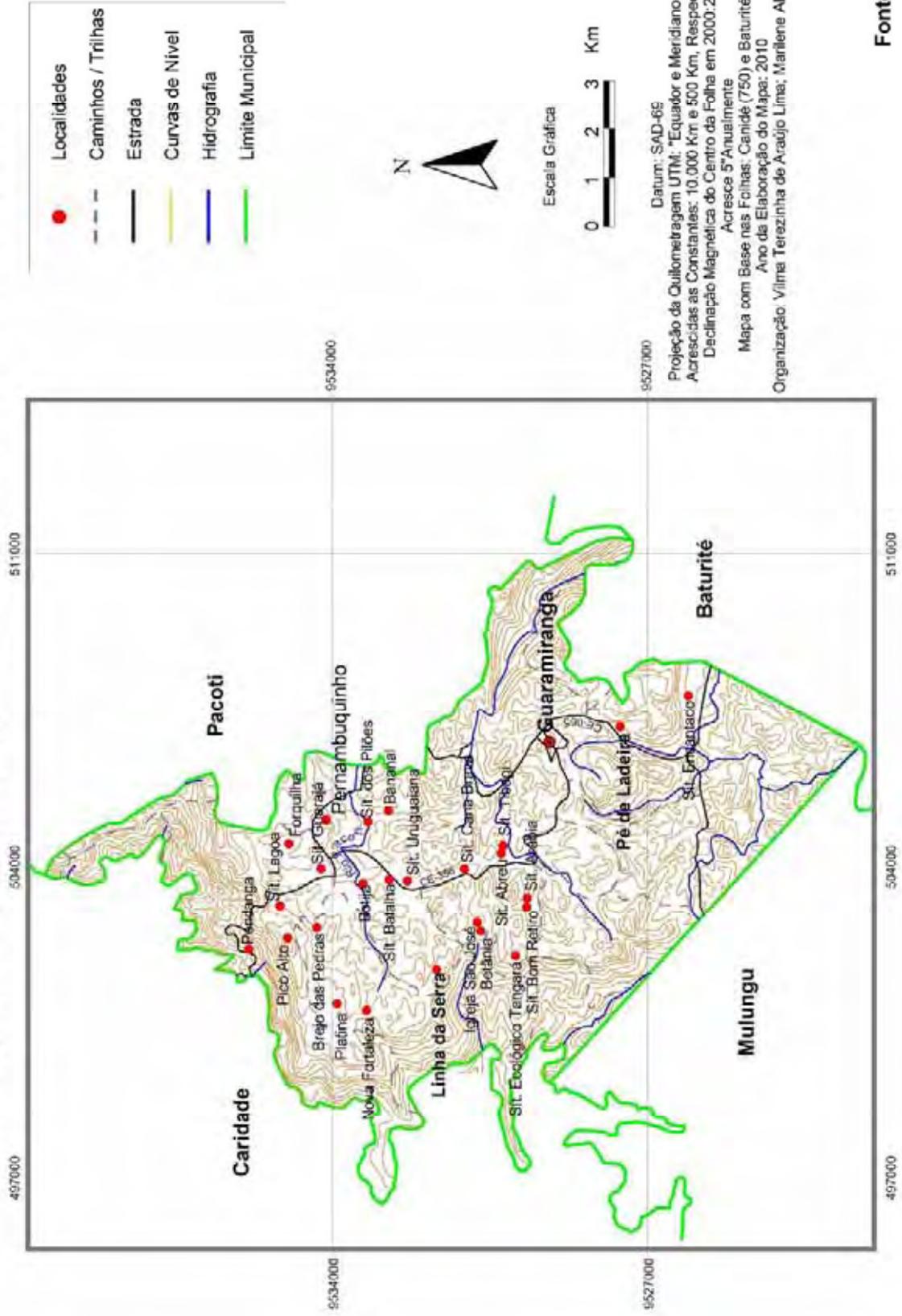
O mesmo entrevistado declarou também fazer empréstimo pelo PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento pela Agricultura Familiar:

No PRONAF, a parcela é novecentos e poucos por ano durante cinco anos. O último PRONAF que eu fiz foi pra comprar três vacas e uma forrageira. Aí eles dão um ano de carência e cinco pra pagar. Se você comprar um gado e pari no mesmo ano que você comprou aí quando for um ano, ano e meio você já pode tirar a parcela daquilo né? Muitos tiraram pra porco ai a SEMACE empatou agora não pode mais. O primeiro era só era 1.000 real, veí o segundo pra 1.500 e agora fiz de cinco mil. Mas se eu quisesse mais poderia fazer, veio uma proposta de R\$ 35.000 mas não fiz. Aqui muita gente não paga direito aí prejudica os outros. (A.R. Sítio Gameleira, julho de 2010)

Ainda na área serrana, outras localidades foram visitadas. Muitos sítios deram nomes aos novos lugares que se formaram sem nenhum planejamento habitacional. Alguns possuem vereadores, como a Barra, a Linha da Serra, Lagoa e a Botija, no entanto, isso não evidencia melhor infraestrutura mas todos possuem acesso com calçamento. Além destes também foram visitados: Pé de Ladeira, Sítio Arábia, Sítio Abreu, Sítio dos Pilões, Betânia, Forquilha-Conjunto Pôr do Sol, Sítio Arábia, Pendanga, Bananal. (Figura 6) Augustinho e Suzana não constam no mapa pois não foram tiradas suas coordenadas no GPS. Em todas essas localidades é fácil encontrar pessoas que trabalham ou já trabalharam na agricultura, nas apanhas de café, em plantações de hortaliças, nos roçados nas Quebradas.

Na bibliografia consultada não existe nada sobre essas localidades, como não eram objeto principal do estudo serão colocadas apenas algumas falas sobre o modo de vida local.

Município de Guarimiranga/CE: Localização das Áreas Visitadas



3.1.2 Betânia

No povoado da Betânia, na área mais alta próxima à Escola, a altitude é de 885m, no entanto, várias casas são encontradas nas áreas mais baixas em direção ao sertão. Alguns vivem de horta, mas essa cultura exige muita água, sendo uma complicação. Quando a produção é boa levam para vender na CEASA. Ocorre que nem sempre os que plantam sabem negociar, assim muitas vezes ficam no prejuízo ou vendem para atravessador.

Quando me casei, a mãe dela (esposa) deu esse chãozinho. Aqui, moram 7 pessoas. Os Moreira lá de cima são tudo tio e primo meu. Planto tomate, pimentão e cheiro verde. Eu trabalhava com feijão, mas a safra é de ano em ano, aí começou aparecer a família. Horta é mais ligeiro. A horta é nas quebradas. No verão fica ruim pela falta d'água. Quando dá bom, eu vendo em Pacoti, vendo ali em Guaramiranga, no Toim, e quando o preço não tá muito bom aí eu vendo nas casas em Pacoti. As vezes o preço na época que a gente tá tirando tá lá embaixo e o pessoal quer comprar quase de graça, pela metade. No mês de março eu plantei 1500 pés de tomate. Usei veneno, deu bom. Mas lucrei só cinco caixa por causa duma praga que dá uma borboleta que dá na flor. Quando tá “de vez” a gente pensa que não vai dá, quando amadurece já tá com ela. Eu planto a muda, compro em Mulungu ou Baturité. Esse ano pra mim deu ruim porque no pimentão também deu praga. Plantei 4.000 pés e colhi 4 sacos, mas deu um probleminha vem um inseto e come. não é mais favorável devido os invernos. Antes plantava direto, inverno e verão, agora a água tá bem poquinha.

A pessoa que tem outro meio de trabalho fora a horta tem que se virar. O dia de serviço é 12 conto, só que nas construções é 15, 20 eu não vou não porque pra servente é uma complicação medonha. Pra entrar agora tem que ir pra Baturité preencher ficha, é de carteira assinada.

Pesquisadora: E não é bom trabalhar com carteira assinada?

Não, não é porque sai na base de 12 conto e tem que levar a merenda e parece que lá é descontado o almoço também. É direto até sábado meio dia. As vezes entra domingo. A gente tem que entrar cedo, sair 5 horas pra entrar as 7:00. Pra nós só melhora mesmo no inverno. (A.J.M.B, Betânia, agosto de 2008)

3.1.3 Nova Fortaleza

A altitude próxima à Escola da Nova Fortaleza é de 892 metros. São vários sítios. Possui uma pré-escola e uma capela da Sagrada Família. Muitos habitantes vivem da agricultura nas Quebradas. Alguns são moradores de sítios e fazem diária apanhando café. Outros cuidam de chalés. Nas casas existem pequenos comércios.

3.1.4 Botija

Botija tem uma altitude de 812m. É formada por sítios e casas em volta da Igreja de Santa Terezinha, cuja construção foi no século XIX, no ano de 1871. A capela é bastante simples, possuindo apenas uma nave e uma sacristia ao fundo. A festa de Santa Terezinha ocorre em outubro. Foi cenário para o filme Milagre em Juazeiro, do cineasta cearense Wolney Oliveira. Localiza-se a 8km de Guaramiranga, na estrada que dá acesso a Pernambuco. A população também vive de pequenos comércios, fazendo diárias, como caseiros e empregados da prefeitura.

3.1.5 Bananal

A localidade de Bananal (a 807m de altitude) é mais um lugarejo com pequenas casas. O morador entrevistado foi o sr. Antônio, na escola estudou pouco, mas segue a risca os experimentos do livro Vida e Criação de Abelha Indígena sem Ferrão (Fotos 27 e 28). As abelhas, são capturadas na mata e, em casa, ele estuda os seus hábitos, dá comida, faz suas casas de madeira.

A questão das abelhas é o seguinte quando eu tiro todo o mel das abelhas elas vão ficar sem alimento pra elas comerem. Aí tem que dá alimentação artificial, é uma parte de mel uma parte de água, uma parte de açúcar aí bota umas clarazia de ovo de galinha, aí mistura passa no liquidificador. Aí eu põe nas panelas pra elas se alimentar. Ali eu me sento numa cadeira, um baldezim com folha seca e um copozim, um piri, um pregadozim que é pra aquela abelha pilhadora que chegar pra robar o mel aquelas abelha eu vô prendendo dentro dum copozim. Aí quando elas vão começando a se melar que elas vão melando as pernas até cair no chão aí o cururu sapo vem e pega elas, ele vem dos mato pra se alimentar das abelhas aí eu pego água e sal

taco nos ói dele aí ele vai lavar os ói na no ri sabe a folha seca que eu tenho no vasozim quando elas começam a melar as pernas que vão caindo aí eu boto as folhas secas pra elas alimpare as pernazinha pra poder voar sabe? Tem que fazer isso eu começo alimentar as abelhas as 4:00 horas aí quando eu termino de alimentar são quase 6:00 seis horas durante aquele tempo eu não posso dar quase atenção a ninguém porque se tiver chegado mais de dez abelha, chegado ali e eu não tiver pegado aí não tem mais condição de alimentar porque elas já foram avisar as outras amiga delas no mato lá nas colmeias aí vem e invade é tudo. Aí tem que esconder aquela alimentação. Esse meu ramo é a melopicultura as meliponina já tá com um bocado de ano que trabalho nisso mais tô botando pra frente agora que tô aprendendo mas. (Sr. Antonio, Bananal, julho de 2010).



Foto 27: Sr Antonio, pouco estudou mais segue as indicações do livro: Vida e criação de abelha indígena sem ferrão.
Fonte: Vilma Araújo, agosto de 2008.



Foto 28 Caixa de criação de abelha sem ferrão.
Fonte: Vilma Araújo, agosto de 2008.

Sua outra paixão é a agricultura como relata:

Pesquisadora: O Senhor ainda trabalha na agricultura?

Eu trabalho na agricultura assim: planto batata, feijão, milho, fava essas coisas tudo eu tenho, no Sítio São José, vizinho ao Bananal. É um sítiozim que eu reparo, não tenho ordenado o ordenado que eu tenho é plantar. O que sobra eu vendo. Outra parte dô prós amigos num sabe? A semente eu vô guardando. Pelo menos feijão vagem eu plantei quase dois quilos esse ano com um caroço que eu arranjei em 92, daí pra cá nunca mais perdi a semente. Tá com dezoito anos e não perdi a semente.

Pesquisadora: Como prepara o terreno pra plantar?

A gente bota o trabalhador destoca e bota o mato pra fora, pra não queimar, aí vira a terra, bota adubo e planta. O adubo é esterco de animal mesmo de

gado. A diária é R\$ 20,00 mais almoço e merenda a gente tem que se movimentar não é de parar. Hoje sô aposentado como agricultor antes trabalhava em sítio mesmo como agricultor eu dô mais valor trabalhar na agricultura, tem um rapaz que trabalha comigo direto porque eu não abandono a agricultura de jeito nenhum, é agricultura e agora a melipolicultura se Deus quiser.

Pesquisadora: E no café trabalhou?

Eu trabaiei com café no Sítio São José, Logradouro, Pau do alho, Estados Unidos, Assaré, tudo isso eu trabaiei. E era limpando mato podando café, plantando bananeira. As muiê apaiava o café e o homem era o feitor.

3.1.6 Sítio Lagoa

No Sítio Lagoa (a 835m de altitude), uma área é arrendada para a plantação de chuchu. Em uma visita, os empregados estavam arrumando 300 caixas de chuchu para serem vendidas por R\$ 5,00 na CEASA. Também ainda é pilado o café e vendido (Fotos 29 e 30).



Foto 29: Produção de café no sítio Lagoa
Fonte: Vilma Araújo, 2009.



Foto 30: Produção de chuchu no sítio Lagoa
Fonte: Vilma Araújo, 2008.

Há aproximadamente vinte moradores, quase todos em casas de taipa e com energia ligada da fazenda. Daí as reclamações:

A diária por semana é R\$ 12,00, o trabalho é até sábado. Agora eu não. Domingo tenho que aguardar as plantas. Só quando chove não precisa, a tarde largo 4 horas, vô pra casa. Era bom que tivesse mais terra porque emprego mesmo pra pessoa que vevi nos matos não tem né? As casas não prestam não, são casa de taipa. A energia também não presta não. É clandestina. Só chega pros moradores as três horas da tarde. (Morador, Sítio Lagoa, 2008.)

Outra moradora confirma que as casas não possuem energia o dia todo, o horário é controlado pelo patrão:

A única coisa que é difícil pra nos aqui é a energia. A gente tem energia só das três a sete do dia. Durante o dia é desligado. As vezes, até a gente tem uma coisinha na geladeira e quando vai olhar tá com mal cheiro. A gente paga R\$ 15,00 por mês. A gente fez pedido da COELCE, aí ele levou o

papel pra assinar e nada. Ele não trouxe o papel, já tá com quase um ano. Tem sujeição da fazenda, paga dez reais. (moradora Sítio Lagoa, 2008.)

Além do serviço no sítio fazem roçado nas Quebradas onde garatem parte da subsistência:

Eu broco e planto milho, feijão, fava jerimum. Pra plantar é fácil agora pra colher e botar pra casa aí que é difícil. Tá com 44 anos que nós mora na terra. É meia hora de caminhada pra roça. Agora nós tamo começado a colher, traz em animal. Não tem renda. Só se plantar muito, aí tem a renda. Se passar de dez litros pra lá aí ele já pede. Sendo pouco ele exige só o trato da bananeira. Nunca precisou de licença porque ele (marido) não bota roçado, faz só bater as capoeiras. Ele não broca roçado em mata grossa, é só em capoeira destoca, aí faz coivara. (Moradora do Sítio Lagoa)

A gente pode trabalhar pra fora, mas um ou dois dias, tem que trabalhar pra ele também. Tem mais de 25 moradores, o sítio é grande extrema com Pernambuquinho e vai até em baixo na Pendanga. (Morador, Sítio Lagoa)

3.1.7 Forquilha

Na Forquilha (a 875m de altitude) há pequenos comércios, junto com um aglomerado de casas. Subindo um morro está o conjunto Pôr do Sol, construído em mutirão, que abriga muitas famílias que viveram nos sítios e trabalharam na agricultura.

O Conjunto foi feito em mutirão devido a necessidade do povo. Foi comprado o terreno o material foi doado. Foi feito por sorteio e foram trabalhando dava seis diárias por semana. Quem não podia pagava uma pessoa pra fazer ainda não tá registrado. Aqui ainda acontece muita necessidade. A gente paga CAGECE pelo esgoto R\$ 7, 00 mas a água é da prefeitura, tem problema de falta d'água aqui. A gente passa de 15 até mais dias sem água na torneira, tem que carregar água de um a dois quilômetros e é pedindo porque os terrenos estão tudo cercado. A gente pedindo uma aguazinha pra beber. (F. A. Conjunto Pôr do Sol, agosto de 2008).

Aí na cidade de Guaramiranga pode ser bom pros turistas porque pro pessoal mesmo a população... pra ter uma ideia nós aqui do conjunto passa até de mês sem água! imagine uma casa de família grande passar quase mês sem água! pra nós a nossa sorte é que a gente trabalha aqui (Sítio) e consome daqui mas o resto lá é um sofrimento. Aqui é poço.

Quem não é aposentado no conjunto vive ruim como todo, porque da um dia outro não de trabalho. A nossa sorte é que eu e meu esposo somos aposentados e meu filho também trabalha na firma. A gente não vive que nem rico mas também não passa fome né? (M.D. Conj. Pôr do Sol, agosto de 2008)

Em vários locais, foram entrevistadas pessoas que gostam de trabalhar na agricultura, no entanto, a falta de terra e de trabalho os faz ir mais longe nas quebradas e quando fala que não compensa é porque o preço do produto na época da safra é muito barato e quem não possui

local para armazenar acaba vendendo barato e sem lucro e muitas vezes comprando quando está caro.

No ano retrasado no derradeiro roçado que botei na quebrada na Pendanga ainda passei o verão todim comendo feijão e fava. Ainda fiz 105 saca de milho mas não tem quem guarda, nem tem porco pra dar, aí tem que se sujeitar vender barato, um saco de milho por vinte e dois contos não é dinheiro né. O cabra que passa lá na Quebrada como eu trabalhava com chuva com sol chegava em casa de tarde saia daqui cinco horas, não compensa de jeito nenhum. Agora se a terra fosse liberta pra gente trabalhar não tava nesse sofrimento não. Todo mundo tinha as coisas porque eu me lembro quando eu morava ali no Pirajara faz pouco tempo uns dez anos, eu tinha tudo graças a Deus. Tinha minha cana pra fazer rapadura tinha minha latada de chuchu eu fazia 4.500 chuchus, tinha repolho tinha alho tinha jerimum tinha roçado que dava pra fazer três farinhada. Mas eu não fazia tudo. Só fazia pro consumo né, fazia uma farinhadinha de três a quatro sacos de farinha botava em cima do fogão graças a Deus, não passava precisão e hoje em dia se o cabra não tiver um tostãozinho pra comprar um quilo de alguma coisa... porque só come se comprar. O cabra vivi no canto da gente mais vive preso não pode sair¹³, não é como o cabra morar assim num pé de serra numa quebrada, no sertão. O cabra broca um roçado planta um lastro¹⁴ de feijão aqui acolá é outra coisa né, aí o cabra fica num canto desse só esperando que chegue o fim do mês pra receber o salário. (J.V. Conj. Pôr do Sol, agosto de 2008).

3.1.8 Pernambuco

Pernambuquinho (a 816 m de altitude) é o único distrito de Guaramiranga. Possui posto de Saúde, um ginásio coberto e uma escola que recebe alunos de vários outros lugares. Há também a Igreja Nosso Senhor do Bonfim, cuja festa acontece no mês de setembro, foi construída no século XIX, em 1870, dista 9 km da sede. Apesar de o distrito ofertar ensino da Pré-escola ao Ensino Fundamental 2, muitos alunos se deslocam para estudar em Pacoti, município com tradição na sua história da educação e com melhor infraestrutura.

Atualmente é bastante visitado por turistas, pois mora em Pernambuco o mestre Pedro Balaieiro, que faz artesanato em trançado de cipó.

¹³ Agricultor aposentado mora atualmente no conjunto habitacional Por do Sol na localidade de Forquilha.

¹⁴ O lastro não é brocado, trata-se de uma pequena área plantada no mês de maio com legumes que não necessitam de muita chuva.

3.1.9 Barra

A Barra é um dos pontos mais altos, comparado com a Linha da Serra faz divisa com Mulungu. Os moradores vivem prestando serviços em casas de veraneio e na apanha de café, não possui escola nem posto de saúde, em 2010 foi concluído o acesso pavimentado. Um morador comentou: “a agricultura só dava alguma coisa aqui porque os patrões não pagavam quase nada aos trabalhadores. Hoje a agricultura faliu porque não vale a pena pagar a diária”.

3.1.10 Sítio Arábia

O sítio Arábia (a 860m de altitude) faz parte da história de muitos filhos de Guaramiranga, pois era um dos grandes produtores de café e, portanto, tinha muitos moradores:

O pessoal daqui quase tudo é aposentado. Não tem mais trabalho aqui não. Se não fosse o aposento e emprego nas casas de família, porque aqui tem muita casa de gente de Fortaleza. Um se emprega como jardineiro, zelador outro trabalha na casa, assim o pessoal tão vivendo. Mas esse Sítio aqui, de primeiro era todo mundo trabalhando no café porque aqui nesse sítio que eu moro era um dos que produzia mais café. O dono era Paulo Cornélio de Holanda. Foi o tempo que meu patrão foi ficando velho não podia mais lutar com os trabalhador aí dividiu as terras e comprou um apartamento em Fortaleza e foi morar lá, depois morreu. Os filhos abandonaram, outros botaram em venda, essa parte aqui botaram em venda. Agora eu que não saio daqui porque desde criança que moro e trabalho aqui. Aí tem uma (imobiliária) que chegou aqui com um filho do meu patrão aí foi tentando fazer um acordo. Eu disse: “rapaz eu saio daqui mas pelos anos que trabalhei pro seu pai... Tudo junto já tá com 44 anos quando ele começou com esse negócio. Agora tá com 45. Eu me casei e vim morar aqui, aí não é casa boa não, mas a pessoa tem que cuidar da casinha já fiz quarto, já fiz plantas. As plantas aqui tudo fui eu que plantei, Eu só saio daqui se você me dê uma casa pra morar ou me indenizar para eu comprar uma casa seja onde for”. Eu disse: “o tempo que trabalhei pro seu pai não é possível que você morra por causa dum quadro desse de terra”. Se ele tivesse dito assim: é seu, eu já tinha derrubado essa casa aqui e feito de tijolo mas eu não vou é fazer na terra dos outros. Agora, eu não saio é daqui, só quando morrer”. Ele botou disposto a venda mas não disse que ia me indenizar nem me dar uma casa, mas os irmãos dele disseram que eu não saísse não, só se ele me desse uma casa, aí eles não querem me dar aí a gente não discute não, a gente vai vivendo. (V. C. Arábia, agosto de 2008).

3.1.11 Pendanga

A Pendanga apesar de ter seu acesso com calçamento é uma das comunidades mais isoladas de Guaramiranga fica na descida da serra logo abaixo, do Pico Alto. As maiores reclamações dos moradores são a falta de transporte e ausência de serviços básicos. As casas são a maioria de taipa, todas de agricultores, foram construídas nas margens da via, fazendo divisa com Caridade. Como não tem nenhuma placa de divisa municipal, muitos discordam dos limites. No entanto, os pontos tirados no GPS indicam que a Escola com 577m de altitude é a última construção de Guaramiranga, logo após já é Caridade. (Fotos 31 a 34). Em 2008, na primeira visita, havia muitas crianças brincando, já em 2009, após um período chuvoso muito intenso, algumas casas estavam fechadas. Segundo os moradores, os donos, temendo que a casa caísse, foram embora para o sertão. Pois nesse ano com precipitação acima da média a localidade ficou isolada, os deslizamentos impediam a passagem de carro. Apesar de ser uma das áreas mais seca do Maciço de Baturité há água em abundância, que brota das vertentes.



Foto 31. Transporte de alimentos colhido nas Quebradas da Pendanga.
Fonte: Vilma Araújo, agosto de 2008.



Foto 32: Casas da Pendanga as margens da estrada. Vista do Pico Alto.
Fonte: Vilma Araújo, agosto de 2008.



Foto 33. Casa de agricultora na Pendanga.
Fonte: Vilma Araújo, agosto de 2008



Foto 34: Casa abandonada após intenso período chuvoso.
Fonte: Vilma Araújo, 2009.

Na agricultura só eu mesmo. É só eu e uma filha minha. Ela fica em casa e eu vou pra roça sozinha. Eu só não faço brocar mas plantar limpar, colher o resto tudo faço. Desde que comecei a me entender de trabaio. Eu trabaio até agora. Eu tenho 50 anos e todo dia trabaio sempre trabaiei na agricultura, nasci e me criei aqui. As vezes meu pai é quem brocava mas agora ele anda doente. Pego a foice, vou no mato cortar lenha, pego o machado vou lascas lenha, porque aqui eu não tenho marido. Aí sou o homem e a mulher da casa aí tudo eu faço. Vou pras matas, apanho café. Essa semana eu tava apanhando um café lá num sítio na Botija aí ficou só o do chão. As vezes eles pagam por balaio mas como agora a safra de café é pouca aí eles pagam por lata R\$ 3,00. No primeiro dia que fui apanhei 3 latas. Aí foi aumentando: um dia apanhava 4 latas outro dia 5 outro 6, o último dia de panha eu apanhei só três latas porque era o final da panha. Até a Forquilha é uma légua justin. As vezes eu pegava carona as vezes ia a pé as vezes o rapaz do serviço mandava me deixar de moto. Era um dia outro não. Quando era a pé largava 4 horas chegava aqui cinco seis horas. A vida de agricultor pra mim é bom que eu já tô acostumada a trabalhar né? O prefeito nosso aqui a gente quase nem reconhece a gente quase não vê falar o nome dele. A gente não tem nenhuma ajuda não. Um lugar desse aqui se num for trabalhando na agricultura aí vévi todo mundo de cara pra cima porque não tem emprego. Planto milho, feijão, fava. Dá lagarta um besouro nos feijão, mas a gente nunca botou nada não.

A única coisa que recebo é a bolsa família é R\$ 120,00. Pra quem não tem ganho e nem marido pra trabalhar e não tem outro ganho pra mim foi uma ótima coisa. Compro alguma coisa pra comer, e coisa pros estudos dos meninos que o dinheiro é pra isso mesmo. Essa menina é minha filha com ela tem duas filha e esse pequeno é meu. São cinco ao todo. Crio galinha, cabra. Quando não tem milho, acabo porque o milho é caro. Enquanto tenho da minha safra eu crio depois acabo. Aqui tudo depende de Guaramiranga, não tem nada fácil não. Eles não tão querendo que broque não (SEMACE). O gado come na capoeira e deixa tudo limpo aí a gente termina de limpar e planta. Quando vou em Guaramiranga só vou no correio tirar o dinheiro da minha mãe e volto logo.(Moradora, Pendanga, agosto de 2008).

O agricultor explica que a SEMACE não proíbe a agricultura porque a Pendanga está fora da APA de Baturité:

Sou filho natural de Boa Viagem, mas faz 26 anos que estou aqui, minha mulher é filha natural daqui. Trabalho na agricultura desde quando me entendi no mundo. A gente cultiva milho, feijão, fava. A casa é minha, a terra é da estrada. A terra que planto é de José Augusto Fareti. Aqui não tem renda, tudo é nosso. Hoje tô aposentado mas toda vida eu planto um pouquinho, eu tenho família tenho meus filhos. Aqui só mora eu e minha esposa meus filhos mora uma parte na Botija outra parte em Fortaleza. A terra broco e queimo. A SEMACE até agora não empataram de brocar porque a Pendanga tá abaixo de 600 m, não faz parte da APA. Eles vieram aqui porque a gente aqui tinha uma pedreira ai tudo mundo vivia das pedreiras. Eles levaram todas minhas ferramentas. Não fiquei com uma

enxada nem para brocar. Eu tirava a laje e vendia para Guaramiranga e Pacoti. Eles disseram que precisava tirar licença. Eu só fiquei chateado porque eles carregaram minhas ferramentas (alavanca, picareta, chibanca, cunha, marreta). Vou trabalhar pra ver se compro ferramenta de novo pra trabalhar na agricultura. A gente faz empréstimo porque eu tenho um botecuzinho aqui aí quando a coisa tá apertada aí a gente faz empréstimo pra comprar mercadoria, vai costurando. Tamo pagando todos dois tamo pagando empréstimo. Só crio gato cachorro e periquito. Não crio outros animais porque não tenho terra e criar no que é dos outros as pessoas ficam reclamando. Faço compra na Forquilha. as vezes vou de moto. A gente faz as compras e eles mandam deixar. O que nos não tem aqui é estrada. Pra Canindé e Campos Belos tá acabada. Aqui tem época que a gente vende o almoço e compra a janta aí vai vivendo. (M.P. Pendanga, agosto de 2008).

O capítulo quatro dedica-se ao estudo mais aprofundado de duas localidades em Guaramiranga, Pé de Ladeira, exemplo de mudança e adaptação ao novo modo de vida. E Linha da Serra, os agricultores sem alternativas fazem suas roças em terras alheias cada vez mais distantes, em direção ao sertão, onde a terra não tem “valor de troca”.

4. ESPAÇOS DO PARENTESCO: SERRA E SERTÃO

Estudar as instituições, costumes e códigos, ou estudar o comportamento e mentalidade do homem, sem atingir os desejos e os sentimentos subjetivos pelos quais ele vive, e sem o intuito de compreender o que é, para ele, a essência de sua felicidade, é, em minha opinião, perder a maior recompensa que se possa esperar do estudo do homem.

Malinowski, (1984)

4.1 Pé de Ladeira: a terra e o trabalho

A comunidade Pé de Ladeira (a 7 km da sede) localiza-se próximo à rodovia CE-065, via que dá acesso a Fortaleza. A altitude do relevo e sua proximidade do oceano favorecem o recebimento de maior umidade, ocasionando as chuvas orográficas. Nessa área, o relevo apresenta-se fortemente dissecado, com elevado potencial hídrico, ocasionando várias nascentes, formando pequenas cachoeiras e fontes de água mineral. Esse conjunto de fatores limitou, durante muitos anos, sua ocupação. No entanto, atualmente, devido à demanda por terra, esses locais vem sendo ocupados desordenadamente.

A divisão da terra ocorreu de forma intensa. Enquanto os antigos herdeiros vendiam a terra mais preservada, os que ficaram se multiplicaram e permaneceram nas áreas com maior declive, resultando num agrupamento de pequenas casas com aproximadamente cinquenta famílias e quase duzentas pessoas. Predominam as famílias: Souza, Oliveira, Cesário, Jardimino, Saraiva, Paulino. Os Souza e Oliveira apresentam o maior número de descendentes, como relata a matriarca:

Tive nove filhos, estão todos vivos, nunca saíram de perto, estão todos aqui. Nasceram e se criaram. E eu nasci e me criei aqui. Já tô com sessenta anos de casada... Hoje as condição são diferente, uns são empregados, outros não são, muitos têm trabalho, outros não. Mas o meu lugar é muito bom. Do grupo pra cá era tudo nosso, mas meu pessoal que já morreram venderam. Aqui tudo era uma família só, ainda hoje casa primo com primo. (M. L. Pé de Ladeira)

A fala abaixo descreve os costumes dos tempos antigos, quando os alimentos eram divididos entre os parentes:

Antigamente se você não tivesse condição de uma coisa, aí o povo se juntava tudim e aquele que ficava tudo na condição de um. Se fizesse uma farinhada, era meio saco pra um, mei saco pra outro. Quando matava um porco, era um pedaço pra um, um pedaço pra outro, e quando o outro matava, resolvia a mesma coisa, mas certo que era pra viver tudo numa iguaia só, todo mundo unido. (M. L. Pé de Ladeira)

Sobre esse assunto Brandão discorre no livro Afeto da Terra:

Não há cerimônia alguma e se entende que a carne doada de um para outro é um momento de um círculo de trocas em que parentes (nem sempre familiares nem sempre consanguíneos se obrigam a receber porções de carne de um animal morto mediante a obrigação de distribuírem ao doador na ocasião em que sacrificarem o seu porco. De antemão, a família destinatária sabe que, em uma casa de doador contratado, foi morto um “capado” e espera dela receber uma porção de carne. (BRANDÃO, 1999, p.98).

A comunidade não possui igrejas. Atualmente muitos são evangélicos que diariamente se deslocam para assistir o culto em outra comunidade.

Antes da década de 1970, a população local sobrevivia do trabalho na terra, produzindo sua subsistência com pequenos plantios, muitas vezes na condição de morador, enquanto outros faziam diárias trabalhando nos sítios que produziam café ou nos engenhos:

O povo plantava milho, feijão, mandioca. Tinha uma produção duma tal de araruta, vocês não conheceram não. É justamente uma massa que chama ararupan. Um monte de gente raspando araruta mode fazer goma, o pau da araruta vendia pros gados. A Dica (filha) conheceu, fazia mingau pros filhos... (M.L. Pé de Ladeira, fevereiro de 2010)

Eu fui nascido no Sítio Logradouro. Meu pai era morador trabalhador do sítio. Meu pai trabalhava no engenho. Nesse tempo, era puxado a boi, não tinha negócio de motor não. Era os homens botando cana no engenho e eu ia tirando bagaço, ia tanger os bois. Tinha muita fartura de rapadura, era só pra o consumo. (M. G. Pé de Ladeira, fevereiro de 2010).

Sobre a forma de pagamento da colheita do café, os mais antigos relatam que na época era comum o uso de fichas que depois seriam trocadas por mercadorias:

Quando a gente apanhava café, o sítio mais procurado era do major Hugo. A gente trabalhava, aí quando era de tarde, trocava umas oito medidas de café por um cartão. Tinha cartão verde, vermelho, azul. Aquele cartão dele trocava em qualquer bodega, era como um cheque, quando não tinha o que queria aqui e não queria ir no Guaramiranga, a gente ia bater no Salva Terra e lá trocava. Depois dizia pro feitor que tinha trocado no Salva Terra. (M.L. Pé de Ladeira, fevereiro de 2010)

Com a grande produção de café, a mão de obra local não era suficiente para atender todo o trabalho dos sítios, sendo necessário buscar trabalhadores em outras localidades. A comunidade Pé de Ladeira sempre foi fornecedora de mão de obra:

Se a senhora souber... que eu mesmo, a minha pessoa, às vez tô aqui imaginando os tempo e os lugar que eu já andei trabaioando e andei apanhando café. Aqui é porque toda vida o povo dono das terra que tinha um trabaio enrascado, como bem, no Salva Vida, Venezuela, Boa Água e muitos sítios longe até no Pacoti mandavam chamar o pessoal do Pé de Ladeira pra desenrascar. Até no Tijuquinha pro lado do Mulungu, vinha um carro e levava os home pra podar café e as muié pra apaiar café no Alves. Era umas cinquenta pessoa trabaioando, porque aqui nós nunca tivemos patrão. (M.L. Pé de Ladeira, fevereiro de 2010)

O trabalho na garrafa citado é uma prática antiga de cobrir artesanalmente as garrafas de bebida quando ainda estão vazias, costume que deu origem à maior parte do artesanato vendido hoje na serra usando o trançado de cipó.

Nasci no Sítio Cana Brava, nós trabalhava em garrafa. Já quando eu tinha pai e mãe e meu pai era tratador dos bichos depois fumo roçar o café do Fernando Ferreira que era patrão nosso. Os home roçava de foice e nós era de facão mas, era o mesmo serviço dos home. Os ganhos era três tóis. Ói como faz tempo que eu trabaio... (F.J. Pé de Ladeira, fevereiro de 2010)

Atualmente, percebe-se uma grande mudança. Como as casas são pequenas e sem quintal, a maioria das famílias, com exceção dos que ainda são moradores dos sítios, não dispõe de frutas e de nenhum tipo de legume: tudo o que necessitam é comprado. Existem dois pequenos comércios: um com produtos de primeiras necessidades, como alimentos, material de limpeza, gás e congelados, e outro é um bar, com sinuca, cachaça, cerveja e refrigerantes. No entanto mensalmente ou semanalmente, os que têm mais ganho se deslocam para outras cidades onde há feira. Nessa comunidade, a preferência é por Baturité, que possui um comércio mais diversificado com mercado e lojas de eletrodomésticos que vendem a prestação. Para ali há mais facilidade do transporte. Além dos ônibus que fazem o percurso Fortaleza, Guaramiranga passando por Baturité fazem também, o trajeto Guaramiranga até Baturité caminhões paus de arara.

Mesmo a localidade sendo formada por poucos grupos de parentesco, ainda não consegue se organizar e se unir para conseguir melhorias. Em 2007, durante as primeiras entrevistas, falava-se em associação. Nos anos seguintes, os entrevistados diziam desconhecer qualquer associação no local. Também na época das eleições, as famílias não se unem para eleger um representante. Mesmo se tiver candidato local, este recebe poucos votos, não sendo suficiente para eleger-se. Uma moradora esclarece: “A comunidade não é unida, alguns não se falam. A gente mora ilhado pelos sítios, cercados dos empresários”. (M.G. Pé de Ladeira, julho de 2007).

Observa-se, que são afetados com a falta de terra para morar ou produzir o sustento, pois os terrenos valorizados não são acessíveis às novas famílias. É comum duas ou mais

famílias residirem na mesma morada. Pé de Ladeira é uma das comunidades mais carentes do município, ainda com casas de taipa e novas construções em local com declive acentuado, portanto em áreas de risco (Fotos 35 e 36). Nas construções, o nivelamento do piso deixa uma barreira sem nenhuma proteção, com o telhado das casas, muitas vezes, encontrando-se no nível do piso de outra (Foto 37).

O relevo proporciona a formação de nascentes na área. Estas, em sua maioria, encontram-se cercadas pelos novos donos da terra. Outras são impróprias para o consumo, pois, como a comunidade não possui água encanada e muitas casas ainda não possuem banheiro, é costume entre os moradores tomar banho e lavar roupa nesses locais. Em agosto de 2008, foram beneficiados com a construção de 30 banheiros. Como as casas são pequenas e não possuem quintal, a maioria dos banheiros foi construída fora da casa (Foto 38).



Foto 35: Casa de taipa localizada no Pé de Ladeira.
Fonte: Vilma Araújo, 2010.



Foto 36: Acesso às casas sem pavimentação dificultando o acesso nos dias de chuva.
Fonte: Vilma Araújo, 2010.



Foto 37: Casas construídas próximo de Barreiras, sem proteção.
Fonte: Vilma Araújo, 2010.



Foto 38: Banheiro construído fora da casa.
Fonte: Vilma Araújo, 2010.

Queixam-se os moradores de que o lugar é esquecido pelos governantes, não possui posto de saúde, água encanada e calçamento até as casas, o que dificulta o acesso no período de chuvas. Também falam que a localidade não foi contemplada com um abrigo público no ponto de ônibus. Nos dias de chuva e frio, não há onde se proteger enquanto esperam transporte. O único equipamento público existente é um prédio onde funcionava a escola. Desde 2005 está ocupado por duas famílias cujas casas caíram no período chuvoso e ainda hoje aguardam as promessas de ajuda dos governantes para reconstruí-las.

O poder público local reivindica a posse da escola para transformar em creche, promete alugar em outra localidade, casas para os que estão morando lá. Os ocupantes da escola não aceitam, pois suspeitam que o aluguel seja por tempo determinado e querem é receber uma casa na comunidade, onde também trabalham.

Os alunos diariamente sobem e descem ladeira a pé até as margens da rodovia CE-065, onde pegam o ônibus que os leva até a escola na sede. Quando chove muito, alguns ficam impedidos de ir à escola porque fica até difícil sair de casa. O acesso, além de acumular água em alguns pontos, também fica escorregadio.

Cercas vivas, de arame farpado ou muros altos separam as casas dos moradores dos vizinhos são sítiantes que ocupam grandes áreas verdes, pertencentes em sua maioria aos empresários de Fortaleza, que mantém o sítio como área de lazer. São aproximadamente dezoito propriedades, a maior parte possui poços profundos e barragens que formam piscinas com a água natural dos riachos. (Foto 39). As pequenas cachoeiras muito próximas às casas atraem poucas pessoas para o banho já que em suas margens é comum encontrar lixo (Foto 40).

Em agosto de 2008, a água potável era doada e distribuída por um sítiante que liberava uma torneira durante dois dias na semana. Dessa forma, crianças, jovens, adultos e até os mais velhos passavam o dia todo revezando na fila para encher baldes e vasilhames que depois carregavam morro acima ou abaixo (Foto 41).

Apesar da comunidade não dispor de água potável para seu consumo diário, instalou-se no local uma empresa engarrafadora de água mineral, cujo maior consumidor é a capital do Estado (Foto 42). Esse empreendimento, mesmo empregando parte da mão de obra local, ao cercar as fontes, apropria-se de um bem indispensável à sobrevivência das pessoas. Na opinião de Yázigi (2006), quando se cogita um projeto de impacto sobre um lugar, é preciso

que os padrões propostos (comerciais, físicos ou outros) assegurem, se não a manutenção de um status quo sadio, pelo menos as perspectivas evolutivas da cidadania plena.



Foto 39: Água de fontes naturais barradas para uso particular nos sítios.
Fonte: Vilma Araújo, 2010.



Foto 40. Pequenas cachoeiras com a qualidade da água comprometida pelo lixo.
Fonte: Vilma Araújo, 2010.



Foto 41: Fila para adquirir água potável em uma torneira doada por um sitiante.
Fonte: Vilma Araújo, 2008.



Foto 42: Fonte de Água mineral Neblina.
Fonte: Vilma Araújo, 2008.

Em fevereiro de 2010, algumas mudanças foram observadas, as pessoas já não ficavam na fila para pegar água na torneira. Uma caixa d'água com boa capacidade de armazenamento foi colocada por pessoas da comunidade. Os que vêm de fora consideram esse fato positivo, mas os relatos dos moradores não são otimistas, pois a água armazenada na caixa vem de uma fonte sem nenhum tratamento e foi constatada pela defesa civil como imprópria para se beber, no entanto, sem alternativas, é dela que se consome. Outra reclamação da comunidade é que, no período de chuva, a situação se agrava, porque a água traz muitos sedimentos.

Os moradores que ainda permanecem nos sítios queixam-se de que os patrões abandonaram os cultivos; não há mais plantação, agora tem que comprar quase tudo. alguns recebem salário e outros, como pagamento, podem vender o colhem nas margens da rodovia CE-065, são geralmente frutas, como banana, jaca, manga.

Recebo salário não, eles tavam me pagando meio salário, toda vida só ganhei meio salário, mas tá com 3 meses que não me pagam nada (os filhos). O café tiro pra mim, 200 reais o saco, dá 2 a 3 sacos por ano depende da chuva e se chover de agosto para setembro a floração pega a carga se não chover ...colhe junho e julho. (J.R. Pé de Ladeira, agosto de 2007).

Por outro lado, os patrões justificam-se de que qualquer plantação tem que ser licenciada pela SEMACE e os custos não compensam. A fala de um morador revela esse descontentamento com as exigências do órgão ambiental, que é confundido com o IBAMA, o que mostra o pouco contato dos administradores da APA com a população local.

Não pode mais brocar nada aqui, não pode mais comer um tatu, um quandú, até pra nós que somo daqui. As terras tão tudo abandonadas, os donos são tudo empregado do governo. Pra fazer um chão de casa tem que ser no escondido, porque o IBAMA¹⁵ vem e multa. Acha que um pobre tem R\$ 5.000 pra pagar o IBAMA pra fazer uma casa? Eu acho isso errado, nós que somos filho daqui da terra! os homens ricos chegam de fora e constroem suas mansões dentro da mata. Derruba com trator três hectares de terra, e o pobre? Fica difícil, é isso mesmo. O turismo só dali pra rua, algumas pessoas que são amigos são beneficiadas. Quem trabalhou de enxada e não sabe ler, vai trabalhar no turismo? Num vai. (J.R. Pé de Ladeira, agosto, 2008).

Os tempos antigos ficaram registrados na memória dos mais velhos, embora não identifiquem a data, vivenciaram um período de fartura e muito trabalho:

Tinha muito café e cana. Todo mundo vivia bem, mas depois os governos entraram compraram os pés de café e arrancaram tudo. O Tasso Jereissati mora bem aqui, tem um sítio grande. Eu criei meus filhos tudo trabalhando lá, hoje tá tudo abandonado. O governo reservou isso aqui como uma reserva, aí quem trabalhava de enxada quem não sabe ler nada ficou na zoadá. Eu estudei poquim, mas muitos não estudaram. Aqui tinha duas fábricas de cachaça a cachaça: Brejo e a Guaramiranga ainda hoje tem o nome essa Guaramiranga. Era fabricada onde hoje é o Adauto Bezerra em Uruguaiana. Nesse tempo tinha serviço por todo canto eles moíam cana o verão todim e ainda sobrava cana. Antigamente tinha cento e tantos engenhos de rapadura, boi, até jumento puxava engenho nesse tempo. (J.R. Pé de Ladeira, agosto de 2008)

Concordando com a fala acima outro morador comenta que hoje o sustento é mantido com a aposentadoria:

A gente tá vivendo mesmo mais do aposento. Os patrões daqui são tudo empregado do governo que foi o que arruinou pra nós foi isso porque

¹⁵ Os moradores ainda não diferenciam um órgão do outro (IBAMA-SEMACE), assim não sabem ao certo ao qual órgão estão se referindo quando fazem as reclamações.

antigamente não tinham emprego do governo aí eles produziam na propriedade e davam emprego para trinta, quarenta pessoas. Agora os velhos morreram, mas os filhos e netos as vezes vem. (J.R. Pé de Ladeira, agosto de 2008).

A fala a seguir enfatiza que até mesmo os sítios que mais produziam no passado hoje dependem dos pequenos produtores:

A vida foi um pouco difícil no começo mas um tanto era melhor. ... por umas coisas era melhor, era mais difícil mas não tinha malandragem. Aqui era uma serra toda completa de fruta, tangerina, café, abacate, banana. Aquela mata que vocês tão vendo aculá era como um jardim de banana, já hoje não tem nenhuma. O major Hugo era cansado de vender 140 milheiros de banana. Hoje eu tô cansado de tá na rua e chega a Nedinha, empregada do meu tempo do Major comprando um cento de banana. Eu pergunto pra quem é? ela diz que é pro Major Hugo. (R.O, Pé de Ladeira, agosto de 2008).

Apesar de muito trabalho no passado, os ganhos eram poucos, não recebiam salário fixo e o que ganhavam não cobria todas as despesas da família:

Os proprietários tudo eram ricos. O real acabou com a agricultura na Serra, mas melhorou para os trabalhadores. Um trabalhador ganhava R\$ 2,50 por dia. Só dava para comprar o feijão e faltava para o arroz, pro açúcar “o pobre era totalmente escravizado”. Com a mudança para URV, 1 kg de açúcar era R\$ 0,20. O dia de trabalho de R\$ 2,50 passou para R\$ 4,00 que valia R\$ 14,00 no dinheiro antigo. Aí melhorou para o pobre, que passou a comprar um sapato, um rádio que antes não dava. A banana e o café ficaram o mesmo preço. Com R\$ 150,00 de um saco de café dava para pagar 70 dias de trabalho. Na época o (proprietário) comprou um caminhão Ford novo com 110 sacos de café. Hoje o saco de café não dá para pagar 15 dias de trabalho se vender de R\$ 200,00 porque as vezes vende de R\$ 180,00. Como agora são poucos que tem café, tem que vender para o primeiro atravessador que passar para poder fazer uma carrada. Hoje um senhor tava procurando 5 milheiros de banana e não tem. A nossa agricultura tá completamente destruída. (J.A. Pé de Ladeira, julho de 2007).

Além da empresa de água mineral, outro empreendimento que vem se instalando na região é um *resort* de luxo denominado Moradas da Serra: *Resort & Village*. Esta obra apresentou problemas desde o início da sua construção, tendo sido embargada algumas vezes. De acordo com o Estudo de Impacto Ambiental/Relatório de Impacto Ambiental (EIA/RIMA), o empreendimento, com investimentos de R\$ 7.674.400,00, é composto por 27 casas com equipamentos de lazer integrados ao complexo.

O estudo também relata que o sistema de abastecimento para todo o conjunto das edificações será feito através da captação diretamente do leito do riacho Roda D'água, que corta a propriedade e de um poço profundo. A água captada será direcionada para uma

estação de tratamento e depois bombeada para as diversas cisternas subterrâneas espalhadas ao longo do terreno.

Apesar de a obra ser na localidade Pé de Ladeira, os moradores não tem conhecimento do EIA/RIMA, que se encontra na biblioteca da SEMACE em Fortaleza, já que este estudo esclarece os impactos que afetarão diretamente a comunidade, tais como: desmatamento, poluição sonora, poluição do ar, tráfego de transportes pesados na fase de implantação e, modificação da paisagem, utilização de água do córrego a montante quando a obra estiver pronta.

O EIA-RIMA não faz referência as condições de vida dos moradores e os problemas de infraestrutura, inclusive a falta d'água, um dos principais problemas do lugar. Também não foi identificado nenhum Estudo de Impacto de Vizinhança.¹⁶

A construção de condomínios na Serra gera conflito entre os moradores e os proprietários dos imóveis, pois estes utilizam água em grande quantidade, comprometendo o abastecimento das comunidades onde estão instalados, como já discutido no capítulo 3.

Nas últimas visitas à área, percebeu-se que o canto dos pássaros, o barulho das águas das nascentes foram afetados com o intenso ruído das máquinas. Fotos sobre a área do empreendimento serão comentadas no capítulo 5.

4.1.1 Artesanato: serra, facão e martelo

Os moradores mais antigos que sempre trabalharam na terra têm uma relação particular com a floresta. Apesar de toda a riqueza natural, não consideram o lugar um “paraíso” e sim um lugar de trabalho e de sobrevivência da família. Portanto, reconhecem os benefícios que o trabalho na floresta proporciona, sendo comum falas: “a mata me serve de remédio”, “pra mim o artesanato é um meio de renda e terapia”.

Algumas famílias conseguem a renda através da confecção de artesanatos, cuja matéria-prima tem origem na floresta como taboca, cipó, madeira e mudas de plantas, comprando apenas os pregos e verniz para o acabamento. Usam diferentes tipos de cipós, dependendo da finalidade: o canela de jacú, cipó de fogo, o cipó branco, ritirana, cipó d'água, cipó imbé, cipó

¹⁶ EIV -

rei. A partir desses materiais, os principais produtos confeccionados são cadeiras, poltronas, mesas, luminárias, enfeites para jardins, cestas de café da manhã.

Alguns preferem trabalhar com a casca, colocando apenas verniz para que o produto tenha uma maior durabilidade e mantenha a rusticidade. Já nas cestas de café da manhã e luminárias são utilizados os cipós raspados por serem produtos mais delicados. A maior dificuldade apresentada pelos artesãos é a busca desses materiais na mata, pois passam o dia andando a procura da matéria-prima, já escassa em alguns locais. No período chuvoso, a matéria-prima é de mais difícil acesso porque os morros ficam muito escorregadios, assim, os artesãos preferem ir nos dias em que não chove. “A gente tira segunda e terça pra ir pra mata tirar matéria-prima. Dessa mata da frente é proibido, a gente vai mais na mata selvagem”. (R.S. Pé de Ladeira, agosto de 2008). O cipó com casca é mais pesado e precisa de grande quantidade, então são feitos rolos e carregados nos ombros. A maioria dos entrevistados não leva alimento para a mata: come o que encontra na floresta e bebe água das fontes ou que fica acumulada nas bromélias.

O trançado de cipó utilizado na maioria das peças era, tradicionalmente, confeccionado pelas famílias que trabalhavam na colheita do café e faziam os cestos para transporte desse produto. Esse trançado também é utilizado nas garrafas de cachaça empalhadas com cipó. O aprendizado da confecção de novas peças veio com a necessidade, pois a maioria não fez cursos. Os mais novos viam os mais velhos trabalhando, retirando da mata a matéria-prima, e com criatividade foram surgindo novas peças, adaptadas ao gosto dos turistas e compradores.

No Pé de Ladeira, essa fonte de renda surgiu como uma forma de adaptação às mudanças ocorridas com o fim do trabalho nos sítios e com a conservação ambiental que limita os tipos de uso da terra, como é colocado na fala a seguir:

Com a mudança muitos donos de sítio arrancaram o café. Outros optaram por plantação de banana, chuchu. Aí foi acabando as rendas foi acabando a produção e a gente ficou mesmo numa situação que tinha que apelar, tinha que aparecer algum movimento que substituísse, que gerasse renda. Chegou ao ponto da pessoa passar fome mesmo... Não tinha pra quem apelar porque não existia o turismo. Foi quando a gente começou fazendo cestinha e tirando a bromélia da mata. Plantava e começava a botar na estrada e vendia, uma ou outra, porque nessa época não tinha turista como tem agora, não tinha sido descoberto o valor do turismo aqui em Guaramiranga. Nós nunca tivemos curso de nada, de nada mesmo para esse tipo de trabalho. Foi a necessidade que fez nós ser criativo. Depois a gente começou cestas maiores e depois a gente ia criando uma coisa ou outra. (Artesã, Pé de Ladeira, 2008).

O conhecimento da mata e prática dos anos vividos no trabalho no campo acumulam informações importantes no manejo das espécies utilizadas:

Na verdade eu mantenho ele na mata mesmo, quando eu preciso vou só cortar e tirar. Se passar 4 dias agora no verão seca, aí eu só tiro aquilo que vou usando. O que eu tirei ontem vou usar hoje. Ele só raspa enquanto tiver verde. Com três dias de tirado ele perde toda a água, e seco ele não raspa. (Artesão, Pé de Ladeira. Agosto de 2008)

Sem nenhuma infraestrutura, os artesãos, como gostam de ser chamados, não têm local apropriado para realizar o trabalho. As peças são feitas dentro de casa, em baixo das árvores, ou no local de venda. (Fotos 43, 44, 45,). Depois são levadas nos ombros (Fotos 46) ou em carrinho de mão até a rodovia, onde serão vendidas ou transportadas para Fortaleza.



Foto 43: Escola Pé de Ladeira, transformada em casa e local de trabalho.
Fonte: Vilma Araújo, 2008.



Foto 44: Confeção do artesanato no local de venda as margens da CE-065.
Fonte: Vilma Araújo, 2010.

Como não existe creche, as crianças ficam no mesmo local onde são fabricadas as peças, expostas a ferramentas, como facão, serra e martelo, utilizados na confecção do artesanato. Alguns fazem brinquedos com sobras do material.

A margem da rodovia onde as peças são comercializadas, (Fotos 47 e 48) além da proteção de árvores, como mangueiras, contam, apenas com algumas palhas, plástico ou guarda-sol para se protegerem do sol e chuva. Como relata a fala abaixo:

Às vezes a gente perde até material porque leva muita chuva, a gente não pode nem fazer um bom acabamento porque a gente trabalha no relento e tudo que nós fazemos é manual. Pra serrar, agora a gente já ta usando serra mas quando começamos era só uma foice e um facão. E com aquele facão sem ter serra, sem medida, sem ter nada. Você tinha que criar seja lá o que fosse, ou então morria de fome. Essa era a realidade daqui. (Artesã, Pé de Ladeira, 2008).



Foto 45. Artesão tirando a casca de cipó em baixo das árvores.

Fonte: Vilma Araújo, agosto de 2007.



Foto 46: Artesão descendo a ladeira com cestos no ombro.

Fonte: Vilma Araújo, fevereiro de 2007.

Os pontos de venda às margens da rodovia, mesmo sem infraestrutura adequada para expor os produtos, são locais preferenciais, pois a CE-065 é o principal acesso dos visitantes, e também fica próxima de suas casas e da mata de onde retiram a matéria-prima para a confecção do material. Tudo é improvisado e provavelmente nunca vão conseguir licença para construir nesse local, pois fica às margens de um riacho. Outra alternativa seria ocupar os boxes instalados no centro da cidade, mas são pequenos e não dispõem de espaço para confeccionar novas peças. Além disso o deslocamento até os boxes aumenta os gastos diários com refeições e transportes.

Quando tem um bom festival aqui, um bom evento tem vez que o dinheiro que você ganha num mês você ganha num dia, num momento. Tem dia que tem 4, 5 carros parados. Aqui é a fonte viva, aqui a gente fabrica, aqui a gente vende. Se passar o dia não vender nada, não perde tempo porque tá fabricando. Lá nos boxes tinha dia que eu ia era gastar. Levava dinheiro tinha que almoçar e as vezes não vendia nada. (Artesã - Pé de Ladeira, 2009)



Fotos 47. Peças rústicas de cipó.

Fonte: Vilma Araújo, agosto de 2007.



Foto 48: Local de venda do artesanato no Pé de Ladeira às margens da CE-065.

Fonte: Vilma Araújo, agosto de 2008.

Os que buscam no artesanato apenas um complemento para a renda da família, destacam a importância dessa atividade e as melhorias conseguidas:

Tá melhor que antes. Antes vivia da agricultura tudo era mais dificultoso. Trabalhava com enxada no campo. Estudei pouco, era no tempo da ignorância os pais tiravam a gente da sala de aula para trabalhar. Mas sempre tinha aquele sonho de artesanato na minha cabeça. Fazia para brincar, fazia para os outros meninos era boneca, era boi, inventava casa de barro botava as bonecas para morar. Quando era no inverno conversava sozinha com as bonecas, conversava com as formigas. Eu era uma menina que gostava de prestar atenção. Sempre tive o dom para natureza, bem dizer, como índio que gosta mais das coisas naturais. Eu não gosto de morar na cidade em rua, gosto assim pra resolver os negócios, fazer uma compra e voltar. (Artesã - Pé de Ladeira, 2009)

Evidentemente, a população local não está completamente excluída do processo que dá subsídios à atividade turística, uma vez que se insere enquanto mão de obra necessária para o funcionamento dessa atividade ou ainda utilizando-se da infraestrutura implantada para viabilizar a expansão do turismo. O desenvolvimento territorial não atinge a toda sociedade de uma maneira benéfica e justa, assim, poucos são realmente beneficiados enquanto a maioria fica às margens desse processo – sem trabalho suficiente para a reprodução de suas condições de vida. Essa população é incluída de forma marginal nos setores econômicos locais, como aponta José de Sousa Martins:

Estamos em face não de um problema de exclusão. A palavra exclusão conta apenas metade do processo, mas não conta a consequência mais problemática da economia atual, que é a inclusão degradada do ser humano no processo de reprodução ampliada do capital. É isso que tem que ser discutido. É isso que tem de ser objeto de consideração. (MARTINS, 2002, p.125)

Assim, percebe-se que o turismo influencia o modo de vida local de maneiras distintas. Alguns tem empregos temporários na construção civil, em pousadas e em áreas de recreação, outros trabalham com artesanato de cipó para ser vendido aos turistas. Quando o produto vai ser vendido em Fortaleza, o encarregado da venda geralmente é um dos mais velhos do grupo, pois não paga a passagem de ônibus. Quase toda semana levam sempre em grandes quantidades, sendo necessárias muitas horas de trabalho para garantir o sustento diário, como afirma um artesão: “Minha produção é 600 cestas de aniversário por semana ou 60 de café da manhã, ou 24 balaios” (Artesão, Pé de Ladeira, 2007).

Aos poucos, o trabalho vem sendo reconhecido e alguns artesãos têm suas peças divulgadas pela mídia, contribuindo para melhoria da renda. Como exemplo, dona Francisca, umas das pioneiras do artesanato na serra, mesmo sem saber ler com mais de oitenta anos,

viaja para Fortaleza quase toda semana levando a mercadoria que toda a família produz. Já participou de documentário sobre sua vida e trabalho e recentemente foi entrevistada pelo jornal Diário do Nordeste numa série de reportagens que divulgaram o artesanato cearense. Mesmo assim, percebe-se que ainda vivem em dificuldades, pois o que ganham não supre todas as necessidades. Como enfatiza a fala: “O dinheiro só da pra comprar mantimento para casa. No inverno é pior porque a roupa molha e quando chega em casa tem que vestir outra e não dá tempo de enxugar”. (F.J. Pé de Ladeira, março de 2010).

No artesanato a renda não é fixa, depende diretamente do fluxo de turistas. Assim, é comum as pessoas mudarem de profissão em busca de renda fixa.

Eu tô trabalhando, só que eu parei um pouco no artesanato porque a renda não tava dando. Tem muita gente no ramo as vendas não tavam boas aí eu arranjei um trabalho. Ali a gente fica exposto no sol e chuva. Geralmente do jeito que a gente trabalha pode até acontecer acidente porque é bem primitivo a gente usa uma serra um facão e um martelo. (morador, Pé de Ladeira)

José de Sousa Martins esclarece:

É difícil reconhecer que haja desenvolvimento quando seus benefícios se acumulam longe da massa da população. Como é difícil reconhecer a legitimidade de um modelo de desenvolvimento que exclui legiões de seres humanos das oportunidades de participação não só nos frutos da riqueza, mas até mesmo na produção da riqueza. (2002, p.10)

Embora a confecção de artesanato seja árdua e cansativa, exigindo várias horas de trabalho por dia, o artesão é dono do próprio negócio e valorizado com seu trabalho. Esse mesmo trabalhador, quando busca outros serviços proporcionados pelo setor turístico, apenas consegue aqueles que não exigem qualificação, seja na área de limpeza, garçons, vigias ou jardineiros com baixa remuneração, não havendo, portanto, significativa transformação da realidade social.

Também contribui a falta de organização e união da comunidade, que deixa de receber benefícios por não ter uma associação atuante com pessoas engajadas em buscar melhorias, como as obras hídricas do Projeto São José¹⁷. Ao invés da organização buscaram soluções individuais que não passam de promessas ano a ano a cada eleição.

¹⁷ Para ser beneficiária de uma obra hídrica pelo Projeto São José, a comunidade precisa estar organizada em associação legalmente constituída, com CNPJ e registro em cartório, fazer uma carta-proposta solicitando o benefício e elaborar o projeto através de um técnico credenciado.

4.2 Linha da Serra: campesinato e turismo.

A Linha da Serra é na verdade a cimeira da serra com uma altitude média de 900m, onde ocorre a separação entre as áreas mais elevadas, como é o caso do Pico Alto com 1.114m de altitude, e as mais baixas em direção ao Sertão. Esse cenário encantador aos olhos do visitante estimula o surgimento de um mercado imobiliário crescente nas últimas décadas, resultando na instalação de pousadas, restaurantes, casas de veraneio e populares.

Aqui a família dos moreiras era dona dos terrenos e ainda continua sendo. Os que venderam alguns melhoraram de vida, outros não. A parte da Linha da Serra lá onde tem a Escola era do meu avô e a banda de cá também era do meu outro avô. (D.M. Linha da Serra, abril de 2010.)

A fala de um morador revela a dificuldade para construir uma nova casa no local, já que é exigida uma licença ambiental.

Se teve uma coisa que mudou muito, foi esse negócio de construção. Pelo menos se eu fosse construir hoje talvez não desse nem certo. A SEMACE dá em cima demais. Pros ricos é fácil e pra nós é difícil. É que eles não liberam pra gente construir uma casinha, é caro, tem que pagar, aí quem não tem condição de pagar fica difícil construir. O dinheiro que era pra comprar material tem que passar pra eles, (SEMACE) tem que pagar. (A.M. Linha da Serra, agosto de 2008)

Localizada a 12 km da sede, sua população é formada por pequenos comerciantes, aposentados e agricultores. Em 2008, a população elegeu dois vereadores. Essa vila fica situada numa restrita área plana, com casas, bares, mercadinhos e equipamentos públicos como a escola, creche, igreja católica e posto de saúde construídos de frente para a via de acesso (Fotos 49 e 50). Há também várias casas em áreas com declives acentuados, tanto dos novos moradores como dos antigos residentes. A diferença é percebida na forma de ocupação, pois as casas antigas possuem a frente para a estrada de acesso, já as novas construções preferem dar destaque a paisagem sertaneja (Fotos 51 e 52). O tipo de construção das casas antigas é semelhante às construídas no sertão, a diferença é o pequeno quintal insuficiente para criação dos bichos, pois a terra é valorizada.

Quando o pessoal resolveram [...] cada qual tinha seu local. Aí foram vendendo as beiradinha para poder viver, pra comprar outra coisa. Aí os grande foram comprando aí levantando suas casas bonitas. É até bom pra gente mesmo porque de repente a gente tá precisando de alguma coisa e eles chamam a gente pra um trabalhozim.

Não existe nenhuma ocupação ou lazer para os jovens. A única área pública um campo de futebol, está a cada dia diminuindo com as novas construções. A escola local funciona da pré-escola ao ensino Fundamental 2 e recebe alunos de várias localidades distantes

quilômetros, mas ainda é a única opção para as crianças. Os pais são, em sua maioria, agricultores analfabetos ou com poucos anos de estudo. O percurso é feito de pau de arara, no entanto, os alunos de todas as idades da localidade Granjeiro fazem o percurso mais difícil a pé, diariamente subindo e descendo morro. Desde o período chuvoso de 2009 o local ficou com a estrada danificada e até o momento da pesquisa não sendo prioridade para os governantes locais. A importância da escola para as localidades do entorno fica evidente com a fala da professora:

Eu tenho alunos da Betânia, Sítio Gameleira, Sítio Boa Fortuna, Sítio Paraíso, Linha da Serra, Nova Fortaleza, Granjeiro, Água Boa, Cachoeira, Belo Monte, Jerumenha, Agostinho. Antes a maioria desses alunos fazia o percurso a pé até a escola. Agora o carro sai do Sítio Água Boa até a Betânia. É um longo percurso. A aula termina cinco horas e alguns alunos chegam em casa anoitecendo porque ainda fazem um percurso a pé. (Professora: Renata Franco, julho de 2010)



Foto : 49. Vista Panorâmica da Linha da Serra.
Fonte: Vilma Araújo, julho de 2010.



Foto 50: Posto de Saúde da Linha da Serra.
Fonte: Vilma Araújo, agosto de 2009.



Foto 51: Casa de agricultor.
Fonte: Vilma Araújo, março 2009.



Foto 52: Casas de Veraneio, com varanda para a paisagem.
Fonte: Vilma Araújo, julho 2010.

No entanto, há carência de muitos serviços como saneamento básico, transporte público e escolar, pois os moradores e estudantes são ainda transportados em paus de arara ou de moto-taxi. Já os visitantes usam transporte particular. Para Brandão (1999, p.22),

Os “homens dos sítios” estão mais do que acostumados com estradas sem asfalto e transitam por elas há muitos anos... Ele reconhece que serra-acima as condições de vida e de trabalho ainda são bastante precárias e que, sobretudo nos últimos anos, algum progresso trouxe também benefícios para as pessoas do lugar. Mas de modo geral, sendo alguma coisa externamente favorável, ele pode ser internamente uma perda, ou a ameaça de perdas de uma vida rústica e precária, mas vivida como ainda segura, confiável e até mesmo “farta”, de um ponto de vista estritamente “camponês”. Sendo o progresso o sinal da presença de um estilo forâneo e urbano de vida, ele não transforma de uma maneira favorável a vida nos sítios, e ameaça trazer “de fora” agentes de mudança cuja presença poderosa poderia alterar um estilo de vida cuja experiência ancestral, realizada fora da linha de frente do progresso, é, em boa medida, a sua condição. Pois “sem o trabalho do campo a cidade nem come e nem vive”.

As professoras relatam que a escola foi construída aos poucos e basta entrar para perceber a falta de planejamento. Conta com cinco salas de aula, uma cantina, e uma biblioteca com pequeno acervo que não supre as necessidades dos alunos. Não tem área de recreação nem quadra para atividades esportivas. Qualquer atividade que exija um maior espaço é realizada fora de suas dependências. Até mesmo no recreio as crianças brincam na rua. As apresentações culturais acontecem na área externa, antiga quadra que atualmente encontra-se sem piso e totalmente descoberta (Fotos 53 e 54). Atualmente possui cinco computadores que ainda não são utilizados pelos alunos. Como registra o aluno:

Falta área para lazer, tem poucos eventos. Quando é dia de educação física nós saímos para praticar atividade física no campo que não é da escola. Mas são poucas vezes que nós saímos. A escola não é iluminada, a sala é pequena. Não temos aula de informática, mas temos os computadores. Só os professores usam para fazer trabalho da escola. Queria que tivesse uma quadra para os eventos, chamar outras escolas para as competições do Projeto Agrinho. (D. F. aluno da E.M.E.I.F. Linha da Serra, julho de 2010)



Foto 53: Escola da Linha da Serra, as salas de aula ficam do lado da via de acesso.
Fonte: Vilma Araújo, julho de 2010.



Foto 54: Apresentação do Projeto Agrinho, no pátio externo da Escola Linha da Serra.
Fonte: Renata Franco, setembro de 2009.

Essas carências não impedem que a escola seja uma referência no município, pois além de receber alunos de várias localidades, também já recebeu alguns prêmios por participar de diferentes projetos como o Agrinho, realizado pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR) em parceria com a Secretária de Educação do Município. O projeto tem como missão proporcionar a formação profissional rural e a promoção social do trabalhador e de sua família, incluindo os jovens e as crianças que vivem no meio rural. As escolas concorrem nas seguintes modalidades: concurso de desenho, de redação, de experiência pedagógica, município agrinho.

Diante do aumento da população surgiram alguns minimercados e bares que servem de atrativo para os moradores locais e até de outras localidades. No entanto, por não possuir policiamento alguns entrevistados reclamam do aumento da violência, como um caso ocorrido em abril de 2010, quando aconteceu um assassinato brutal. Denunciam também a ocorrência de assaltos em residências sem que os culpados sejam identificados.

Em fevereiro de 2008, durante entrevista com o presidente da associação de moradores, o mesmo relatou algumas melhorias conseguidas com apoio da associação como: poço profundo, posto de saúde e a liberação pela SEMACE para a construção de casas populares numa área da Associação. Na época trabalhava na construção civil e, na sua opinião, as pessoas de fora ajudavam muito com novos empregos. Também declarou que era candidato a vereador nas eleições de 2008. Foi o segundo vereador mais votado no município, com 262 votos. Em julho de 2010 ainda não havia entregue o cargo de presidente. Dessa forma as reuniões deixaram de existir e os problemas da comunidade sem discussão, só aumentando como relata a fala:

Hoje a associação tá fechada. Ter tem, mas só no nome né? Mas dizer que o pessoal se reúne por mês, não. Tá a condição o prédio em reforma, mas tá parado. Eu não sei por que o presidente parou... não prestou conta e nem entregou o cargo. A gente tá esperando que ele faça uma convocação para se reunir outra turma e ficar no lugar dele. Na verdade já passou os dois anos dele. Aqui mesmo na comunidade não foi feito nada para melhorar. Talvez eles tenham feito por fora, em outras localidades. (Moradora, Linha da Serra, julho de 2010).

A fala a seguir explica como casas cujos terrenos foram doados pela associação de moradores podem ser vendidas:

Hoje os terrenos da associação podem ser vendidos. Por exemplo: a minha casa é no terreno da associação mas se eu quiser vender pra você eu posso. Tem uma história de 10% né? Mas aí esse dinheiro ninguém vê. Tá com uns 8 meses que não tem reunião. Quando tinha reunião a taxa que a gente pagava era dois reais mais nunca mais teve reunião e ninguém mais pagou. (Moradora Linha da Serra, julho de 2010).

Apesar de os de fora gerarem renda para o lugar, existem algumas reclamações como aumento da quantidade de lixo, grande fluxo de veículos nos finais de semana e feriados e áreas cercadas impedido o acesso da população.

O maior problema da comunidade identificado pelos moradores, contudo, é a má distribuição da água. Desde as primeiras entrevistas em 2007, esse problema era comentado, pois a água que chegava nas torneiras era de má qualidade. Apresentava alto teor de ferro chegando a danificar os canos (Foto 55). Dessa forma, os moradores sempre precisaram da água das cacimbas que, apesar de parecer mais limpa, não recebia nenhum tratamento. Entre os moradores mais antigos, a forma de armazenamento d'água é feita em poucos anéis que também servem para acumular água da chuva, como está registrado na foto 56.

A água sempre foi um problema aqui, mais que nem esse ano, tá com uns três mês que tá com falta d'água, a gente vai lavar roupa alí no chafariz porque aqui não tem condição não, colocar água pra tudo né. Agora a água é muito boa. (Moradora da Linha da Serra, julho de 2010)

Já em julho de 2010, a comunidade recebeu um poço com água tratada, mas até o momento necessita ir até o chafariz para pegar água, ou lavar roupa (Fotos 57 e 58). No chafariz existe torneira com água para o consumo geral como lavagem de roupa, banho e demais usos domésticos, enquanto a água para beber é controlada com fichas¹⁸. Quando a ficha é colocada liberam-se 20 litros de água, cada família recebe duas fichas por dia.

Quem vem de fora não conhece a nossa realidade porque não convive aqui. A nossa sorte é esse poço aqui que nunca secou e nem é de secar. Ele foi

¹⁸ As fichas são distribuídas por um morador da comunidade.

feito no tempo do bolsão¹⁹ então é da comunidade. Mas nas torneiras mesmo não tem água. Antes era uma água com capa rosa, era um óleo puro. A cor era tão amarela que ficava a marca na vasilha. Tá com uns dois a quatro meses que agora é essa água. A SOHIDRA construiu esse poço mas a área é da comunidade. A gente pega água com ficha. (moradora Linha da Serra, julho de 2010)



Foto 55: Água com alto teor de ferro.
Fonte: Vilma Araújo, março, 2010.



Foto 56: Anéis para coleta de água da chuva e armazenamento de água no período seco.
Fonte: Vilma Araújo, março, 2010.



Foto 57: Poço com água tratada pela Superintendência de Obras Hidráulicas-SOHIDRA.
Fonte: Vilma Araújo, julho de 2010.



Foto 58: Morador carregando água para consumo doméstico.
Fonte: Vilma Araújo, julho de 2010.

No último campo realizado em julho de 2010, algumas pessoas foram contactadas para falar sobre o problema da falta d'água. Há poucos meses fora realizada uma reunião com a participação de empresários, moradores e representantes da prefeitura, cujo tema principal era a distribuição da água na Linha da Serra. No entanto, a maioria não falou sobre o assunto,

¹⁹ Antiga bolsa distribuída pelo governo no período de estiagem, em troca por um serviço prestado na comunidade.

sempre diziam que não tinham participado da reunião ou não sabiam falar sobre o assunto, apenas um conhecido falou:

Todo dia eu boto três quatro caiga d'água num animalzim que eu tem. Pego lá em cima, num pego da ficha não. É tudo uma água só, é boa. Tá bem com um ano que não chega água na torneira. Pra culá já tem, que é mais baixo. E agora fizeram um acordo que as água tavam dando mais pros rico. Fizeram uma coisa assinada aí, água agora só pra pobreza, os ricos tem que cavar poço. Esse povo rico gasta muita água aí falta pros pobre. Parece que agora botaram energia de três fase aí vem água. (R.N. Linha da Serra, julho de 2010).

Em 2010, a quadra chuvosa não foi suficiente para acumular água. Assim as cacimbas, muito utilizadas pelos moradores como alternativa, possuem poucos metros de profundidade e já se encontram praticamente secas (Fotos 59 e 60).

A água vem lá de cima, mas que por enquanto nós não tamo recebendo não. Parece que a bomba tá quebrada. A gente tá usando duma cacimba ali. Já tá tudo poquim, os pessoal usam muito, pros bichos também né. Ai pra beber a gente trás lá daquela caixa lá de cima. A gente pega uma ficha lá e enche um tambor de 20 litros. Eles dão duas fichas por dia. A água é boa uns trazem no ombro e outros vão em animal (T. M. Linha da Serra, julho de 2010).



Foto 59: Cacimba construída no fundo de Vale.
Fonte: Vilma Araújo, julho de 2010.



Foto 60: Cacimba praticamente seca, mais ainda utilizada pelos moradores.
Fonte: Vilma Araújo, julho de 2010.

4.2.1 Serra para viver, Quebradas e Sertão para trabalhar

Os filhos de Guaramiranga têm fortes laços com a agricultura. Os mais velhos, quase todos, são ou já foram agricultores. Trabalhavam na limpeza e colheita do café, nos roçados, nos engenhos ou ainda na limpa das bananeiras. Hoje esse serviço diminuiu, dando lugar a atividades temporárias que acabam em dias, meses ou anos. Muitos moradores preferem trabalhar sem assinar a carteira, pois se assinam mesmo por pouco tempo, deixariam de ter direito a aposentadoria como agricultores. Isso afirma um morador que mais da metade da sua vida se dedicou a agricultura: “Eu ainda não me aposentei porque tenho minha carteira suja pelo governo” (D.M. Linha da Serra, março de 2010). Mesmo com a idade de aposentar pela profissão de agricultor, é impedido, necessitando esperar o tempo de serviço da carteira de trabalho.

Dessa forma os filhos dos agricultores que pouco estudaram e com poucas chances em trabalhar com turismo - pois esse serviço é restrito e gera empregos para poucos - insistem no trabalho na agricultura. A insistência aqui refere-se a pessoas que no anonimato realizam um trabalho que lhes dá prazer, sem nenhum tipo de apoio por parte do poder público, enfrentando a instabilidade climática do semiárido. Ano a ano realizam o trabalho na terra em busca do complemento do seu sustento do dia a dia. A fala abaixo demonstra os tipos de serviço:

O povo aqui uns estão vivendo da agricultura e outros são caseiros desse povo de veraneio, só que a agricultura continua também. Antes a vida da gente era só agricultura. Quando não chovia tinha os bolsões do governo. A nossa serra hoje tá muito diferente do que era pra trás. De primeiro tinha muita roça pra fazer farinha, cana-de-açúcar, café. Na época da safra era quando o pobre se vestia. Hoje os cafés estão tudo desmatado quase não tem mais nada. Mas hoje a vida está melhor. Antes tinha mais trabalho mas não tinha escola, não tinha nada pra pessoa sobreviver. Só da agricultura mesmo. E nem todo ano dá. Aqui não tinha estrada era só uma veredinha²⁰ um caminsim de pedestre pra ir pegar ônibus lá na Uruguaiana. Era só quarta-feira e sábado que tinha ônibus. (D. M. Linha da Serra, 2010.)

O emprego oferecido pelo turismo muitas vezes é temporário e com uma carga de trabalho de 12 horas ao dia. Como é a única opção no lugar as pessoas, acabam aceitando, como relata a mãe agricultora:

Só uma menina tá estudando. A outra já terminou e tá trabalhando na pousada. Lá é por diária, Ela começa trabalhar de quarta-feira até domingo. Nos feriados eles pagam ela de R\$ 25,00 a diária, quando não é R\$ 20,00.

²⁰ No Ceará a palavra vereda e veredinha significa um caminho estreito onde não passa carro.

De sete da manhã às sete da noite, trabalha na limpeza dos quartos, arruma. Ela tem dezenove anos. (Moradora, Linha da Serra, julho de 2010)

Destarte, a Linha da Serra formou-se pela agricultura trabalhada pelos Moreira (família com maior número de descendentes, e também dona de terra), os Franco, os Flor, os Jorge, os Silva, etc. Muitos foram convencidos a vender seu pedaço de chão. Alguns migraram, mas para os que ficaram, a terra tem um valor maior do que o pago pelo mercado imobiliário, tem o valor simbólico de uma história guardada na memória de cada um. Essa história nunca foi contada nos livros publicados em Guaramiranga.

As casas dos que ainda trabalham na agricultura é igual a de tantos sertanejos dos arredores, dos pés de serra, onde nos dias atuais o moderno convive com o tradicional. Na frente da casa, antena parabólica, anéis para armazenar água da chuva, um pequeno alpendre com tambores onde são armazenados os produtos colhidos, um ou dois quartos, algumas com banheiro, sala com televisão, cozinha com fogão à lenha. Alguns substituíram o fogão tradicional por um outro também, à lenha, denominado fogão ecológico²¹. Nem todos os moradores aceitaram essa inovação. Uns dizem que esse modelo gasta mais lenha que o antigo, outros o defendem, justificando que o problema como o entupimento do cano é resolvido facilmente com a troca de um outro feito com material cerâmico de maior espessura que leva toda a fumaça para fora da casa e depois de aquecido conserva mais tempo o calor.

Alguns moradores criam animais como cabra, porco e galinha, para ajudar na dieta alimentar, e animais de carga como jumento e burro que utilizam para carregar água ou carregar alimentos produzidos nas Quebradas. Esses animais, muitas vezes, são comprados através de pequenos empréstimos bancários²² ao custo aproximado de R\$ 1.500,00, pagos em prestações anuais. Como explicam as falas: “Já fiz empréstimo pra criar galinha, fiz o primeiro para horta no ano passado. Tirei 300,00 e paguei 370,00. Só tem um jumentinho pra ir pras Quebradas. Depois quero fazer um empréstimo pra comprar um burro.” (Agricultora, Linha da Serra)

21

Proposta de combate à desertificação no Estado, coordenada pelo Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Energias Renováveis (Ider), em parceria com o Banco Mundial e a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (Usaid).

22 Vários moradores citaram o Crediamigo que é um programa de financiamento do Banco do Nordeste, que tem como clientes pessoas que trabalham por conta própria, empreendedores que atuam geralmente no setor informal da economia. Os valores iniciais variam de R\$ 100,00 a 4.000,00, de acordo com a necessidade e o porte do negócio; Os empréstimos podem ser renovados e evoluir até R\$ 15.000,00, dependendo da capacidade de pagamento e estrutura do negócio.

Fiz um empréstimo de R\$ 1.500,00 e comprei uma cabra por R\$ 550,00. Isso aí é uma pedra de ouro é uma mina de ouro, pra quem tem criança. Eu não compro leite. A minha cabra só não dá mais leite porque a comida é pouca. É criada presa e a gente não pode comprar ração. (M. I. Linha da Serra, fev. 2007)

Outros utilizam o empréstimo para o comer do dia a dia. “Fiz empréstimo de R\$ 1.000 comprei galinha e feijão. Faço para comer lá nas Quebradas quando vamo pro roçado”. (M.J. Linha da Serra, fev. 2007).

Os roçados são feitos nas terras de familiares próximos de casa ou nas terras mais baixas de terceiros, a aproximadamente, duas horas de caminhada em direção ao sertão. Alguns falam do pagamento da renda. Outros dizem que o dono da terra a empresta para o plantio e no final, fica com a forragem para colocar o gado quando vem do sertão no período seco.

Para Martins (2002), há distintos modos de ser inquilino do proprietário da terra, e ser o que de modo mais apropriado se chama de arrendatário:

O arrendamento pode ser feito mediante pagamento da renda em trabalho²³ ou uma segunda modalidade de renda é a renda em espécie paga diretamente com uma parte da produção do camponês. Ele tem mais liberdade do que o camponês que paga renda em trabalho porque pode usar a parcela de terra como se fosse sua enquanto durar o arrendamento. No Brasil, o arrendamento em espécie se concretiza basicamente na figura do parceiro, aquele que paga o aluguel da terra entregando ao proprietário uma parte de sua produção. (Martins, 2002, p. 61-62).

Na Linha da Serra, quando ocorre o pagamento da renda, o agricultor paga em espécie quando colhe. Dá uma parte ao dono da terra, pode ser 10% da produção ou pode não pagar nada, depende do tamanho do roçado, do quanto foi colhido e do grau de amizade ou parentesco com o dono da terra. “De dez saco o cabra paga um saco. Mais só o mi [lho] o cabra paga dez por cento, o feijão de corda dá pouco” (A. M. Linha da Serra, 2007). Como a agricultura depende totalmente do período chuvoso e não usa nenhum suplemento, geralmente a produção é pequena, daí nem sempre a renda é paga. “Quando a gente colhe, a gente dá uma parte pra ele. Depende da colheita. Quando faz dois saco de mi [lho] um é dele. Dois saco de feijão também, mas geralmente ninguém nunca faz dois saco de feijão” (M. I. Linha da Serra, 2007).

Nasci agricultor e ainda tô sendo. Trabalho na terra de Zé Carlos. Dependendo do que der pago 10%, se der 10Kg de feijão, pago 1kg. Planto milho, fava e feijão. Não sei nem escrever o nome, trabalho desde os 8 anos

²³ O arrendatário dá ao proprietário um certo número de dias de trabalho.

de idade. No início ia deixar comida para o meu pai aí fui aprendendo. Se brocar 3 hectares tem que pagar a SEMACE, mas a minha planta é pouca. Menos de 10 litros só dá para o consumo. Tenho galinha e porco, só para o consumo. (A.A.O, Linha da Serra, 2008)

James C. SCOTT²⁴, ao estudar a economia moral do campesinato, afirma que as transformações capitalistas no Terceiro Mundo têm levado o campesinato a se prover apenas de um “minimum income”,. Ou seja: enquanto o nível de recursos possibilita manter as obrigações sociais, as relações rituais necessárias assim como os suprimentos para sua sobrevivência, ele se mantém. Se esse nível cai a ponto de ameaçar sua sobrevivência, ele pode cair numa situação de dependência.

O cultivo dos produtos agrícolas é fundamental para o consumo familiar, pois um número considerável de famílias tira parte do sustento dos roçados. Os roçados são pequenos em áreas com declividade alta chegando a 45°. Os cultivos principais são: feijão, milho, fava e jerimum. Geralmente ficam abaixo da cota de 600m. A vegetação tem porte menor devido aos constantes desmatamento e por estarem numa área de transição serra-sertão apresentam muitas espécies características da caatinga.

A partir da criação da APA de Baturité as terras acima de 600m de altitude aumentaram as restrições quanto ao seu uso. Os roçados tradicionais com a limpa e queima do terreno não podem ser realizados na área que abrange essa unidade de conservação. E mesmo no entorno é necessário tirar licença ambiental. Carneiro (1996, p. 99) esclarece que:

Surge uma nova hierarquia de valores em que a agricultura, como forma de uso social da terra, é colocada no degrau mais inferior. Se, de um lado, os agricultores mais velhos, acuados pela expansão do turismo e pelo avanço da mata, se ressentem ao verem diminuídas as condições para a realização de sua identidade social, de outro, percebem que não há alternativas para seus filhos a não ser que também se engajarem em atividades fora do setor agrícola.

A fala do agricultor completa a citação:

Tá com vinte anos que moro nessa mesma casa. Antes morava perto do campo. Sô agricultor planto nas terras da família. Trabalho só. São duas horas de viagem caminhando até a roça. Tenho dois burros para transportar alimento, Colhi 50 sacas de milho, 10 de feijão. Mandioca não planto mais porque não tem mais casa de farinha. Tem 6 pessoas em casa. Pelo menos aparece emprego para o pessoal mais novo. As meninas trabalham no restaurante Tramonto nos finais de semana. Recebem diária. Já compraram televisão e dvd. Os homens moram em Fortaleza. A água encanada foi uma grande melhoria. No meu tempo nem estudei. Só assino o nome, agora tem escola: não vai quem não quer. (F. J. C. Linha da Serra, agosto de 2007)

²⁴ Scott, J C - “The Moral Economy of the Peasant: rebellion and Subsistence in Southeast Asia”- Yale University Press - New Haven and London - 1976.

Dessa forma, os que dependem da terra para tirar o seu sustento com a prática da agricultura procuram lugares mais distantes fora da APA de Baturité, em direção ao sertão, nas “quebradas” como é de costume chamar. No período de plantio alguns agricultores preferem ficar em ranchos provisórios cobertos com folhas. Durante dias, lá fazem as refeições e alguns dormem com a família. “Nas quebradas é bom, tem barraca, a gente faz comida pros trabalhador. Eu gosto mais de lá. Se eu pudesse nem via aqui. Eu só acho mais ruim pra subir. Eu subo bem devagar” . (M.S.M. Linha da Serra, 2007). Na bagagem levam alimentos, vestuário, enxadas, foices e uma imagem de São José, pois este é o santo padroeiro do Ceará. “Lá nas Quebradas tem um barraco onde a gente cozinha e leva lanche. Eu também levo o quadro de São José, e todos se juntam para rezar, é bem animado”. (M.J.M. Linha da Serra, 2007). Em anos de estiagem o dia de São José (19 de março)²⁵ é a última esperança dos que trabalham na agricultura para que ocorra um bom inverno. Se não chover até esse dia é sinal de seca.

Sobre a transferência temporária da morada no período de plantio e colheita Godoy (1993), na dissertação de mestrado realizada no sertão do Piauí, comenta:

Nessas terras, porém, não são estabelecidas moradas, pois ficam distantes das aguadas. Vários camponeses possuem, no entanto, o que denominam casa de roça: pois as roças em terras de ausentes ficam a uma distância média de uma légua (6,4 km) das casas de morada e, no período de intenso trabalho agrícola, as famílias chegam a passar toda a semana nas roças. (GODOY, 1993, p.114).

O conhecimento camponês é um patrimônio transmitido a partir da experiência vivida, através do qual essas famílias conseguem sobreviver retirando da terra seu sustento, aproveitando os recursos disponíveis. Segundo Ellen Woortmann, a herança cultural é adquirida desde cedo pelos filhos enquanto acompanham seus pais na roça. Em seu livro *O Trabalho da Terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa*, a autora esclarece:

A transmissão do saber para o trabalho faz-se no próprio trabalho – pois o saber é um saber-fazer, parte da hierarquia familiar – subordinado ao chefe da família, via de regra o pai. Se é este quem governa o trabalho, como dizem os sitiantes, ele é também quem governa o fazer-aprender. A transmissão do saber é mais do que transmissão de técnicas: ela envolve valores, construção de papéis, etc. (WOORTMANN, 1997, p.11)

Como relata o agricultor, o aprendizado vivenciado dia a dia junto com os familiares:

A agricultura aqui é dependiosa porque é na Quebrada. Sempre foi na Quebrada no pé da serra mesmo chegando no sertão. Plantava aqui em cima

²⁵ Nesse período ocorre a passagem do equinócio de outono, o que proporciona precipitações na região Nordeste.

também mas o trabalhador acha bom trabalhar numa ponta de terra. Quando a terra tá mais cansada ele vai mudando de cima pra baixo. Aí nós começamos de cima pra baixo. Com seis anos eu já jogava a fava na cova e meu irmão mais velho colocava o milho e limpava com a enxada os legumes. Com nove anos eu já estava na luta. Trabalhei até 2002, quando aconteceu um problema comigo: eu vinha da Quebrada com um saco de feijão e milho nas costas passei mal e não pude mais voltar. Ainda tenho vontade porque lá é bom demais a gente entretido, trabalhando, o tempo passa rápido demais dá logo a hora do almoço. (J.R.M. Linha da Serra, abril, 2010).

Atualmente essa prática não faz parte das políticas públicas do município e enfrentam dificuldades como a falta de terra para plantar. As restrições impostas pelas leis ambientais dificultam a transmissão de conhecimento comum na agricultura. Os que enfrentam as dificuldades e plantam e no final da colheita decidem vender uma parte da produção para pagar suas contas, ou por não ter local para armazenar, deparam-se com a baixa dos preços. Quando meses depois, necessitam comprar para alimentar os animais os preços estão altos:

Trabalhei na agricultura até 2006. Acontece que antes da colheita tudo é caro e depois tudo é barato, só sobra o cansaço. O que ganho dá para passar eu e a mulher. Ela também é aposentada mas lava roupa pra fora. O turismo favorece, não entendo muito, mas agora tem uma igreja, uma creche, um posto de saúde, ônibus para transportar os alunos. No nosso tempo não tinha a facilidade de agora, a facilidade que nós tinha era para trabalhar. Temos o grupo de idosos, tem passeio já fomo pra Quixadá, para a praia do Pecém. (R.R.M. Linha da Serra, 2007).

Os moradores locais não costumam cercar os quintais, o que facilita o acesso entre as casas ou ainda diminui o caminho percorrido entre as localidades. No entanto, comentam que quando a terra muda de proprietário seja por compra ou por herança, os novos donos por não conhecerem os hábitos locais ou não se importarem com a perda deles logo constroem cercas ou muros, quebrando a sociabilidade existente. “Já vieram comprar esse terreno mas eu não vendo. A Linha da Serra é quase toda do rico. Depois eles cercam e não pode mais nem andar dentro”. (F. J. C. Linha da Serra, 2007). Como cita Lefebvre, (1981, p.155):

Em todas as comunidades rurais, mesmo em plena dissolução, mesmo individualizadas ao máximo, as relações de vizinhança têm uma extrema importância... Na velha comunidade, a forma regular evitava tanto quanto possível, na ausência de limites – cercas, muros – as querelas de demarcação, as disputas e litígios!

Nesse sentido, para Martins (1993, p.63)

Não se trata de introduzir nada na vida dessas populações, mas de tirar-lhes o que tem de vital para sua sobrevivência, não só econômica: terras e territórios, meios e condições de existência material, social, cultural e política. É como se elas não existissem ou, existindo, não tivessem direito ao reconhecimento da sua humanidade.

Uma das famílias visitadas, composta de um casal e duas filhas, relatou em fevereiro de 2007 que, além de contar com R\$ 94,00 (noventa e quatro reais) do Programa Bolsa Escola, vivia da agricultura de subsistência. Mas como na área serrana esta prática é proibida por Lei, eles deslocam-se ano a ano em busca de terra para plantar nas Quebradas. Nos períodos de preparo, plantio, capina e colheita, chegam a dormir no local em cabanas improvisadas. Em outra visita em fevereiro de 2008, já haviam realizado o primeiro plantio, mas com a estiagem haviam perdido tudo. Deram entrada no seguro safra²⁶, mas por morarem em área serrana, com índice pluviométrico superior aos do sertão semiárido, não foram contemplados.

Para Martins (2002, p. 14),

A alternativa tem sido as políticas sociais compensatórias, sem dúvida necessárias nessa circunstância, por meio das quais se procura atenuar os efeitos danosos do modelo econômico. Elas apenas legitimam e confirmam a exclusão por meios de benefícios que não constituem legítima apropriação social dos resultados da economia. São apenas débitos a fundo perdido, preço a pagar pela sustentação de uma economia cuja dinâmica bane e descarta parcelas da população. Não há aí esperança, a menos a curto prazo, ao menos no prazo da urgência a que se impõe. Há apenas a migalha que mitiga, não as privações das vítimas e sim os riscos próprios da continuidade de um sistema econômico organizado a partir de contradições agudas.

A rotina dos agricultores começa antes do amanhecer, nas tarefas domésticas. Às sete horas da manhã após um café com bolacha estão prontos para ir para o roçado fazer a colheita antes de o sol esquentar. Foi o que a pesquisadora constatou numa segunda-feira de agosto de 2008, ao acompanhar um grupo de agricultores que iam colher fava em um roçado considerado perto, a aproximadamente 40 minutos de caminhada. O percurso entre a casa do agricultor e o roçado é por estreitos caminhos de terra, ora descendo ora subindo em direção ao sertão (Foto 61).

O roçado tinha sido plantado pelo sr. Alexandre e sua esposa d. Terezinha, com milho, feijão e fava. As duas primeiras culturas já haviam sido colhidas. Para o agricultor, esse ano “deu pouco” porque demorou a chover. A primeira planta foi perdida e, ao plantar a segunda vez, já não se desenvolve como se fosse à primeira, já que o tempo de chuva não foi suficiente. Como nesse período o sol é muito quente, a fava já começa abrir dando sinal que está na hora de ser colhida. A terra plantada foi emprestada por um amigo, sr. Mauro, que também participou da colheita e cuja terra pertence à família. Tinha um também um segundo

²⁶ O seguro safra é um programa instituído pela Lei nº 10.420/10.700, tomando como base o efeito cíclico da seca no semiárido, e com o objetivo de oferecer uma renda mínima aos agricultores de base familiar, que porventura venham a ter prejuízos de 50% ou mais de suas lavouras prejudicadas pela estiagem.

convidado, sr. Aloísio, aposentado, que morava sozinho e já não fazia mais roçado, mas não deixava de participar de uma colheita com os amigos, para garantir o alimento de boa qualidade e também como uma distração.

Minha profissão mesmo é agricultor. Agora não planto mais roçado. Os meus filhos são tudo casado e eu sozinho não dá. E hoje em dia o serviço da roça só é vantagem a pessoa plantar pro consumo. Pra fazer gasto pra vender e tirar a despesa não compensa não. (Aloísio, Linha da Serra, agosto de 2008).

Apesar da dificuldade em colher a fava já que o terreno era bem íngreme e com muitas rochas (Foto 62), às dez horas, os sacos e baldes já estavam cheios e o sol já começava a esquentar, quando um dos convidados comentou: “isso aqui da mei dia pra tarde não é qualquer um que aguenta não, aqui o sol treme e a fava começa a estalar, aí tem que ir embora mesmo” (Roçado na Linha da Serra, agosto de 2008).

O dono do plantio concordou que era melhor subir, pois o que tinham colhido já era suficiente para garantir o almoço da semana. Os convidados, com os sacos cheios de fava, mostravam satisfação, pois o que tinham colhido lhes pertencia. Pegaram o caminho de volta subindo a ladeira (Foto 63). Dá área do roçado observam-se vários outros desenhando a paisagem do lugar (Foto 64). Quando todo o alimento for colhido, a terra será devolvida ao proprietário e servirá de pasto para seus animais.



Foto 61: Caminho do roçado, Sr. Aloísio, Vilma, Terezinha, Mauro.
Fonte: Humberto Lima, agosto de 2008.



Foto 62: Sr. Alexandre, Sr. Aloísio, Mauro, colhendo fava.
Fonte: Vilma Araújo, agosto de 2008.



Foto 63. Retorno do roçado, na cabeça o saco de fava.
Fonte: Vilma Araújo, agosto de 2008.



Foto 64: Outros roçados desenham a paisagem em áreas íngremes nas Quebradas.
Fonte: Vilma Araújo, agosto de 2008.

Quando chegam em casa, é hora da debulha da fava, com mais uma vez a participação da família e amigos. Para o agricultor, esse momento é de alegria, já que tem fartura de alimento, mesmo sendo momentâneo, pois sabe que não é suficiente para o ano todo. Mesmo assim, percebe-se a satisfação na divisão do alimento com os amigos: “A fava dá pouco, o cabra vai apanhando e vai comendo, no fim não dá um saco. Uma pessoa que não dá valor plantar e quiser pra comer, eu não tenho pena de dar não” (A. M. Linha da Serra, agosto de 2008). Essa sociabilidade camponesa é comentada por Castro, 2009:

O camponês não se vê sozinho com sua família, mas sempre se orienta dentro de uma rede de relações de parentesco, de vizinhança, de territorialidade e alianças políticas, que o permite definir-se enquanto grupo. Faz parte de um universo de valores que o inscreve como classe específica dentro de uma ordem social mais ampla. (CASTRO, 2009, p.152)

Para Maria Isaura Pereira de Queiróz (1973, p.131), a independência e autonomia econômica do roceiro brasileiro são, porém, elementos característicos de toda economia camponesa. A fala abaixo revela a importância do trabalho autônomo que a agricultura proporciona, enquanto os que trabalham empregados não têm liberdade com seus horários. Assim, muitos preferem trabalhar sem carteira assinada:

Sou mais viver a minha vida trabalhando pra mim no mato de roçado do que eu viver trabalhando de empregado, porque quem trabalha empregado não tem uma folga. No dia que tô enfadado não vou trabalhar, no dia que não quero não vou. Mas trabalho direto, não gosto de ficar parado não. Já fui morador dos outros, hoje tá melhor porque tenho minha casinha. A terra era

da minha mãe aí o projeto São José²⁷ ajudou a construir a casa. (Agricultor e artesão, Linha da Serra, julho de 2008)

A manutenção das famílias produtoras durante o período seco²⁸ depende do que for colhido depois da estação chuvosa. Assim, a boa ou má safra depende diretamente do período de início, fim e quantidade de chuvas. Se o agricultor plantar nas primeiras chuvas e em seguida ocorrer uma estiagem, a primeira planta é perdida. Então é necessário plantar novamente sendo que a segunda planta não costuma dar tão boa produção como a primeira, como enfatiza um agricultor mostrando os pés de milho na roça de um amigo:

O milho dele não deu muito bom não, já tô vendo que não deu porque a primeira planta dele foi perdida pela metade. Colhe a primeira planta, aí a segunda não dá de jeito nenhum como a primeira. (Agricultor Linha da Serra, agosto de 2008)

Em 2009, choveu acima da média em todo o Nordeste; na serra ainda é possível perceber mudanças na paisagem apreciada pelos turistas. Um pequeno açude teve sua parede destruída pela força das águas. As pessoas que moravam próximo e dependiam dessa água armazenada, sem alternativas, deixaram suas moradas e também passaram a morar na serra. (Fotos 65 e 66).

Tinha um bocado de casa lá embaixo mas esse ano subiram tudim. O açude que tinha, o inverno do ano passado carregou, foi simbora. Pescava um pexim, criava um bichim e agora num tem mais nada. O povo aqui ia tudo pescar lá, fez muita falta. Esse poquim de mi foi aqui na minha quebrada bem aqui no meu trabai. (R.N. Linha da Serra, julho de 2010).

²⁷ O Projeto São José é um instrumento para implantação das ações de Desenvolvimento Rural sustentável do Estado, no âmbito da Secretaria de Desenvolvimento Agrário (SDA).

²⁸ Para Aziz Ab'Saber, o prolongado período de seca com forte acentuação de calor corresponde ao inverno meteorológico. Mas o povo que sente na pele os efeitos diretos desse calor – extensivos a economia regional, pela ausência de perenidade dos rios e de água nos solos – não tem dúvidas em designá-lo simbolicamente por “verão”. Em contrapartida, chama o verão chuvoso de “inverno”. Tudo porque os conceitos tradicionais para as quatro estações somente são válidos para as regiões que vão dos subtrópicos até a faixa dos climas temperados, tendo validade muito pequena ou quase nenhuma para as regiões equatoriais, subequatoriais e tropicais. (AB'SABER, 2003, p.85).



Foto 65: Vista panorâmica das Quebradas.
Fonte: Vilma Araújo, agosto de 2008.

Foto 66: A paisagem demonstra o período de estiagem, a área verde é onde existia o açude.
Fonte: Vilma Araújo, julho de 2010.

Em 2010, demorou a chover. A semente distribuída pelo governo só foi liberada em fevereiro, quando ocorreram as primeiras chuvas. No entanto, para todo o estado do Ceará as precipitações ficaram abaixo da média histórica de 44% e ocasionaram a perda de 66,22% na safra de grãos. Apesar de predominar o verde na paisagem, as culturas não vingaram.

Nas Quebradas não foi diferente. Nem mesmo a paisagem permaneceu verde. A produção foi quase toda perdida, os agricultores estavam em casa, alguns trabalhando em serviços extras, outros já se preparando para começar um novo roçado. Como não teve colheita nas Quebradas mais distantes, as famílias também não precisaram ficar nos seus barracos. Ninguém ficou lá e os que moravam subiram a serra em busca de melhorias.

O roçado das Quebradas não deu nada. Nós não tem nada lá de baixo não. O o daqui de cima deu pra colher uma coisinha só trinta e cinco litros de feijão pretim e dez litros de feijão de corda. O milho tá por lá ainda que ele não quebrou ainda. A fava esse ano ninguém nem plantou porque já começou tarde, né? Esse ano ninguém ficou nas barracas lá em baixo ia só pra plantar e subia de tarde. (T.M. julho de 2010).

Mesmo as famílias tendo colhido muito pouco do que plantaram, notou-se um certo conforto, já que vêm recebendo auxílios do governo:

As mudanças melhoraram por causa dessa ajuda que a gente tem do governo, essas aposentadoria, da bolsa família, bolsa escola. Se não fosse isso, tava mais difícil. E esse pessoal que tão vindo prá cá tá ajudando sabe por que? Porque do jeito que a agricultura tá fraca, não tá quase produzindo nada, se não fosse eles a coisa tava pior. Porque eles tão gerando emprego de caseiros, nas construções, se não fosse isso a coisa tava mais pior. Tem pessoas que falam: “os ricos vem só pra atrapalhar”. Não, vem pra ajudar também. (Luis Gonzaga Moreira, julho de 2010.)

Muitos donos de terras na serra de Baturité, possuem terras também no sertão. Desta forma, os que criam maior quantidade de gado e precisam de uma área maior, deslocam os animais sazonalmente para o sertão, ficando na serra apenas as vacas para tirar leite, que são criadas presas. O burro também é muito utilizado pelos moradores para carregar lenha, capim para outros animais, água para o consumo doméstico e para transportar alimentos das Quebradas (Fotos 67 e 68).



Foto 67: Gado criado preso na Linha da Serra.
Fonte: Vilma Araújo, julho de 2010.



Foto 68: Animal transportando lenha, para ser usada nos fogões. Linha da Serra
Fonte: Vilma Araújo, julho de 2010.

No período de chuva, quando os agricultores precisam de terras para plantar os legumes, há necessidade de retirar o gado e levá-lo para o sertão, até findar a colheita dos alimentos. Após a retirada de todo o alimento, a terra fica com forragem para o gado que retorna. Esta mobilidade tradicional do gado entre a serra e o sertão, marca o tempo ecológico (período chuvoso/seco). Essa periodicidade das atividades domésticas e cotidianas é demonstrada, com detalhes, no trabalho sobre os Nuer feito por Evans-Pritchard:

Os aspectos pelos quais as estações são definidas com maior clareza são aqueles que controlam os movimentos das pessoas: água, vegetação, movimentos dos peixes, etc, sendo as necessidades do gado e as variações no suprimento de alimentos que traduzem principalmente o ritmo ecológico para o ritmo social do ano, e o contraste entre o modo de vida no auge das chuvas e no auge da seca que fornece os pólos conceituais na contagem do tempo (Evans Pritchard, 1978, p.109)

A sazonalidade é um aspecto marcante na relação sociedade/natureza, pois delimita as relações de produção dentro do tempo cíclico ou tempo ecológico chamado por Evans-Pritchard (1978). A dinâmica serra-sertão como espaços complementares da vida dessas famílias oferece a possibilidade de manter a condição camponesa.

Nas Quebradas, ocorre a permuta do uso do solo entre a pecuária e a agricultura. As terras utilizadas pelos agricultores são fundamentais para os que criam o gado, pois este é

colocado logo após a colheita. Quando o gado é retirado, a terra fica em descanso e os agricultores procuram outras terras para fazer seu roçado, continuando um ciclo de uso.

O entrevistado relatou que, quando criança, teve a oportunidade de estudar junto com os filhos do patrão com quem foi criado, mas tinha mesmo vontade era de trabalhar na terra.

Pesquisadora: Por que o gado criado aqui na serra vai para o sertão?

E. No mês de dezembro janeiro, a negrada começa a plantar aqui. Aí nós leva o gado, passa uns seis meses no sertão. Quando chega o mês de agosto nós traz de novo pras Quebradas. É o tempo que as negradas desocupa os legume da Quebrada. Aí aqui nós tem a Quebrada pro verão e no inverno vai pro sertão que nos tem que tirar mode os legume. Aí a gente ajunta tudim e vai caminhando de pé. Tem vez que nós passa dois dias de viagem ou três dias depende do tanto de gado que leva.

A gente vai assim, vai dando de comer o gado no cami. Aí quando chega a boca da noite tem os cantos de dormir. Quando o gado enche a barriga aí nós vamo simbora. A gente pára nas fazenda dos amigos, junta o gado no curral aí quando dá cinco horas da manhã nós caminha antes do sol esquentar. Quando o sol esquenta nós pára o gado porque quando o sol esquenta o gado fica dando trabai, fica entrando no mato e no sol quente é muito rui nós tanger o gado. Aí quando nós vem pra serra é do mesmo jeito.

Pesquisadora: O que dá mais trabalho? É quando o gado sobe ou desce a serra ?

Prá subir o gado vem mais fraco né? Porque o gado quando tá na serra engorda e no sertão... Por isso tem os tempos de deixar lá porque se passar muito tempo lá, o gado fica fraco e sobe magro. Aí nós tem que trazer cedo. Aí passa um mês num ceicado aí quando libera na Quebrada que é o tempo de butar, lá pro mês de setembro e nós tira só em janeiro. Depende da chuva se chover no mês de dezembro nós tira e já leva pro sertão. Em agosto, setembro nós volta de novo pra botar na Quebrada. O gado nas Quebradas é solto. Aí quando é no final de semana eu vou oiá, quais todo dia que tô sem trabaiá eu vou oiá.

Pesquisadora: O gado é só seu?

É não, é duns quatro dono. Meu é pouco, só uns dez, quinze. Dos amigos que eu tenho é na base de cem, cento e cinquenta. Tem vez que nós leva duzentos, trezentos gados, no rumo de Campo Belo prá dentro perto de Pentecoste.

Pesquisadora: São mais ou menos quantos quilômetros essa viagem?

Esse patrão que eu trabaiava com ele tinha uma fazenda perto de Pentecoste. Dava 12 légua, era uns três dias pra chegar. Eles tia umas fazenda mais perto aí nós ia dormindo, no outro dia nós ia passando prá outra prá puder chegar. Porque se tirar direto o gado não aguenta. Aí agora ele vendeu essa fazenda aí tem umas mas perto aí nós tira num dia. Nós sai daqui 5 horas da manhã quando dá 6 horas da noite nós tamo chegando lá divagazim mesmo. Porque entre os gado tem as vaca parida e vaca parida é mais fraca. Quando o gado é solteiro nós tira num dia quando é misturado nós tira dois dia pra chegar na serra. Na serra aqui, só fica umas duas vaquia a gente tira o leite pros meninos o resto todo fica nas Quebradas.

Pesquisadora: E o gado qual o fim dele? É pra venda?

Esse meu patrão ele vende e compra. Eu não que as minha são pouca alguma vez eu vendo um garrote, vendo uma vaca. Tem vez que compro uma e vendo outra é assim. Agora esse meu patrão ele vende cem e compra cento e cinquenta. Tem uma mosca, mosca de chifre, porque ela fica pertubando na cabeça do gado e o bicho fica sem comer, aí nós compra um venozim a banha e tem carrapato aí nós banha senão o gado fica fraco. O carrapato tem de banhar de 15 em 15 dias se num banhar dá um mal triste chupa o sangue e o gado morre. As veze a raça de gado que coloca na Quebrada dá muito carrapato. O gado holandês num se dá na Quebrada é um canto quente ai tem que tá banhado toda semana. Também tem o gado anelore que é um gado acostumado no carrasco acostumado a passar fome. Num precisa tá baiando de 15 em 15 dias não.

Pesquisadora: E quem cuida do gado no sertão?

No sertão já tem outras pessoa que cuida. Nós dexa lá aí quando é no final de semana nós vamo só oiá. Aí quando nós vamo mesmo nós damo uma geral. Nós junta tudim, bota no curral aí nós damo vacina. De vez em quando dá bicheira, aí o cabra tem que ser bom pra dominar os bicho pra tratar.

Quando a gente vem com uma boiada de gado, é muito bicho, às vez a gente perde um. Esse ninguém acha mais. De primero num tia isso: o bicho passava até um ano na casa dum cabra e o cabra entregava. Mas hoje, se sair da sua vista o cabra num acha mais. De vez em quando nessa Quebrada nós perde, a negrada roba. Teve um ano que já robaro quatro novia mia e eu já andei quase dois mese atras. A negrada sabe quem foi, mas num ajuda a gente.

Pesquisadora: E a terra nas quebradas é de quem?

Essa terra na Quebrada é desse dono José Maria Sena. Ele dá a terra pro povo plantar, e é só a forrage que ele quer, a renda ele não quer não. A terra dele é perto do terreno do INCRA, é extremado com ele. Aí não tem ceica não. Ai o gado vai comer na fazenda do INCRA. Quando nós vamo ajuntar passa de 15 dias. Quando chove o gado fica doido pra ir pro sertão muda a forragem aí já sabe o destino é de ir simhora. Tem gado que vai é sozim. É porque o sertão é quente ai o gado é doido pra ir pra quintura né. O gado

acostumado no sertão, se botar eles todos os ano eles mesmo vão simhora só, mas também quando começa a secar eles começam a vir pra serra. Tem gado que vem simhora só. Nós tem muito cuidado. Porque se deixar vim embora só, a negrada come, a negrada pega e esse é perdido. Quando chega o mês junho pra julho nós pega tudim. Já no sertão nós solta as vacas paridas e bota os bezerro preso num canto. As vacas vem de noite. Se soltar tudim eles vem simhora.

A maioria tem a ferra do dono. Desde que a negrada robaro o meu, eu deixei de ferrar com mia ferra. Ferrro com a ferra do patrão porque ele tem muito. É mais respeitado. O cara que tem mais poco é mais fácil de levarem. Ele até brinca “aqui tudo é meu”.

No resto do tempo eu faço todo o serviço. As vezes compro umas vacas fico dando forragem e tiro o leite pra vender.

Roçado eu num faço mais é porque eu não tenho é tempo né? É só eu, e tenho que olhar os bichos.

Nós vamos de jibão porque dentro no mato não se rasga. Quando a boiada é grande vai uns dez homens. Quando é preciso atravessar a BR vai uns dois cabra experiente na frente com bandeiras vermelha e dois atrás e os outros no meio.

Já tá com uns vinte anos anos que eu faço isso. A negrada tem a fazenda no sertão pro inverno e no verão nas Quebradas. É porque só no sertão não dá pra criar, porque no sertão não fica mais forragem.

Na Quebrada a negrada broca, queima o roçado novo. Porque em capoeira de chão eles plantão só um ano. Aí a terra fica fraca. Eles já brocam um roçado num mato grosso porque dá pouco mato e na capoeira dá mais mato. Depois que o gado sai deixa engrossar o mato um ano, dois ano, três ano. É que na Quebrada é muito grande aí eles planta só um ano num canto no outro ano já planta noutra canto.

Esse ano chueu pouco. Nós nem butamo pro sertão. Nós arrendemo um ceicado aculá e nós butemo foi na Quebrada porque esse ano não deu legume. O mi[lho] não deu, o legume tudo grande mais não ia dá nada. Era pra botar o gado em setembro e nós já butemo em junho ai nós já tamo pra ajeitar um ceicado pro mês de outubro pra botar eles, porque senão eles não aguenta. Se deixar, eles morre de fome. Na serra só dá pra criar pouco porque tem os sítios com plantação de bananeira. Se deixar, o gado come. Por isso tem que ser mesmo na Quebrada. A Quebrada era grande tinha onze herdeiro. Agora eles tão comprando tudim, agora só tem quatro dono. A Quebrada é depois da Jurumenha e Cachoeira. Nesse lugar num tem casa. Tem só umas barracas da negrada que planta. Quando é no inverno eles ficam lá porque não dá pra vir em casa todo dia. Eles passam a semana lá, eles só vão lá quando vão coivarar, plantar.

O poeta do Sertão, Patativa do Assaré, na poesia “O Vaqueiro”²⁹, descreve o que é ser vaqueiro nas quebradas e sertão.

²⁹ Disponível em: <http://www.cabrasdapeste.hpg.com.br/patativa.htm>. Acesso em: 10. 05.2010.

O Vaqueiro

Eu venho dêrne menino,
Dêrne munto pequenino,
Cumprindo o belo destino
Que me deu Nosso Senhor.
Eu nasci pra sê vaquêro,
Sou o mais feliz brasilêro,
Eu não invejo dinhêro,
Nem diproma de dotô.

Sei que o dotô tem riquêza,
É tratado com fineza,
Faz figura de grandeza,
Tem carta e tem anelão,
Tem casa branca jeitosa
E ôtas coisa preciosa;
Mas não goza o quanto goza
Um vaquêro do sertão.

Da minha vida eu me orgúio,
Levo a Jurema no embrúio
Gosto de ver o barúio
De barbatão a corrê,
Pedra nos casco rolando,
Gaios de pau estralando,
E o vaquêro atrás gritando,
Sem o perigo temê.

Criei-me neste serviço,
Gosto deste reboição,
Boi pra mim não tem feitiço,
Mandinga nem catimbó.
Meu cavalo Capuêro,
Corredô, forte e ligêro,
Nunca respeita barsêro
De unha de gato ou cipó.

Tenho na vida um tesôro
Que vale mais de que ôro:
O meu liforme de côro,
Pernêra, chapêu, gibão.
Sou vaquêro destemido,
Dos fazendêro querido,
O meu grito é conhecido
Nos campo do meu sertão.

O pulo do meu cavalo
Nunca me causou abalo;
Eu nunca sofri um galo,
pois eu sei me desviá.
Travesso a grossa chapada,
Desço a medonha quebrada,
Na mais doida disparada,
Na pega do marruá.

Se o bicho brabo se acoa,
Não corro nem fico à tóa:
Comigo ninguém caoa,
Não corro sem vê de quê.
É mêrmo por desaforo
Que eu dou de chapêu de côro
Na testa de quarqué tôro
Que não qué me obedecê.

Não dou carrêra perdida,
Conheço bem esta lida,
Eu vivo gozando a vida
Cheio de satisfação.
Já tou tão acostumado
Que trabaio e não me enfado,
Faço com gosto os mandado
Das fia do meu patrão.

Vivo do currá pro mato,
Sou correto e munto izato,
Por farta de zelo e trato
Nunca um bezerro morreu.
Se arguém me vê trabaiando,
A bezerrama curando,
Dá pra ficá imaginando
Que o dono do gado é eu.

Eu não invejo riqueza
Nem posição, nem grandeza,
Nem a vida de fineza
Do povo da capitá.
Pra minha vida sê bela
Só basta não fartá nela
Bom cavalo, boa sela
E gado pr'eu campeá.

Somente uma coisa iziste,
Que ainda que seja triste
Meu coração não resiste
E pula de animação.
É uma viola magoada,
Bem chorosa e apaxonada,
Acompanhando a toada
Dum cantadô do sertão.

Tenho sagrado direito
De ficá bem satisfeito
Vendo a viola no peito
De quem toca e canta bem.
Dessas coisa sou herdêro,
Que o meu pai era vaquêro,
Foi um fino violêro
E era cantadô tombém.

Eu não sei tocá viola,
Mas seu toque me consola,
Verso de minha cachola
Nem que eu peleje não sai,
Nunca cantei um repente
Mas vivo munto contente,
Pois herdei perfeitamente
Um dos dote de meu pai.

O dote de sê vaquêro,
Resorvido marruêro,
Querido dos fazendêro
Do sertão do Ceará.
Não perciso maió gozo,
Sou sertanejo ditoso,
O meu aboio sodoso
Faz quem tem amô chorá

4.2.1 A comunidade Linha da Serra: os que vêm de fora

As belas paisagens são apreciadas pelos visitantes nos mirantes e restaurantes instalados no local sempre valorizando a semiaridez do sertão. O encantamento pelo lugar favorece a especulação imobiliária, com a grande procura de terrenos. Inclusive, muitos moradores são convencidos a venderem sua única moradia. O número de casas de veranistas aumentou, e vários terrenos estão à venda. Algumas placas de venda indicam que o projeto já foi aprovado, sendo uma facilidade para o comprador construir, já que a SEMACE³⁰ exige licença ambiental. A falta de espaço para as novas construções estimula o crescimento desordenado. Os terrenos postos à venda quase sempre estão em área com declive acentuado, sendo necessário nivelar a área para construir.

O maior empreendimento é o Cabanas da Serra, que, além de chalés, tem um prédio de quatro andares, com restaurante no alto, e mirante privilegiando a paisagem (Foto 69). O abastecimento de água é fornecido pelo poço profundo que também é utilizado pela população local. Nos últimos meses, é constante a falta d'água para os moradores da comunidade. Isso vem gerando conflitos e discussões entre comunidade e empresários que armazenam água nos seus reservatórios, ampliam as suas construções e constroem piscinas (Foto 70).

Apesar de o turismo estar sendo desenvolvido em uma área com fortes traços rurais não é desenvolvida atividade ligada ao turismo rural. Assim, fica claro que o turismo local depende da conservação da paisagem (Fotos 71 e 72).



Foto 69: Pousada e restaurante Cabanas da Serra.
Fonte: Vilma Araújo, julho de 2008.



Foto : 70: Construção de uma piscina na Pousada Cabanas da Serra.
Fonte: Vilma Araújo, julho de 2008.

³⁰ SEMACE- Superintendência Estadual do Meio Ambiente, órgão ambiental que administra a APA de Baturité.



Foto 71: Mirante do restaurante Tramonto.
Fonte: Vilma Araújo, março de 2010

Foto 72: Casa de empresário de Fortaleza.
Fonte: Vilma Araújo, março de 2010

As visitas a área identificam que nem todos conseguem sobreviver do turismo; esse setor exige investimento com melhorias de infraestrutura e mão de obra qualificada. A paisagem apreciada pelos visitantes, nos mirantes nada mais é do que o local de trabalho daqueles que vivem da agricultura e percorrem um longo caminho diariamente. São longas caminhadas ladeira abaixo para cuidar do roçado, quase sempre em terra alheia. No final da tarde, após o dia de trabalho, enfrentando o calor do sertão, os agricultores retornam para suas casas ladeira acima, para no dia seguinte o trabalho se repetir.

Na interação entre seres humanos e paisagem em Guaramiranga, definem-se diferentes formas de relacionamento. São grupos de pessoas diferentes com interesses, valores e necessidades variadas, cada um buscando objetivos específicos em relação à paisagem serrana: seja pesquisa, lazer, trabalho, investimentos, melhor qualidade de vida, moradia.

O turismo hoje presenciado na Linha da Serra não explora todo o potencial do lugar e nem insere de maneira significativa a população local, pois esta só é envolvida nos serviços básicos, como empregados e com baixos salários.

5. O MARKETING DA NATUREZA: UNIDADE DE CONSERVAÇÃO, PAISAGEM E ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA

Guaramiranga na minha opinião é pequeno. E por que tem duas imobiliárias vendendo tudo?

(aposentada, Sede, 2008)

A criação de Unidades de Conservação tem sido uma das principais formas de conservação da natureza no Brasil. No entanto, como afirma Diegues (2001), com a criação dessas áreas naturais, surgem inúmeros problemas de caráter político, social e econômico.

As unidades de conservação são criadas pelo Poder Público com o objetivo de preservar o que de melhor existe em estado natural, de modo a compatibilizar o desenvolvimento socioeconômico com a preservação da qualidade ambiental e do equilíbrio ecológico. Representam o espaço territorial e seus recursos ambientais, com características naturais relevantes, legalmente instituídas, aos quais se aplicam garantias adequadas de proteção (BRASIL, 2002- A).

Pádua (2002) analisa o acelerado crescimento das unidades de conservação nas últimas décadas.

As unidades de conservação têm aumentado extraordinariamente em número e extensão nas últimas décadas [...] O país possuía no ano de 1998, 184 no nível federal, somando 39 milhões de hectares, ou seja, 4,6% do território nacional e 451 UCs estaduais, que somam 30,5 milhões de hectares e mais de 350 RPPNs, ou seja pouco mais de 8% da nossa extensão territorial, no total. Mas os atos de criação continuam proliferando nos vários níveis de governo e no setor privado, especialmente com o reconhecimento de novas Áreas de Proteção Ambiental, Florestas Nacionais e Estaduais, Reservas Extrativistas e Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPNs) e, também, com novas unidades de conservação de uso indireto, entre elas Parques Nacionais e Estaduais. (Pádua, 2002).

Diegues (2001) citando Ghimire (1993) indica que há uma combinação de fatores que explicam o aumento do interesse mundial pelas unidades de conservação: a rápida devastação das florestas e a perda da biodiversidade, a disponibilidade de fundos internacionais para a conservação e a possibilidade de geração de renda pelo turismo em parques. Afirma ainda que o estabelecimento de áreas protegidas se transformou numa importante arma política para os grupos dirigentes de muitos países do Terceiro Mundo, pois elas representavam uma forma de obtenção de ajuda financeira externa.

No Brasil a definição para Unidade de Conservação foi consolidada na Lei Federal No. 9.985/2000, de 2000, que instituiu o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC -, após quase dez anos de tramitação no Congresso Nacional. Junto com isso, a Lei estabeleceu uma série de normas acerca das Unidades de Conservação, esclarecendo sobre suas diversas categorias e indicando formas de implantação e manejo.

Um dos aspectos mais significativos presentes do SNUC é a participação social no processo de criação e gestão das Unidades de Conservação. Para isso, estabeleceu mecanismos e procedimentos que visam ao envolvimento da sociedade nos rumos da política nacional de Unidades de Conservação.

A Lei 9.985/2000, em seu artigo 70º, esclarece que as unidades de conservação integrantes do SNUC dividem-se em dois grupos, os quais sejam:

I – Unidades de Proteção Integral, que têm como objetivo básico preservar a natureza, nas quais é permitido apenas o uso indireto dos recursos naturais.

II – Unidades de Uso Sustentável, que têm como objetivo básico compatibilizar a conservação da natureza com o uso sustentável de parcela de seus recursos naturais.

No Art. 80º. são definidas as categorias de unidades de conservação que compõem o grupo de Unidades de Proteção Integral. São elas:

- I – Estação Ecológica;
- II – Reserva Biológica;
- III - Parque Nacional;
- IV – Monumento Natural;
- V – Refúgio da vida Silvestre.

O Art. 14º. descreve o Grupo das Unidades de Uso Sustentável e suas respectivas categorias:

- I – Área de Proteção Ambiental;
- II – Área de Relevante Interesse Ecológico;
- III - Floresta Nacional;
- IV - Reserva Extrativista;
- V - Reserva de Fauna;

VI - Reserva de Desenvolvimento Sustentável e

VII – Reserva Particular do Patrimônio Natural.

O Art. 15º. descreve o conceito, normas e restrições ao uso da terra na Unidade de Conservação presente neste estudo. Segundo ele, Área de Proteção Ambiental é uma área em geral extensa, com um certo grau de ocupação humana, dotada de atributos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas. O estabelecimento das Áreas de Proteção Ambiental tem como objetivos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais através dos seguintes parâmetros:

§ 10 A Área de Proteção Ambiental é constituída por terras públicas ou privadas.

§ 20 Respeitados os limites constitucionais, podem ser estabelecidas normas e restrições para a utilização de uma propriedade privada localizada em uma Área de Proteção Ambiental.

§30 As condições para a realização de pesquisa científica e visitação pública nas áreas sob domínio público serão estabelecidas pelo órgão gestor da unidade.

§40 Nas áreas sob propriedade privada, cabe ao proprietário estabelecer as condições para pesquisa e visitação pelo público, observadas as exigências e restrições legais.

§50 A Área de Proteção Ambiental disporá de um Conselho presidido pelo órgão responsável por sua administração e constituído por representantes dos órgãos públicos, de organizações da sociedade civil e da população residente, conforme se dispuser no regulamento desta Lei.

5.1 Unidades de Conservação do Ceará

A primeira unidade de conservação criada no Estado do Ceará foi a Floresta Nacional do Araripe, em 1946, no município de Araripe. Em 1959, treze anos depois, foi criado o Parque Nacional de Ubajara. Entretanto, foi apenas na última década do século XX, quando a discussão ambiental se consolidou através de conferências e seminários de onde partiram as principais estratégias para conservar e preservar ecossistemas naturais, que o poder público estadual teve a iniciativa de novas Unidades de Conservação. Nesse contexto, prevaleceram as UCs de uso sustentável, como as Áreas de Proteção Ambiental (APA) e as Reservas Particulares de Proteção Natural (RPPN). Nota-se a concentração de UCs no litoral e nas serras, enquanto no centro do Estado evidencia-se um vazio. De acordo com Castro (2004), 70% do território cearense é coberto por caatinga, sendo que apenas 0,25% está protegido legalmente.

[...] As próprias áreas ainda “virgens” sob certo aspecto, não escapam a essa socialização geral porque passa a natureza. Como exceções que são, representam para a sociedade em geral e para o capital em particular, ou reservas territoriais (com todos os recursos ali contidos) estratégicas para valorização futura, ou reservas naturais sob a tutela do Estado que assim procura preservar-lhes o seu aspecto natural primitivo. (Moraes, 1999 p.88)

No estado do Ceará, as ações voltadas à preservação de áreas naturais centralizam-se na Superintendência Estadual do Meio Ambiente (SEMACE). No entanto, as Unidades de Conservação no Ceará tem conhecimento público limitado. A pouca divulgação, o baixo poder aquisitivo da população, como também à falta de infraestrutura nessas áreas contribuem para um índice de visitação ainda pouco significativo. Só com a Política Nacional de Ecoturismo, a Secretaria de Turismo do Estado (SETUR) vem considerando as UCs como prioritárias para o desenvolvimento da prática de ecoturismo³¹ (ARAÚJO, 2005).

Segundo a classificação do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), o Ceará possui 42 UCs. Destas, 11 estão sob gerência Federal, 16 estão ligadas ao governo do Estado e 8 aos governos municipais. Há também sete UCs sob a responsabilidade de particulares (Figura 7). Trinta e três estão na categoria de uso sustentável e 9 na categoria de proteção integral. Dentre os tipos de ecossistemas protegidos estão manguezais, áreas marinhas, a caatinga, matas úmidas, lagoas, dunas, complexos vegetacionais litorâneos e outros.

³¹ Um segmento da atividade turística que utiliza de forma sustentável o patrimônio natural e cultural, incentivo a sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações. (EMBRATUR, 1994)

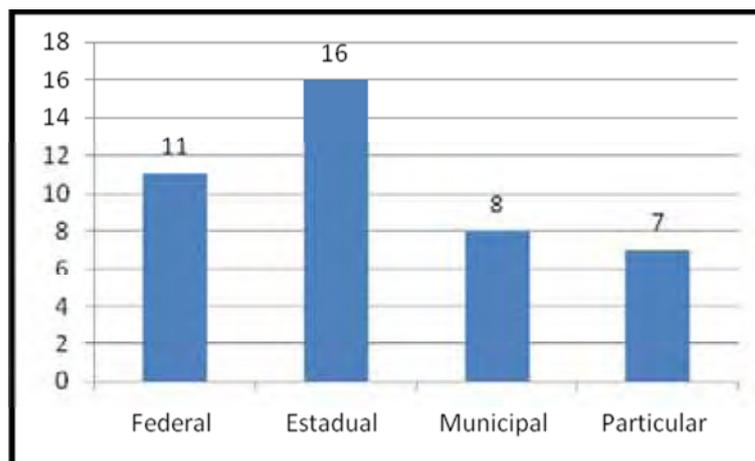


Figura 7: Gráfico demonstrativo das UCs do Ceará quanto ao seu gerenciamento
Fonte: SEMACE, 2009.

5.1.2 A APA de Baturité e o uso dos recursos naturais

A Área de Proteção Ambiental Baturité, criada pelo Governo do Estado do Ceará, instituída através do Decreto Estadual nº 20.956, de 18 de Setembro de 1990, alterado pelo Decreto nº 27.290, de 15 de dezembro de 2003, abrange uma área de 32.690 hectares e localiza-se na porção Nordeste do Estado. Delimitada pela cota de 600 metros é composta pelos municípios de Aratuba, Baturité, Capistrano, Guaramiranga, Mulungu, Pacoti, Palmácia, Redenção e Canindé e Caridade, com menores percentuais de área ocupada como indica a Figura 8. Está situada a 90 km de Fortaleza e tem como principais acessos, partindo de Fortaleza, a Rodovia CE-060, sentido Pacatuba-Baturité e a Rodovia CE-065, sentido Maranguape-Palmácia.

Município	% inserida na APA
Aratuba	56,70%
Baturité	6,99%
Canindé	0,02%
Capistrano	0,60%
Caridade	0,06%
Guaramiranga	93,43%
Mulungu	79,89%
Pacoti	56,20%
Palmácia	0,76%
Redenção	0,93%

Figura 8: Municípios com parte do território inserido na APA da Serra de Baturité
Fonte: Mapeamento da cobertura vegetal e uso e ocupação do solo da APA da serra de Baturité-CE, 2006.

Esses municípios possuem diversidade de uso e ocupação do solo, no entanto, todos têm sua história econômica ligada diretamente à agricultura, como identifica o estudo:

Na APA da Serra de Baturité, a principal atividade de fixação do homem tem sido a agricultura, que apesar da diversidade natural e de possibilidades de outras atividades agrícolas, se concentrou ao longo do tempo em monoculturas. Na área serrana, o café, e nas planícies alveolares, a cana de açúcar foram as principais culturas que moldaram a formação dos núcleos urbanos e de trabalho. Considerando sua extensão territorial, os aspectos históricos da colonização e ao fato de ser composta por 8 municípios, a APA da Serra de Baturité, abriga em seu território as mais diversas comunidades, com diferentes origens e etnias, totalizando um contingente populacional relativamente alto se comparado com outras regiões serranas do Estado. (CEARÁ, 2009)

No entanto, a partir da criação da APA de Baturité, alguns municípios sofrem mais com as mudanças constantes, seja na paisagem ou no modo de viver. Principalmente aqueles que viviam da agricultura e tiveram essa atividade praticamente eliminada do seu território com a criação da APA. Um morador da região comenta: “Nós não podemos desmatar pra plantar roçado e por que podem desmatar pra fazer casarões? Agora eu lhe pergunto: quem é maioria? São os grandes proprietários? Ou é a grande massa que tá aí sendo esmagada e não aparece?” (E. C. Sede, 2008). Dessa forma, Figueiredo (2003, p.73) argumenta:

Há, de fato, uma diversidade de relações com a natureza e com o ambiente e território rurais que são frequentemente relações de concorrência ou de competição. Os habitantes rurais não são sensíveis nem ao mito da natureza, nem ao mito do idílio rural, já que para eles se trata de um espaço quotidianamente vivido e não de um patrimônio do futuro como o parece ser para o Estado e para os visitantes.

Guaramiranga, por ter 93,43% incluído na APA, é o município que mais sofre restrições quanto ao uso. É o que possui o metro quadrado mais caro de toda a APA e é também o mais fiscalizado. Nas localidades estudadas, fica evidente que são poucos os moradores que dispõem de renda para obter o licenciamento exigido pelo órgão ambiental. Por isso, grande parte das mudanças é ocasionada por pessoas de fora.

Há muitas denúncias, de desmatamento. Aí a gente autua, multa e tal... É gente poluindo, por exemplo: lá em Pacoti tinha um matadouro jogando sangue no riacho. A SEMACE foi lá autuou. Aí o prefeito vem reclamar, mas tá com uns três meses que tá fechado o matadouro. Deficiências pode ter. Tem pessoas que vêm só por essa ótica que a SEMACE só multa, mas tem outros que, mesmo sendo multados, reconhecem que não fosse a SEMACE, a serra já tinha se acabado. Porque a especulação imobiliária é grande e a gente também tem essa deficiência de equipe e essa transitoriedade que é muito grande no serviço público: Tem um gerente lá. Aí quando tá ficando mais próximo da comunidade, ele sai, porque é um cargo de confiança. Então sempre tá mudando.

Em pesquisas anteriores, como a Revisão do Plano de Manejo do Parque Nacional de Ubajara e a Dissertação de Mestrado com o título O entorno do Parque Nacional de Ubajara-CE: caracterização socioambiental do distrito de Araticum, ficou claro que as unidades de conservação são fundamentais para a conservação dos recursos naturais existentes. No entanto, este é um assunto extremamente complexo e nos estimula a discutir as modificações que as áreas protegidas causam a população local (ARAÚJO, 2004).

Os habitantes, responsáveis pela diversidade de paisagens, não são ouvidos com muita frequência quando se trata de impor restrições às suas práticas cotidianas. Isso não significa que o Estado somente considere as demandas dos que moram nas grandes cidades, mas está claro que esta categoria será sempre menos afetada com a criação das unidades de conservação. Isso porque, para essas pessoas, o uso desses locais ocorre em momentos específicos, para estudos científicos ou lazer. São os detentores do poder que determinam os locais de criação das unidades de conservação. Os desejos e as aspirações da população que terá seu modo de vida afetado pela decisão tomada muitas vezes são desprezados.

Com o uso intenso dos recursos naturais, o “natural” passa a ser visto como uma “nova raridade”. A propaganda nos transmite certo privilégio quando passa a “vender o verde”. No entanto, essas propagandas promovem somente uma simulação do “natural”, pois os valores econômicos continuam prevalecendo em detrimento dos aspectos sociais. Infelizmente, nem todos conseguem perceber a realidade em que a população local vive. Assim, Santana (1999, p.180), explica:

A escassez num primeiro instante é consequência do processo de produção capitalista, mas a carência de recursos naturais logo transforma o elemento natural num bem raro, portanto possível de ser valorizado. É quando esta “nova raridade” passa a representar uma condição para a produção e a reprodução do capital, tão logo ingressa no processo de circulação de mercadorias. A perda da abundância dos elementos naturais é um problema real que está sendo absorvido pela lógica capitalista. Ou seja, as “novas raridades” servem de estratégia para a reprodução do capital por adquirirem valor de troca e, por conseguinte, transformarem-se em mercadoria. Estabelecem assim a propriedade privada dos “bens livres”.

Em Guaramiranga isso é bem visível. Os novos proprietários apropriaram-se da natureza. No entanto, muitos deles, ao adquirirem a terra, passam a transformá-la. A mata com resquícios de mata atlântica é substituída por vegetação exótica e a paisagem é transformada, aprontando-se para ser consumida por aqueles que acreditam estar na “Suíça cearense”. Assim, Rodrigues comenta (2009):

Nesse processo, de contínuo aumento da destruição, as riquezas naturais, como já dito, passaram a ser recursos naturais. O valor dos elementos da

natureza, da água, da terra, das matas, do ambiente, do espaço, é completamente descartado. O que interessa é o preço de mercadorias, com predomínio do valor de troca, mas não o VALOR, sem preço. As riquezas tornadas recursos são tratadas como se fossem, no modo de produção dominante, um valor e um bem comum possíveis de ser apropriados por todos. Como considerar bem comum as riquezas naturais se as mesmas são apropriadas privadamente tendo como principal atributo o preço? (RODRIGUES, 2009, p.193)

Toda e qualquer obra na APA de Baturité está sujeita à legislação ambiental. Dependendo do porte e tipo de empreendimento, é pedido um EIA/RIMA (Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental). Este estudo é pago pelo empreendedor. Frequentemente eles atestam que os impactos positivos dos empreendimentos são maiores que os negativos, alegando que a obra irá gerar emprego para a população local. Entretanto, esses empregos são temporários. Quando os trabalhadores tem suas carteiras de trabalho assinadas, para efeitos de aposentadoria, só conta o tempo de serviço que está anotado. Além disso, em geral, as carteiras são assinadas com um salário mínimo, embora os funcionários recebam mais.

Vale ressaltar que os EIA/RIMA, de uma forma geral, apenas se baseiam em dados estatísticos divulgados pelo Censo do IBGE ou ainda em dados obtidos na prefeitura. Com isso, não levam em conta as comunidades do entorno do empreendimento apresentando um Estudo de Impacto de Vizinhança. Tampouco indica onde devem ser depositados os materiais rejeitados ou qualquer outro procedimento de descarte.

No caso do Eco Resort Residence Morada da Serra, segundo informações de moradores, 500 caçambas de rejeito foram levadas para aterrar uma área próxima ao Parque das Trilhas onde, atualmente, são realizados *shows*. Outras caçambas foram levadas para fazer aterro no condomínio Monte Flor.

Como justificativa é colocado que área já era utilizada com outras construções. No entanto, o que não vem sendo levado em conta é que esses empreendimentos sempre desmatam mais, como mostram as fotos 73 e 74. Além disso, como os terrenos são em áreas com declives, sempre ocorrerá aterramento ou escavação. Assim, esse material é retirado ou depositado em outra área não mencionada nos estudos (Fotos 75 e 76).

Também são construídas novas vias de acesso que geram desmatamento. Nesses casos, qual o destino da vegetação retirada? (Fotos 77 e 78). Vale lembrar ainda que esses empreendimentos são dotados de poços profundos que retiram do subsolo grande quantidade

de água. Muitas vezes esse recurso é escasso para a população local. Os moradores também sentem pela destruição do patrimônio, parte da sua história:

Guaramiranga, de um certo tempo pra cá, mudou demais, né? No sítio Pé de Ladeira, onde tão construindo, tinha umas casas ali que, pelo que a gente sabe, era pra ter sido só reformado. Porque era casa antiga, era patrimônio antigo e foi tudo derrubado. Agora tão fazendo aquele estrago medonho, aquela cavação ali. Era do finado José Ailton Barbosa (que) só tem um filho de herdeiro. Depois que ele morreu, o filho dele que não tem precisão. Parece que mora em Portugal, mandou lotear tudo. Aí derrubaram as casas antigas. Era tudo patrimônio antigo. Eu acredito que muita coisa que é patrimônio não era pra ser destruído não. (Pedreiro, Pé de Ladeira)

Nesse sentido Figueiredo (2003, p.65) comenta:

[...] ao mesmo tempo que o turismo pode promover o desenvolvimento rural, pode também ter efeitos perversos que importa ter em atenção. Uma das mais importantes consequências está associada ao divórcio entre as qualidades comercializáveis, oferecidas aos turistas e visitantes, e os contextos históricos, sociais e econômicos, com a correspondente perda de autenticidade local.



Foto 73: Desmatamento no Monte Flor.
Fonte: Vilma Araújo, março de 2010



Foto 74: Construção de casas condomínio Monte Flor.
Fonte: Vilma Araújo, março de 2010



Foto 75: Caçambas retirando material no Resort Moradas da Serra.

Fonte: Vilma Araújo, março de 2010



Foto 76: Vegetação sendo queimada no Resort Moradas da Serra.

Fonte: Vilma Araújo, março de 2010



Foto 77: Novas vias de acesso próximo a cidade de Guaramiranga, com terrenos loteados.

Fonte: Vilma Araújo, fevereiro de 2010



Foto 78: No início da construção a vegetação caída fica nas margens da estrada.

Fonte: Vilma Araújo, fevereiro de 2010

A valorização dos bens naturais acarreta a valorização das terras, promovendo o crescimento do mercado imobiliário que se apropria da condição de área preservada. Na fala abaixo um corretor de imóveis da cidade diz:

A SEMACE não se preocupa em preservar o meio ambiente. Se preocupa em multar. Quem se prejudica mais é o pobre, porque não tem dinheiro para pagar multas”. [...] Hoje os terrenos custam de 25.000 a 70.000 por hectare. Há 15 anos, 1 hectare valia 5.000. A partir dos eventos começou a aparecer investidores e muitos turistas e surgiu os grandes empreendedores. Quando vem o progresso vem tudo”. (Corretor imobiliário, Guaramiranga, 2007)

A pesquisa constata um distanciamento do órgão ambiental que administra a área e as comunidades locais. Não existe uma linha de atuação efetiva para a conservação ambiental e

social local. As pessoas falam da SEMACE, que sempre passa no helicóptero, fiscalizando e colocando placas indicando que a área foi licenciada.

A SEMACE mantém um gerente na Unidade de Conservação, mas, desde o início desta pesquisa, ele já foi substituído pelo menos três vezes. Um dos fatores dessa rotatividade pode ser o baixo salário. São aproximadamente R\$ 1.500,00 mensais, para se administrar uma grande área com muitos conflitos de interesses e poder. Dessa forma, Moraes (1994) cometa:

O Estado diante da questão ambiental manifesta uma situação paradoxal: parte de seu aparelho constitui os principais canais institucionais de defesa da qualidade do meio ambiente, outra parte constitui os principais agentes de degradação. A resolução do paradoxo nos remete ao nível de democratização do regime político vigente, enfim ao grau de controle do Estado pela sociedade. (MORAES, 1994)

Em Guaramiranga, existem duas imobiliárias e várias pessoas que disputam os terrenos para vender. Em todo o município observa-se um grande número de placas com terrenos à venda. As vias de acesso muitas vezes são construídas pelos proprietários, sem que na área existam placas de licenciamento ambiental. Chega-se a usar dinamites para explodir as rochas do caminho (Fotos 79 e 80).

O futuro de Guaramiranga vai ser uma cidade só de ricos. Eles já estão comprando todas as casas dos pobres aqui. Aí eles vão a Fortaleza, mas, quando eles sentem a necessidade que não é o lugar deles, eles querem voltar. Mas não podem mais voltar, porque o preço se torna muito mais do que quando eles vendeu. Ele nem sabe o valor que tem uma casa dentro dessa cidade de Guaramiranga. Meu pai um tempo quis vender a casa dele mas nós, filhos, não aceitamos porque eles não ia se dar lá, nem a gente. (Músico, Guaramiranga)

Sem muitas alternativas de sobrevivência e diante das ofertas tentadoras, os moradores acabam vendendo suas casas. Como mostra a fala a seguir:

Tá ficando dum jeito que se eu quiser vender minha casa eu vendo e vou comprar uma casa muito boa em Fortaleza. Mas aí nós vamos vender nossa dignidade. Aqui é desse jeito: se eu vender minha casa, nunca mais eu vou ter o gosto de voltar pra cá porque a especulação imobiliária é muito grande. Já ofereceram R\$ 250.000,00 na minha casa de 35m por 15m. Os que já saíram daqui morrem de vontade de voltar, mas como? Se sair é pra nunca mais voltar (E. C. Agosto de 2008)

Outra contradição entre a preservação da natureza e o tipo de uso é identificada com a criação de animais exóticos dentro da Área Preservada. O Sítio Tibagi é uma propriedade particular numa área de 3 hectares e possui 1.250 animais de 115 espécies. São lhamas, cervos, águias, gaviões, aves africanas e australianas, esquilos, cutias, tartarugas, bicho preguiça, tamanduá, entre outros. Possui autorização do IBAMA para funcionar como

criadouro de animais exóticos e também recebe animais das apreensões desse órgão realizadas no Estado. Em outros lugares também foi identificada a criação de búfalos.

Enquanto isso, alguns moradores dos sítios dizem ser proibidos de criar animais para complementar a alimentação. Alguns afirmam que a SEMACE proíbe o empréstimo para a compra de porcos:

[...] se um pobre não pode porque que o rico pode? O que se pode dizer? Se a SEMACE realmente estivesse atuando não estava acontecendo isso, será que tava? Por que eu, pobre, não posso mais criar um porco, não posso criar galinha? E por que um rico chega desmata e pode? Será que não é grana? Não sei... a gente fica nessa situação. (E.C. Agosto 2008).



Foto 79: Capela de São José, contruída por antigos moradores. Terreno vizinho à venda.
Fonte: Vilma Araújo, agosto de 2008.



Foto 80: Via de acesso, novas propriedades no Sítio Santinho.
Fonte: Vilma Araújo, fevereiro de 2010

A crescente especulação imobiliária (foto 81), evidenciada nas diversas construções quase sempre nas áreas mais preservadas vem sendo notícia nos principais jornais de Fortaleza. A Foto 82 foi publicada no Jornal Diário do Nordeste de 20 de fevereiro de 2008, cuja reportagem tinha como título: Construções Insustentáveis I: Ocupação degrada a serra. No dia 27 de fevereiro de 2008, saiu a segunda reportagem no mesmo jornal, Construções Insustentáveis II: Falta de planejamento na serra, onde se enfatizava que

Voltando o olhar para a cidade serrana de Guaramiranga, uma multiplicidade de empreendimentos uni e multifamiliares, assim como de finalidade hoteleira e de recreação e lazer, prolifera por todos os espaços. Mas existe uma limitação, imposta pela natureza, assegurada por lei e, ainda assim, desafiada pelo ser humano.



Foto 81: Terrenos loteados na Forquilha.
Fonte: Vilma Araújo, agosto de 2010

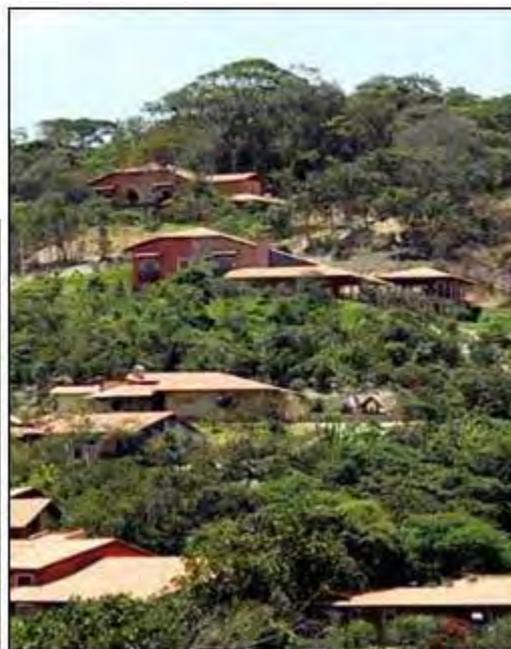


Foto 82: Ocupação de segunda residência.
Condomínio Euroville. JDN FEV/2008

A maior parte dos visitantes de Guaramiranga vem da capital do estado, Fortaleza, cidade com aproximadamente dois milhões e meio de habitantes e que enfrenta muitos problemas com alto índice de desigualdade social. As mudanças ocorridas no pequeno município nem sempre são percebidas pelos visitantes que buscam no local descanso e lazer.

Já que o município oferece atrativos necessários à prática turística, é necessário salientar as fortes implicações sociais que esta atividade causa e que atingem, sobretudo, os sistemas de valores das comunidades acolhedoras. Andrade e Vieira (2006, p.13) lembram que:

As localidades turísticas devem necessariamente, zelar pela conservação de sua paisagem e pela qualidade de vida de seus moradores, transmitindo uma imagem positiva ao turista, motivando-o a conhecer e permanecer por um maior período de tempo nessa localidade, tornando-se depois um agente propagador do centro receptor. Se o turista, quando sai para passear, almeja descansar e conhecer locais e pessoas agradáveis torna-se fácil compreender porque um local degradado não lhe vai ser muito atraente.

Inicialmente, os visitantes que buscavam o lazer na serra, procuravam a natureza preservada, o lugar tranquilo para descanso. Nos últimos tempos, com a grande divulgação dos eventos culturais, a região passou a atrair um público maior e diversificado, muito do qual compreende a natureza como mercadoria a ser negociada pelo melhor preço.

Para Coriolano (1998, p. 116),

A grande matéria prima do turismo é a natureza, as paisagens, os lugares que passam a ser vistos como mercadoria. A praia, o sol, a paisagem, o

verde, tudo passa a ser vendável. O uso indiscriminado da natureza pelo turismo, com desencadeamento do processo de especulação imobiliária, com a ocupação intensa de áreas consideradas turísticas, passa a deteriorar e descaracterizar estas áreas por ele ocupadas. E mais grave ainda, passa a ser excluída do lazer e do turismo uma grande parcela da população. Estabelecendo-se pois, o turismo elitista e excludente.

A expansão do turismo traz uma enorme contradição em relação aos recursos naturais como diz Luchiari (1997, p.71):

A justificativa primeira da expansão do turismo é a preservação do recurso natural para ser usufruído pelo turista, ao passo que os empreendimentos imobiliários que vêm atrás dele vão destruindo os recursos naturais, privatizando-os e criando um ambiente artificial. Esse processo de destruição do meio ambiente destrói também a lógica do funcionamento e da expansão do turismo.

Tal como refere Almeida (2005, p. 323):

A natureza se reinventa na modernidade pelo seu valor. Florestas, matas, manguezais, cerrado e caatinga suscitaram valorizações diversas e até contraditórias na exploração, preservação e conservação. É claro que o valor atribuído a estes lugares está vinculado à consciência que os homens têm de sua relação com a natureza: de recurso, principalmente econômico, domesticada, espetáculo e/ou exibição e inesgotável; ao contrário, nesta relação, ela pode ser, ainda, empecilho, selvagem e precível.

Brandão (1999, p.59) lembra que num passado recente, a natureza era vivenciada bem mais próxima dos humanos.

Em um passado não muito distante, os homens podiam vivenciar a natureza como o lugar do exercício legítimo de seu domínio. Podiam decidir sobre ela em “benefício próprio”. Podiam lidar com os matos, campos e rios como senhores, por direito divino ou natural. O mundo natural era, então duplamente próximo dos humanos: ele os envolvia diretamente e ele lhes pertencia. De uns 20 anos para cá (as datas são variáveis), o mundo de natureza tornou-se uma espécie de “lugar retirado” em um duplo sentido. Foi deslocado para mais longe, desde que se o considere como a porção conhecida ou imaginada do ambiente ainda não incorporada à sociedade. Ele foi retirado, tomado dos homens do lugar como um cenário de direitos, e tornou-se um espaço dado ao dever de preservação por responsáveis agora não mais usuários, pelo menos no sentido tradicional dado às utilizações camponesas do meio ambiente.

Enquanto durou esta pesquisa, nenhum trabalho direcionado à recuperação das áreas degradadas de Guaramiranga foi identificado. Diversas nascentes e pequenos córregos foram flagrados sem nenhum tipo de proteção nas margens, algumas sendo utilizadas com pequenas plantações, como identificado nas fotos 83 e 84.



Foto 83: Córrego sem a presença da mata ciliar.
Sítio Santinho.
Fonte: Vilma Araújo, fevereiro de 2010.



Foto 84: Córrego apenas com plantações de bananeiras as margens.
Fonte: Vilma Araújo, fevereiro de 2010.

Na opinião de Dubós (1974. p. 170), a conservação devia dar condições para o homem desenvolver suas potencialidades e salienta que:

Para ser compreensível com o espírito da cultura ocidental, a conservação não pode estar exclusiva ou mesmo primordialmente preocupada com a proteção de artefatos feitos pelo homem ou de partes do mundo natural, a título de preservar exemplos isolados de beleza aqui e ali. Seu objetivo deveria ser a manutenção de condições sob as quais o homem possa desenvolver suas mais elevadas potencialidades. O equilíbrio envolve o relacionamento do homem com seu ambiente total. A conservação implica, portanto, um intercâmbio criador entre homens e animais, plantas e outros aspectos da Natureza, bem como entre o homem e seus semelhantes. O ambiente total, inclusive as reminiscências do passado, adquire significado humano apenas quando incorporado, harmoniosamente, aos elementos da vida do homem.

O turismo em Guaramiranga baseia-se no apelo do *marketing* ambiental e na relevância de cenários estéticos. De acordo com Silva (2005, p.44),

No conjunto de conceitos utilizados para a comunicação dos atrativos que fazem o festival de jazz e blues de Guaramiranga, a natureza encontra-se em lugar de destaque na tematização de diversas campanhas publicitárias e na orientação de vários objetivos do evento. Em todas as edições, o festival de jazz promove a beleza natural de Guaramiranga, chamando a atenção para princípios preservacionistas e conservacionistas que tentam manter o equilíbrio ambiental e a riqueza natural da serra de Baturité.

A APA de Baturité é utilizada como atrativo tanto por empresas privadas como pelos poderes públicos (prefeitura e estado), que adotam um discurso enaltecendo o turismo e mostrando os benefícios que ele traz para a região. Até mesmo a SEMACE traz na sua página eletrônica - <http://www.semace.ce.gov.br> - um apelo mercadológico para que a população consuma as belezas naturais da área.

Possuindo belas paisagens, cachoeiras, mirantes, densas florestas, um clima único e bastante agradável, a APA DA SERRA DE BATURITÉ se consolida como um dos mais atraentes destinos turísticos do Estado, sobretudo para os cidadãos fortalezenses, que encontram na Serra, um lugar de descanso e contemplação. Atualmente os Municípios Serranos contam com uma boa estrutura de hotéis e pousadas, para os mais variados gostos e bolsos. Tendo um maior destaque para os municípios de Guaramiranga e Pacoti, que contam com um calendário de eventos turísticos diversificado, onde figuram os já famosos festivais de Teatro e Jazz de Guaramiranga e a Feira de Negócios e Turismo do Maciço de Baturité - FENETUR em Pacoti. O turismo de aventura também encontra no Maciço de Baturité um reduto perfeito para as práticas ao ar livre, como o Rappel, caminhadas e vôo livre.

As paisagens das fotos 85 e 86 são apreciadas pelos turistas que visitam o Pico Alto, ponto mais elevado de Guaramiranga. O caimento abrupto do relevo forma abismos que proporcionam a visão alcançar áreas longínquas do horizonte. Alguns visitantes chegam a identificar os municípios de Canindé e Caridade.

Já a paisagem das fotos 87 e 88, tiradas a partir da localidade Pendanga, não é vista pelos turistas, pois o local não faz parte dos roteiros mais freqüentados. Pendanga é, antes de tudo, terra de morada e trabalho daqueles que tem a agricultura como fonte de sobrevivência.



Foto 85: Vista da Pendanga, Quebradas e Sertão a partir do Pico Alto.

Fonte: Vilma Araújo, setembro de 2009



Foto 86: Vista panorâmica dos roçados nas Quebradas a partir do Pico Alto.

Fonte: Vilma Araújo, fevereiro de 2010.



Foto 87: Casas da Pendanga as margens da via de acesso.
Fonte: Vilma Araújo, setembro de 2009



Foto 88: Mirante do Pico Alto, visto da Pendanga.
Fonte: Vilma Araújo, setembro de 2009

Guimarães argumenta que as paisagens são heranças de realidades naturais ou culturais:

À medida que os grupos culturais encontram suas paisagens como um prolongamento da própria identidade, essas relações são intensificadas, interiorizadas, gerando processos combinados e simultâneos de natureza diversificada, legados de um jogo de forças. Sob essa ótica, todas as paisagens são heranças em vários sentidos, sejam como realidade natural ou cultural, transformadas a todo instante de maneira contínua, ao longo dos tempos, manifestadas em testemunhos de uma objetividade que emerge da própria subjetividade. (Guimarães, 2003, p. 49,50)

Lucy Marion, no estudo *Paisagem valorizada: a Serra do Mar como Espaço e Lugar* (1999), discorre que alguns componentes da paisagem são conhecidos apenas pelos moradores, não sendo percebidos pelo viajante:

Essa paisagem resulta da fusão entre componentes naturais e construídos com cenário do mundo-vivido. Algumas de suas particularidades são conhecidas apenas por seus moradores, não sendo percebidas pelo viajante que apenas passa por ela. Só quem a experiencia por meio de um contato direto e contínuo pode alcançar melhor compreensão dela. Pode-se considerar a percepção dos moradores como uma informação de grande importância no estudo da interação entre homem e paisagem, pois é inegável que há uma profunda diferença entre um cenário descrito e estudado, e um cenário experienciado e vivido. É a familiaridade em relação a tudo o que existe na paisagem que lhe confere um significado especial; onde os habitantes vivem, se movimentam e se relacionam entre si e com a paisagem. (MACHADO, 1999, p. 99)

Luchiari (2001) Chama atenção para os antagonismos entre a preservação natural e o desenvolvimento social.

A exclusão social reproduzida no uso seletivo do território coloca em evidência os antagonismos entre a preservação natural e o desenvolvimento social. Hoje, a preservação representa a elitização

social na seletividade dos lugares. Apenas os que puderem pagar pelas paisagens naturais idealizadas no imaginário social contemporâneo ganharam a hegemonia nessa nova configuração territorial. (LUCHIARI, 2001, p.19).

E ainda esclarece que a partir do momento que a paisagem é transformada em reserva, parque é atribuído uma valorização estética da natureza.

As paisagens permanecerão, mas a hegemonia da participação do mundo natural nas paisagens está destinada a sucumbir. As paisagens-natureza – cartões-portais do discurso ecológico –, seguindo as atuais tendências, se transformaram em parques, reservas, áreas aprisionadas, segregadas, privatizadas, enclaves de natureza na organização social do mundo. E é este o sentido que a sociedade contemporânea vem atribuindo à paisagem por meio da valorização estética da natureza. Nós a revalorizamos no mesmo momento em que a cercamos, como se este fosse o último para salvar os remanescentes da paisagem tradicional sem percebermos que ela não mais existe -, é a sociedade, seletivamente organizada, que está representada nesses refúgios. (LUCHIARI, 2001,25)

6. DOS DRAMAS AOS FESTIVAIS: A CULTURA LOCAL E A INVENÇÃO DA CULTURA

[...] não podemos esquecer que “cultura” é um termo emaranhado, que, ao reunir tantas atividades e atributos num só feixe, pode na verdade confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas.

(THOMPSON: 1995, p.22)

De acordo com Carvalho (2006, p. 148). Os Dramas são pequenos quadros, sem estrutura fixa, envolvendo comédias, paródias e histórias de amor. São pastoris profanos, apropriações populares de burletas, ou ainda uma diluição de um teatro de costumes que fazia a diversão de muitos sertanejos e pracionos, durante algumas décadas

A origem do perfil cultural de Guaramiranga está muito ligada às culturas agrícolas da cana-de-açúcar, do café e à influência dos donos das fazendas que viajavam pela Europa e traziam novidades para o lugar. Conforme dados publicados no site³² da Associação dos Amigos da Arte de Guaramiranga (2009).

Os moradores antigos nasceram nas fazendas e sua vida era dedicada aos trabalhos nos canaviais e nos roçados de café; onde improvisavam versos para gerar divertimento e aliviar a dura carga de trabalho. As mulheres se educavam nas cozinhas dos fazendeiros, escutando as cantigas de tradições europeias, da boca das patroas holandesas e portuguesas. A essas cantigas, deram sua interpretação e daí, nasceram nossos tradicionais “dramas”. Essas “criações” se reuniam por ocasião dos festejos em que os trabalhadores comemoravam a colheita e, como parte do ritual, apresentavam seus versos, suas cantigas, suas artes! Aos poucos, as criações artísticas dos trabalhadores, passaram a fazer parte das festas dos patrões que reuniam família e amigos para um divertimento regado a dramas e reisado, na faxina da casa da fazenda.

Os dramas de Guaramiranga chegaram a ser o principal entretenimento para os visitantes atraídos pelo clima serrano e para aqueles que fugiam das constantes secas. Como relata a escritora Raquel de Queiroz:

³² Disponível em: <http://www.agua.art.br/historia.php> Acesso em: 02.06.2009.

Meu pai alugou uma casa no alto da Matriz, mas a nossa vida era no sobradão, logo abaixo. Lá era a concentração dos grupos das "intelectuais", tia Beatriz, mamãe (então com 26 anos), a prima Elsa e outras aspirantes menos qualificadas. E no final do ano, os esforços de todos se concentram na realização do que, nós, meninos e a gente simples, chamávamos "o drama". Na verdade prepararam uma espécie de revista em louvor da Serra, onde moças, fantasiadas de deusas, representavam, e cantavam cada uma copla em louvor das maravilhas serranas: o clima, a água, as frutas, as flores, o café, a cana. Ainda me lembro dos versinhos das flores, musicadas ao som da valsa da "Princesa dos Dólares". Foi um esplendor e, para os meus oito anos, daí por diante era o "drama" da serra o marco inatingível de qualquer sucesso futuro. Guaramiranga cresceu, de vila passou a cidade; não perdeu os seus encantos, nem a sua magia. Com a queda do café, ficou nos alambiques ("sou a cana jovial, do café a doce irmã..." cantava deusa no drama). (Queiroz, 1998, p.17)

A autora lembra a participação de sua família no movimento cultural da cidade, inaugurando, o "teatro de revistas". Como relata no livro em forma de diário Tantos Anos:

Nesse tempo, toda a gente de bem de Fortaleza ia passar o verão na serra. Lá moravam tia Adelaide e tio Chichio, num sobradão imenso, à ponta da rua, pegando ao sítio deles, o Guaramiranga, que dava o nome à vila. Na serra, no sobradão, passavam também a seca, vizinha Raquel e tia Beatriz, então solteira. Mamãe, tia Beatriz e Elsa (que depois foi ser freira) eram as intelectuais do grupo; havia, ainda, entre as primas, Cléa, Maria, Alice, Áurea, já adultas; as garotas do meu tope eram Nilza e Lúcia. Era muito animado o verão na serra. E papai, junto com tia Beatriz e Elsa, inventaram nesse ano uma representação de amadores, uma comédia e uma espécie de revista, tudo muito bem encenado, onde as coisas da serra – as flores, o café, a cana, a água, o clima – eram representadas por moças vestidas de deusas gregas. Eu fiquei na maior frustração porque não me deram nenhum papel. (Queiroz, 1998, p.17)

Os dramas e os reisados continuaram por décadas sendo as principais atrações de Guaramiranga. Apenas na década de 1980 alguns jovens da cidade formaram o grupo de teatro "Cangalha". Atualmente, o calendário de eventos culturais em Guaramiranga é bem diversificado. As mostras de dramas e as festas religiosas tradicionais foram somadas a outros eventos exógenos à cultura local, compondo uma agenda turística que atrai públicos diversos (ver quadros 1 e 2).

Apesar das políticas públicas apoiarem alguns desses eventos, não foi identificado nenhum grupo de teatro ou de música local mantido financeiramente pela prefeitura. Dessa forma, aqueles que se identificam com as artes necessitam deixar a cidade em busca de emprego, pois os eventos ocorrem somente uma vez por ano. Os que ficam são funcionários públicos, profissionais liberais ou outros que, sem emprego fixo, ocupam-se durante os eventos em serviços que não exigem qualificação.

Nosso grupo de teatro fica trabalhando o dia no artesanato e na merenda. À noite resolvemos fazer uma peça, pra gente não ficar tão parada. Só sentada

não dá né? O nome do grupo é Raízes da Minha Terra. São seis senhores, sempre de 50 anos a faixa, né? O grupo foi formado há dois anos. A gente pensava em fazer um drama só pra começar, mas, como a gente já tinha coisa criada eu disse: “- Edite, vamos fazer uma coisa bem realista. Vambora fazer uma serenata!”. Uma pegou o violão, outra pegou o pandeiro, outra pegou o bandolim, todo mundo de preto, de chapéu flor de lata. Aí apresentamos isso aí. (C.C. Sede 2008).

Quadro 1. Eventos Culturais em Guaramiranga.

EVENTOS	RESUMO	LOCAL	REALIZADORES	MÊS
Folia de Reis	Apresentação dos grupos de Reisado do Sítio Arábia e Pernambuco	Sede, Sítio Arábia e Pernambuco	Secretaria da Cultura	Janeiro
Programação de Férias	Shows Musicais	Praça do Teatro Rachel de Queiroz	Secretaria da Cultura e Turismo	Janeiro
Festival de Música de Guaramiranga	Oficinas, palestras, masterclass shows	Sede	Secretaria da Cultura / UECE	Janeiro
Festival de Jazz e Blues	Música	Teatro Rachel de Queiroz	Secretaria da Cultura / Via de Comunicação	Carnaval
Dia Internacional da Mulher	Show com mulheres cantoras de Guaramiranga	Teatrinho Rachel de Queiroz	Secretaria da Cultura	Março
Dia do Bibliotecário	Encontro de Bibliotecários do Maciço de Baturité	Teatro Rachel de Queiroz	Secretaria da Cultura	Março
Dia Mundial do Teatro	Atividades com Grupos de Teatros locais e de outros municípios	Teatros	Secretaria da Cultura	Março
Guaramiranga Instrumental	Shows, oficinas	Praça do Teatro Rachel de Queiroz	Secretaria da Cultura	Abril
Dia Mundial do Livro Infantil	Atividades envolvendo Biblioteca Municipal e escolas	Teatro Rachel de Queiroz	Secretaria da Cultura Biblioteca Municipal	Abril
Guaramiranga Instrumental	Shows, oficinas	Praça do Teatro Rachel de Queiroz	Secretaria da Cultura	Abril
Mostra de Dramas	Apresentações dos Dramas de Guaramiranga	Teatrinho Rachel de Queiroz	Secretaria da Cultura	Maio
Corrida de Guaramiranga	Corrida rústica	CE-065 (Guaramiranga/Logra-douro)	Alexandre Pereira e Secretaria de Esportes	Maio
Mostra Junina	Apresentação de quadrilhas locais e convidadas, feira de comidas típicas, simpatias, pescaria, etc.	Praça do Teatro Rachel de Queiroz	Secretaria da Cultura	Junho
Festival de Calouros	Música	Central de Artesanato	AEG/Secretaria de Cultura	jul/ago/set

Mostra do Teatro de Guaramiranga	Espectáculos teatrais com grupos locais	Teatrinho Rachel de Queiroz	Secretaria da Cultura	Julho
Guaramiranga Cover	Shows com Bandas Covers Nacionais	Praça do Teatro	Secretaria da Cultura / restaurantes	Julho
Guaramiranga Cover	Shows com Bandas Covers Nacionais	Praça do Teatro	Secretaria da Cultura / restaurantes	Julho
Guaramiranga Cover	Shows com Bandas Covers Nacionais	Praça do Teatro	Secretaria da Cultura / restaurantes	Julho
Guaramiranga Cover	Shows com Bandas Covers Nacionais	Praça do Teatro	Secretaria da Cultura / restaurantes	Julho
FENDAFOR	Festival de Danças	Teatro Rachel de Queiroz	Cia. Jane Ruth / Secretaria da Cultura	Agosto
Arte no Terreiro	Intercâmbio cultural das atividades da Sec. Cultura com a comunidade	Comunidades	Comunidades e Secretaria da Cultura	Agosto
Guaramiranga Romântica	Shows com cantores	Praça do Teatro Rachel de Queiroz	Secretaria da Cultura / restaurantes	Agosto
Desfile, shows folclóricos	A DEFINIR	A DEFINIR	Secretaria da Cultura e parceiros	Agosto
Festival Nordestino de Teatro	Mostra de Grupos Teatrais do Nordeste	Teatros e Escolas de Guaramiranga	AGUA / Secretaria de Cultura	Setembro
Dia do Município	Desfile cívico, shows	Sede e comunidades	Prefeitura Municipal	Setembro
Festival de Gastronomia	Venda de alimentos aberta ao público	A DEFINIR	A DEFINIR	Outubro
Oktoberfest	Música e gastronomia alemã	Sede/Sítio Guaramiranga	Secretaria de Cultura/AMICIS	Outubro
Encontro e Maestros de Coral	Música	Sede	Secretaria de Cultura	Outubro
Semana da Cultura Dia Nacional da Cultura	Atividades culturais simultâneas na sede e nas comunidades rurais	Sede e Comunidades	Secretaria da Cultura e parceiros	Novembro
Natal	Apresentação de música e atividades ligadas ao Natal	Sede e Pico Alto (Cocão)	Secretaria de Cultura / DAS	Nov/Dez/Jan
Réveillon Popular	Festa dançante e fogos de artifício	Sede	Prefeitura Municipal	Dezembro

Fonte: Secretaria de Cultura de Guaramiranga. <http://www.guaramiranga.ce.gov.br/> Acesso em: 02.06.2010

Quadro 2. Calendário de Eventos Religiosos

Eventos	Resumo	Local	Mês
Novenário de São José	Novenário e quermersses	Sítio Gameleira	Março- Dia 19
Coroação de Nossa Senhora	Missa e coroação	Pernambuquinho, Botija, Lagoa, Linha da Serra, Cana Seca	Maió- Móvel
Novenário de Santo Antônio	Novenário e quermersses	Forquilha	Junho- Dia 13
Novenário de São João	Novenário e quermersses	Linha da Serra	Junho-Dia 24
Novenário de N.S. Lourdes	Novenário e quermersses	Sede	
Novenário de Santo Agostinho	Novenário e quermersses	Agostinho	Agosto
Novenário de N.S. do Bonfim	Novenário e quermersses	Pernambuquinho	Setembro
Novenário de São Francisco	Novenário e quermersses	Sede	Outubro- Dia 4
Novenário de N. S. Aparecida	Novenário e quermersses	Sítio Arábia	Outubro- Dia 12
Novenário de S. Terezinha	Novenário e quermersses	Botija	Outubro
Novenário de .S. das Graças	Novenário e quermersses	Sítio Lagoa	Novembro-Móvel
Dia de N.S. da Conceição	Novenário e quermersses	Sede	Dezembro-Dia 08
Dia de Santa Luzia	Missa	Sítio Arábia	Dezembro – Dia 13

Fonte: Secretaria da Cultura de Guaramiranga. Disponível em: <http://www.guaramiranga.ce.gov.br/> acesso em: 02.06.2010

6.1. Os Festivais

O evento pioneiro foi o Festival das Flores, em novembro de 1978, organizado por um grupo de produtores de flores que faziam parte da Cooperativa de Produtores Rurais de Guaramiranga. A programação do festival trazia música, drama, reisado. Ao lado do palco havia exposições e venda de flores. O Festival contava com o apoio do Governo Estadual, que ofereceu recursos financeiros e melhorias na infra-estrutura da cidade.

Em 1990, para comemorar o centenário do nome “Guaramiranga”, a prefeitura promoveu um evento cultural denominado “Festival de Guaramiranga - Cem anos de Paz e Amor à Natureza”. Durante três meses, o evento reuniu artistas da música, das artes cênicas e plásticas cearenses.

Com a divulgação do evento nos meios de comunicação do Estado, o Poder Público Municipal percebeu a oportunidade de crescimento do município através do turismo cultural e passou a apoiar esse setor. Para Carney (2007), “A música é uma das características que contribuem para o desenvolvimento de uma região e frequentemente é utilizada como um instrumento promocional para as regiões [...]”

6.1.1. Festival Nordestino de Teatro de Guaramiranga

Em 1992, foi inaugurado o Teatro Rachel de Queiroz, com 150 lugares. No ano seguinte, ocorreu a primeira edição do Festival Nordestino de Teatro – FNT. Desde o início, o FNT é o evento que tem maior participação da população local. Ele é organizado pela Associação dos Amigos da Arte de Guaramiranga (AGUA), com sede na cidade, e tem como proposta incentivar a participação dos moradores nas suas atividades. A partir do FNT, com a participação maior do público, houve um aumento na oferta de leitos, unidades de alimentação e serviços na cidade. Surgiu também a necessidade de um teatro com maior capacidade. Em 1999, foi inaugurado outro teatro, também chamado Rachel de Queiroz, mais moderno e com 450 lugares.

O Festival Nordestino de Teatro de Guaramiranga acontece no mês de setembro, com mostras de peças teatrais, espetáculos de rua, oficinas de músicas, fóruns e seminários. Essas atividades são realizadas principalmente no Teatro Raquel de Queiroz.

De acordo com o presidente da AGUA:

O Festival Nordestino de Teatro de Guaramiranga nasceu como ideia de promoção, difusão e valorização do teatro em Guaramiranga, no Ceará e no Nordeste, levando em conta duas importantes condições: a primeira, era a vocação presente na comunidade para as artes cênicas, como o teatro, os dramas, o reisado de caretas. A outra se tratava do fato de não existir, pelo menos na época, festivais teatrais com recorte especial para a região nordeste. (2008)

Em setembro de 2009, na sua XVI edição, apresentaram-se espetáculos do Ceará, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Paraíba e Bahia, além de grupos de cidades interioranas do estado do Ceará.

Nesse evento, o valor do ingresso era R\$ 10,00 e R\$ 5,00 para estudantes, idosos e outros contemplados com meias entradas. A cada dia, cem ingressos eram distribuídos gratuitamente à população local. Os grupos locais, com exceção dos que receberam apoio da

AGUA, são amadores e seus integrantes dedicam seu dia a dia a outras atividades. Tem, portanto, pouco tempo disponível para ensaios.

O FNT traz oportunidades também para artistas dos municípios vizinhos como Arte Jucá de Arneiroz, município do sertão do Ceará. Sua apresentação realizada na praça com o título: “Imaginarium: a odisséia de um guerreiro brincante” foi baseada na história de Dom Quixote, que veio da Península Ibérica para o sertão dos Inhamuns no Ceará à procura de Dulcinéia. O herói encontra uma trupe de brincantes de reisado, que o acompanha nessa odisséia sertão adentro, enfrentando os mais terríveis monstros conhecidos da cultura popular: a serpente voadora, o boi penado, o dragão lunar e o pássaro agourento (Foto 89). A história é cantada com estrofes do tipo:

Já andei por todo canto, conheci esse mundão, fiz presepada nas Europa
botei boteco no salão, dancei reisado nos esteites mas voltei pró meu sertão.
É prá lá que eu vou, é pra lá que eu vou....

Também do sertão de Tauá veio o grupo Artes Cínicas de Teatro, com a peça “A farsa do panelada”, cuja história mostra a convivência entre corruptos, fraudadores de impostos e ludibriadores em contraponto com os inocentes, esperançosos e alienados.

À tarde, acontece um cortejo com a participação das escolas, de habitantes locais ao som da banda de percussão formada por jovens do lugar (Foto 90).



Foto 89: Grupo Arte Jucá, vindo do sertão dos Inhamuns.
Fonte: Vilma Araújo, setembro 2009



Foto 90: Banda de percussão, alunos da AGUA.
Fonte: Vilma Araújo, setembro 2009

6.1.2. Festival de Jazz e Blues de Guaramiranga

O Festival de Jazz e Blues ocorre no carnaval, período em que a maioria da população do Ceará, tradicionalmente, viaja para as praias em busca de descanso e diversão. Quem vai para Guaramiranga procura ambiente e música diferentes, pois a cidade não oferece carnaval tradicional. Para Mamede, (2003,p.230-231) idealizadora do evento:

A ideia que motivou a realização de um festival de jazz e blues em pleno carnaval foi exatamente a busca por um diferencial que conseguisse despertar a atenção do público (sempre sedento por novidades), da mídia (lugar, por excelência, do extraordinário), e dos patrocinadores (ávidos por associar sua imagem a produtos culturais de qualidade). Anúncios publicitários em várias mídias de um Carnaval diferente com boa música e tranquilidade contribuem para que os visitantes sejam um número maior do que a cidade comporta.

Durante o dia, o município tem como atrativos as cachoeiras, caminhadas em trilhas, visita ao Pico Alto, vista do pôr do sol na linha da serra, compra de artesanato na feira, pesque e pague, prática de esportes radicais. À tarde acontecem os ensaios abertos das atrações das noites do festival e um *show* na quadra.

Nos dias do festival a rua principal fica bastante movimentada com transeuntes, pois todas as lojas ficam abertas (Foto 91). Além das lojas e restaurantes, existem barracas de artesanato e alimentação de comerciantes vindos de outros municípios cearenses e de estados vizinhos. Podem ser encontrados artigos de palha de bananeira, de carnaúba, de bambu, redes, toalhas bordadas, cachecóis de lã, jóias de prata, bijuterias, roupas bordadas, sandálias de couro, quadros pintados no local, café orgânico, licores, doces, queijos, moletons, barracas de *hippies*.

Os visitantes que não conseguem hospedagem nas pousadas ou nos hotéis alugam as casas dos moradores da cidade para a temporada. Para oferecer espaço aos turistas, geralmente os moradores se deslocam para a casa de parentes, alugam outros lugares ou saem da cidade. Há ainda visitantes que preferem a aventura de acampar, mas, como a cidade não oferece estrutura necessária e nem banheiros públicos suficientes, alguns moradores também aproveitam a oportunidade para vender um banho quente. Outros turistas buscam hospedagem nos municípios vizinhos.

A Sede municipal é o local de encontro à noite. Na rua principal encontram-se os maiores atrativos: o teatro Raquel de Queiroz, as feiras de artesanato, os bares e restaurantes. Todos querem aproveitar as noites de frio, quando desfilam seus guarda-roupas de inverno e

disputam vagas nos restaurantes para consumir o que não é típico da culinária cearense – como o *fondue*, massas, vinhos, chocolate quente.

Nota-se que a quantidade de automóveis é maior que a disponibilidade de vagas de estacionamento, sendo comum as ruas estreitas ficarem repletas de carros. Não raro, muitos usam as calçadas como estacionamento (Foto 92). Mas Heimstra, (1978, p.133), comenta:

Cada vez mais os visitantes se queixam do congestionamento nas áreas de recreação, seu difícil acesso. ... Se a visita à área de recreação se torna uma questão de fuga de uma condição provocadora de stress para outra condição igualmente provocadora, a popularidade dos parques e regiões naturais poderá declinar. Além de sugerir que as áreas de recreação servem como meio de fuga ao stress.

Como a cidade é pequena, os lugares de apresentação para o maior público não tem local fixo. Em 2008, durante o último dia de festival, os alunos da oficina de percussão se reuniram na praça e saíram em cortejo até a igreja matriz, onde havia apresentações de cantores da terra e sanfoneiros (Fotos 94 e 95). No final, todos saíram novamente em cortejo até a praça principal. Em 2010, as apresentações do patamar da igreja foram transferidas para uma quadra de esportes.

Nesse período, a empresa que organiza o evento, com sede em Fortaleza, ocupa alguns locais públicos: a Secretaria de Cultura passa a ser o escritório e a biblioteca pública transforma-se na loja de *souvenirs* como camisetas, bonés, vestidos e outros.

No Festival de Jazz e Blues de Guaramiranga, a participação dos moradores locais é pequena. Nota-se que vários habitantes vão para Pacoti, município vizinho que oferece um carnaval popular. Em 2010 não houve apresentações dos músicos da AGUA, que necessitaram viajar em busca de trabalho: “Os músicos da cidade estão um pouco esquecidos. Estão todos tocando fora. Não tem nenhum tocando no festival de jazz. A Via de Comunicações não contratou não quis pagar o que a gente pediu” (A.J. Músico, 2010). Os moradores que ficam na cidade podem se ocupar em serviços informais como vigias, garçons etc.



Foto 91: Rua principal durante o Festival de Jazz e Blues, apenas pedestres.
Fonte: LIMA, V.T.A, fevereiro de 2008.



Foto 92: Engarrafamento na única via de acesso à cidade.
Fonte: LIMA, V.T.A, fevereiro de 2008.



Foto 93: Banda de Percussão, alunos e professores da AGUA.
Fonte: Vilma Araújo, fevereiro 2008.



Foto 94: Apresentação de Jazz na calçada da Igreja Matriz.
Fonte: Vilma Araújo, fevereiro de 2008.

Além dos festivais, outras atrações exógenas à cultura local são destaques dos últimos anos em Guaramiranga. Elas tem objetivo de atrair público consumidor, pois a maioria dos serviços oferecidos só funciona quando tem público externo. Em 2010, na semana que antecedeu o festival de *jazz* foi realizado um rodeio na cidade. Já em outubro do mesmo ano aconteceu o primeiro *Oktoberfest*, festa originária de Munique, na Alemanha, e também realizada em Santa Catarina pelo fato de o estado possuir muitos descendentes de alemães.

Apesar do organizador do *Oktoberfest* ser um empresário de Guaramiranga, toda a estrutura do evento foi trazida de Santa Catarina, desde a confecção das canecas que serviam o *chopp*, às brincadeiras tradicionais como a corrida da cerveja (Foto 95). As músicas também eram típicas daquele estado, com destaque para a banda Cavalinho, que fazia vários *shows* (Foto 96). Foram três noites de eventos, e, de acordo com os organizadores foram consumidos 20.000 litros de *chopps*.



Foto 95: Corrida da cerveja, tradicional nesse evento, novidade na cidade.
Fonte: Francisco Flôr, 2010.



Foto 96: Banda Cavalinho de Santa Catarina.
Fonte: Francisco Flôr, 2010.

O festival teve como atrações também algumas bandas cearenses e um show do humorista Falcão. No entanto, a cidade não oferece infra-estrutura para o grande número de participantes. Nos últimos dias da festa, as pessoas reclamavam da falta de comida, de locais suficientes para tomar café da manhã e de banheiros limpos.

Analisando a gênese e evolução dos festivais de Verão de Vilar de Mouros e de Paredes de Coura em Portugal, Sarmento (2007) comenta:

Ao mesmo tempo, assistiu-se a um choque entre dois mundos distintos. Por um lado, uma comunidade rural bastante fechada em torno de práticas agrícolas, num concelho periférico do norte de Portugal. Por outro, uma comunidade de jovens envolvidos em práticas de libertação e transgressão, sem grandes limites para os seus comportamentos. As pilhagens a campos agrícolas e hortas e o nudismo no rio Coura criaram um certo mal-estar em Vilar de Mouros, sendo que, como resultado, a população local se distanciou emocionalmente deste tipo de festival.

David Harvey (2005, p. 176), em seu livro *A Produção Capitalista do Espaço*, cita:

Os festivais e os eventos culturais também se tornam foco das atividades de investimento. “As artes criam um clima de otimismo – a cultura do ‘é possível fazer’ é essencial para o desenvolvimento do empreendimento cultural”, afirma a introdução de um recente relatório do Arts Council of Great Britain (Conselho de Artes da Grã-Bretanha), acrescentando que as atividades culturais e as artes podem ajudar a romper a espiral descendente da estagnação econômica nas cidades do interior [...]

O poder público, ao apoiar esses eventos, acredita ser esta alternativa capaz de desenvolver Guaramiranga, apostando no potencial de geração de empregos e movimentação da economia. Adota assim uma noção de a cultura transformada em mercadoria, com o objetivo voltado para o lucro.

6.1.3. Os Mestres da Cultura Popular de Guaramiranga

Os Mestres da Cultura Tradicional Popular do Estado do Ceará, são amparados pela Lei nº 13.351, de 22 de agosto de 2003, regulamentada pelo Decreto nº 27.229, de 28 de outubro de 2003. Podem ser considerados Mestres as pessoas com baixa renda, residentes no Estado há mais de 20 anos, que tenham os conhecimentos ou as técnicas necessárias para produção e preservação da cultura tradicional popular de uma comunidade estabelecida no Estado do Ceará. Em Guaramiranga, já foram contemplados três mestres: Dona Zilda Eduardo do Nascimento, Pedro Alves da Silva e Vicente Chagas Gondim. São pessoas simples, que pouco frequentaram a escola. Desde muito cedo trabalhavam com seus pais na agricultura, nas fazendas de café, nos engenhos etc. Todo o conhecimento que lhes deu o título de Mestre da Cultura foi adquirido no cotidiano de riqueza e fartura da serra de Baturité, em meio ao trabalho árduo daqueles que vivem nas terras alheias na condição de morador.

Dona Zilda Eduardo do Nascimento é mestre dos dramas. Nasceu em 2 de abril de 1927. Os pais eram moradores do sítio Arábia, um dos maiores produtores de café de Guaramiranga da época. Os dramas foram herança da sogra e da mãe. Aos dezesseis anos, Dona Zilda brincava de representar com as irmãs. Os espetáculos eram apresentados ao ar livre, no chão, à luz de lamparina ou do farol a querosene. A platéia era formada pelos vizinhos que não tinham outra diversão. As roupas eram feitas de papel crepom ou de seda. O cenário mudava de acordo com o tema do espetáculo. O palco era enfeitado com galhos de café, de papoula e os adereços de cena podiam ser uma mesa, ou um fogão a lenha. Atualmente, Dona Zilda mora em um conjunto Habitacional (COHAB) em Guaramiranga. É uma das poucas moradoras antigas que resistiram à oferta de compra da casa.

Pedro Alves da Silva – conhecido como Pedro Balaieiro - nasceu em 26 de dezembro de 1926, em Maranguape. Foi para Guaramiranga em 1949 com os pais, em busca de melhorias para a saúde da mãe. É mestre dos trançados de cipó e tira da mata toda sua matéria-prima. Pedro Balaieiro mora no distrito de Pernambucozinho, onde recebe visitas de inúmeros turistas, como gosta de frisar, “principalmente estrangeiros”. Participa de eventos culturais promovidos pela Secretaria de Cultura do Município e também, tem o apoio do SEBRAE e da Secretaria de Cultura do Estado. Suas peças são vendidas na Escola profissionalizante de Pernambucozinho, onde ele as fabrica, no Hotel Remanso e também no CEART. Sua presença é frequente nas feiras de artesanato (Fotos 97 e 98).

No início, Pedro Balaieiro fazia cestos para armazenar chuchus e café, mas, com a chegada do turismo, percebeu a necessidade de mudança no formato dos produtos. Hoje, suas peças são usadas principalmente para decorar ambientes. A arte de criar já modelou o cipó em galinhas, coelhos, luminárias, cestas de vários tipos e tamanhos, porta pratos, terços, anéis, vários tipos de chapéus etc. Sua marca é o chapéu de cipó, presente sempre que aparece em público, pois para ele: “O chapéu de cipó pra mim é igual um passaporte, ele me dá valor. Numa estrada, se eu for com o chapéu, o cara pára e me dá carona. Se eu for sem o chapéu, ele não sabe nem quem é”.

O Mestre faz seu próprio marketing. Quando sai para vender seus produtos, leva albums de fotografias e recortes de jornais, mostrando aos clientes que está presente na mídia, como o descreve Carvalho (2006, p. 177).

Homem de ideias de trabalho e de negócios, “seu” Pedro se vende – e bem –, como o artesão do Maciço de Baturité. As revistas, os jornais e livros, que formam seu improvisado portfólio, estão aí para demonstrar que ele conseguiu ser reconhecido como inovador na arte do trançado. Suas teias e tramas dialogam com galhos e ramas, o que a serra guarda como santuário, resto preservado de Mata Atlântica, com samambaias e bromélias que guarnecem pedras e árvores. É a natureza e a cultura que se fundem, nesse pedaço de paraíso, muito acima da linha do mar do sertão.



Foto 97. Seu Pedro Balaieiro mostrando o cipó imbé, na mata, para a pesquisadora.
Fonte: Vilma Araújo, agosto de 2008.



Foto 98. O cipó depois de colhido e as peças prontas.
Fonte: Vilma Araújo, agosto de 2008.

6.2. Associações Locais

Apesar do município de Guaramiranga encontrar-se numa área com grande riqueza natural no Estado do Ceará e de quase sua totalidade fazer parte da Área de Proteção Ambiental, as associações locais e ONGs são pouco representativas. Apenas a Associação dos Amigos da Arte de Guaramiranga (AGUA) deixa suas portas abertas diariamente.

A AGUA é uma ONG que foi criada em 1992 por um grupo de artistas, artesãos e educadores de Guaramiranga, com o objetivo de garantir a continuidade das ações culturais iniciadas pelo município no começo daquela década. Com a parceria do poder público municipal e de instituições como a Fundação Airton Sena, já colocou no mercado muitos profissionais. No entanto, as suas atividades, como oficinas de dança, de música ou de informática dependem completamente destas parcerias. Os principais projetos desenvolvidos pela AGUA são a Escola de Música de Guaramiranga, o Projeto Cidade da Arte e a ECOS (Escola de Comunicação da Serra).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ocupação de Guaramiranga é marcada pelas conquistas dos que vêm de fora. Inicialmente os fazendeiros que fugiam das secas que castigavam o sertão, ocuparam a serra temporariamente nos períodos secos e, quando chovia, voltavam às suas terras. Os índios que habitavam o Maciço de Baturité foram exterminados ou expulsos de suas terras. Em Guaramiranga, cuja palavra indígena significa pássaro vermelho, não foi encontrado, durante toda a pesquisa, nenhum grupo que se denomine descendente de indígenas, apesar de traços e hábitos serem observados em alguns moradores locais.

Nas entrevistas e na documentação analisada, ficou claro que o município já viveu um passado de riquezas, tendo a maior movimentação da economia local baseada no comércio de produtos importados. A instalação de hotéis e pensões foi gerada com os lucros do café, da cana-de-acúcar, em menor importância, da maniçoba. Essa riqueza foi compartilhada por poucos, pois o trabalho nos sítios produtores de café era árduo, necessitando de muita mão de obra que era obtida entre os moradores da cidade e localidades vizinhas. O trabalho sempre era acompanhado por um feitor, pois, geralmente, o dono das fazendas não habitava a região. Muitos deles mantinham a família na capital do estado, enquanto outros possuíam também fazendas no sertão.

Os sítios em Guaramiranga, principalmente nas férias, eram visitados por familiares e amigos que iam para a serra desfrutar do seu clima e belezas naturais. Intelectuais e políticos figuravam entre os frequentadores, que, ao retornarem a Fortaleza, escreviam e debatiam sobre a experiência na serra, registrando-a em livros históricos, diários e poesias.

A pujança do café acabou quando houve uma diminuição da produção, causada pelo uso intenso do solo, e quando houve uma depreciação nos preços. Com isso, muitos dos que viviam com os lucros gerados por essa cultura abandonaram as fazendas, deixando aos moradores as decisões sobre as formas de uso terra, pois dela retiravam o seu sustento.

Essa fase de decadência na economia local contribuiu para a recuperação da mata que, em poucas décadas, sem a limpeza dos cafezais, cobriu novamente grande parte da serra. Assim, Guaramiranga, que era o maior produtor de café no maciço no passado, passou a ser o município que detinha maior área verde preservada.

No final da década de 1980 e início de 1990, o estado do Ceará passava por mudanças políticas. Os novos governantes apostavam numa política de valorização dos lugares do Ceará, que, então, passaram a ser visitados por um maior número de pessoas.

Também nesse momento a questão ambiental era motivo de debates. Foi criado um número significativo de Unidades de Conservação no estado, privilegiando as áreas mais favoráveis aos destinos turísticos, que detinham atributos caros a esse segmento: diferentes paisagens, cachoeiras, trilhas ecológicas, praias com falésias, dunas, lagoas etc. Tais lugares foram amplamente expostos na mídia e divulgados pelos órgãos ambientais como espaços paradisíacos que necessitavam ser conhecidos por um número maior de pessoas. Nesse movimento, o maciço de Baturité foi contemplado com uma Área de Proteção Ambiental - APA, unidade de conservação de uso sustentável que poderá ser utilizada, mas com restrições de uso.

A partir de então, a SEMACE, órgão que gerencia as unidades de conservação do Ceará passou a fiscalizar e permitir mudanças na área da APA de Baturité somente através de projetos que apresentem licenciamento ambiental.

Guaramiranga, que possui 93,43% do seu território incluído na APA, passou a conviver com grandes restrições de uso do solo, diminuindo drasticamente a área plantada. Assim, os moradores de terras alheias que viviam da agricultura foram impedidos de continuar essa prática, mesmo que fosse desenvolvida apenas para sua subsistência e que, em alguns casos, representasse sua única fonte de renda. O fato da atividade não gerar lucro faz com que muitos patrões, temerosos com as constantes fiscalizações do órgão ambiental, proibam as plantações em terras, deixando o antigo morador, de grande utilidade no passado, praticamente sem função no presente.

Destarte, muitos agricultores de Guramiranga migram para a capital do estado em busca de melhores condições de vida. Na serra, fora a aposentadoria dos mais velhos e os poucos empregos públicos, não havia do que sobreviver.

A partir da década de 1990, o poder público local passa a investir nos festivais como forma de geração de renda para a população. No entanto, como a maioria dos moradores viveu desde a infância do trabalho agrícola e pouco estudou, não possui qualificação necessária para o trabalho nos festivais. Por isso, muitos moradores são aproveitados apenas nos serviços temporários e com baixa remuneração. Grande parte do pessoal qualificado vem de fora e ocupam várias pousadas na cidade.

Dos “doutores do café” - como são chamados os filhos dos patrões que estudaram fora ou em outros países -, poucos voltaram ao lugar. Isso porque, mesmo com tantas mudanças, Guaramiranga não gera empregos. Esses “doutores” preferem visitar o lugar durante os festivais.

Alguns sítios foram divididos entre os herdeiros dos antigos cafeicultores. Muitas vezes, a nova geração com raízes noutros lugares e sem interesse na terra, vendeu a propriedade para terceiros.

Para os novos compradores, a terra não tem o significado de identidade que tinha para os antigos donos. Ela é símbolo de investimento, de lazer, de *status*. Os novos donos da terra apropriam-se da natureza cada vez mais modificada. Os resquícios de mata atlântica são substituídos por uma vegetação exótica. A paisagem é transformada, pronta para ser usufruída por aqueles que acreditam estar na “Suíça Cearense”.

A procura por terras virou um grande negócio entre aqueles que desejam possuir uma casa em Guaramiranga e os que ganham com a venda. Assim, a terra de herança passa a ser terra de mercado. Em poucos anos, o preço do hectare passou de R\$ 5 mil para R\$ 70 mil, R\$ 100 mil ou mais, dependendo da área negociada. Os terrenos mais caros são os da sede - porque ali ocorrem as atrações culturais -, aqueles que estão em áreas preservadas com nascentes e cachoeiras ou ainda os terrenos nos locais onde a paisagem sugere um bom negócio, como na Linha da Serra.

A revalorização da cultura em Guaramiranga transformou-a em um bem consumível que pode ser apropriada pelo visitante das temporadas de festivais e pelos proprietários das residências de lazer. A cultura atribuiu significado e valor ao lugar, mas não se constitui uma política de inclusão social, já que a maior parte dos moradores locais não está engajada nesses projetos fomentados por órgãos públicos ou privados.

A necessidade de sobrevivência dos moradores gera novas formas de trabalho. Alguns tiram da mata o que necessitam. Daí galhos secos, folhas secas, vários tipos de cipós, bambus são transformados em artesanato e vendidos aos visitantes. Outros buscam nas terras de plantar, sem valor de troca - “nas Quebradas” - os gêneros que podem complementar o sustento do dia a dia.

Dessa forma, percebe-se que, enquanto os de fora vêm a terra como negócio, em Guaramiranga ainda há pessoas que a vêm como fonte de sobrevivência, onde podem

transformar as experiências adquiridas na agricultura em favor do novo modo de viver imposto pela modernidade.

Apesar de apostar no turismo, Guaramiranga guarda pouco de sua história. A riqueza cultural e patrimonial deixada pelos cafezais, casas de engenhos e de farinha, paulatinamente, vai se deteriorando ou se modificando. Especialmente quando os terrenos são loteados entre vários donos, que dão ao local usos diversos como pousadas, hotéis, condomínios e segundas residências, principalmente, dos moradores de Fortaleza.

Se por um lado o turismo gera empregos temporários para a população, por outro deixa nas comunidades problemas difíceis de resolver como a carestia dos produtos, falta d'água e de local para plantar, a especulação imobiliária, cercamento das terras, uso de drogas entre os jovens etc.

A maioria da população local tem baixo nível de renda e escolaridade. As modificações ocorridas nas últimas décadas em pouco contribuíram para a melhoria da qualidade de vida. Se os habitantes foram beneficiados com estradas, moradias, trabalhos informais, eles também foram impedidos do acesso à terra, tanto no que diz respeito ao poder de compra como ao de trabalhar nela.

Enquanto alguns condomínios fechados na serra ocupam áreas de até 20 hectares, a maioria dos roçados nas Quebradas são menores que 1 hectare. Para trabalhar em áreas maiores, os agricultores teriam que solicitar licença ambiental na SEMACE, cujo custo não compensa, já que os produtos colhidos são para subsistência e não geram lucro.

Em Guaramiranga percebe-se um imenso abismo entre o lugar que o turista visita, com riqueza natural e diversidade cultural, e aquele vivido pelos moradores dos sítios e povoados.

O modo de vida dos pequenos agricultores que fazem uso da serra e do sertão numa unidade dialética, que mostra formas de adaptabilidade ao meio natural permitindo a sobrevivência, torna-se submetido a um modelo de desenvolvimento local sob a égide das atividades turísticas. A memória dos moradores locais sobre os lugares de trabalho e de vida (valores de uso) choca-se agora com o *marketing* da natureza – natureza reificada, tornada mercadoria.

REFERÊNCIAS

AB'SÁBER, A. N. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____. **Províncias geológicas e domínios morfoclimáticos do Brasil. Geomorfologia**. São Paulo: IGEOG/USP, 1970.

Associação dos Amigos da Arte de Guaramiranga (AGUA). **Histórias**. Disponível em: <http://www.agua.art.br/historia.php> Acesso em: 02 jun. 2009.

ALMEIDA, M.G. A captura do cerrado e a precarização de territórios: um olhar sobre sujeitos excluídos. In: ALMEIDA, M. G. de (Org.) **Tantos Cerrados: múltiplas abordagens sobre a biogeodiversidade e singularidade sociocultural**. Goiânia: Ed. Vieira, 2005. p. 321-347.

ANDRADE, A.C.; VIEIRA, M.L. Crescimento populacional e modificações na paisagem e na qualidade de vida dos moradores de um centro receptor de turistas. **Geografia: ações e reflexões**. In: GERARDI, L. H.O.; CARVALHO, P. F. de. (Org.) Rio Claro:Unesp/IGCE: AGETEO, 2006.

ARAÚJO LIMA, V.T de. O entorno do Parque Nacional de Ubajara-CE: características socioambientais do distrito de Araticum. **Dissertação** (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

ARAÚJO LIMA, V. T.; PEREIRA, M. F. R. Diagnóstico socioeconômico. In: **Plano de Manejo do Parque Nacional de Ubajara**. Ed. Brasília, DF: IBAMA, 2004, v.2, p. 20-34.

BASTOS, F.H. Guaramiranga: propostas de zoneamento e manejo ambiental. 2005. 200f. **Dissertação** (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

BECKER, B.K.; COSTA GOMES, P.C. Meio Ambiente: Matriz do Pensamento Geográfico. In: VIEIRA, P. F. e MAIMON, D. (Ogr.). **As Ciências Sociais e a Questão Ambiental: rumo à interdisciplinaridade**. Belém: APED e UFPA, 1993.

BRANDÃO, C.R. **A Partilha da vida. São Paulo**. Cabral Editora, 1995.

_____. **O afeto da terra. Campinas. SP**. Editora da UNICAMP, 1999.

Brasil 1895 – **Fazenda Bom Sucesso**. (Imagem) Disponível em: <<http://www.forum-numismatica.com/viewtopic.php?f=60&t=24497>> Acesso em: 12 jun. 2010.

BRASIL. **Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza** – SNUC: Lei 9.985, de 18 de julho de 2000. Brasília: MMA/SBF.

BRASIL. Conselho Nacional de Trânsito – CONTRAN. **Resolução nº 82, de 19 de novembro de 1998**. Disponível em: <http://www.sindemosc.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=140&Itemid=61> Acesso em: 12 jun. 2010.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. (IBAMA). **Planejamento Biorregional do Maciço de Baturité(CE)**. Universidade Estadual do Ceará. – Fortaleza: Banco do Nordeste, 2002.179p.

BRITO, H.M. Guaramiranga: 50 anos. **Revista Crescer**: Serra e Sertão. No 16, ano III, 2007.

CÂNDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2001.

CARNEIRO, M.J. Agricultura, Meio Ambiente e Turismo: desafios para uma agricultura multifuncional (Nova Friburgo, RJ) In: Carneiro, M. J.; Maluf, R. S. (Org). **Para além da produção**: Multifuncionalidade e Agricultura Familiar. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

#

CARNEY, G.O. Música e Lugar. In: CÔRREA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Literatura Música e Espaço**. Rio de Janeiro; Eduerj, 2007.

CARVALHO, G. **Mestres da cultura tradicional popular do Ceará**. Fortaleza: SECULT, 2006.

CASTRO, Bernadete. Voltar à terra: campesinato, territorialidade e globalização. In: ALMEIDA, M.G; CRUZ, B.N. (Org.) **Território e Cultura**: Inclusão e exclusão social nas dinâmicas socioespaciais. Goiânia, 2009.

CEARÁ. SUPERINTENDENCIA ESTADUAL DO ESTADO DO CEARÁ (SEMACE). **Mapeamento da cobertura vegetal e uso e ocupação do solo da APA da serra de Baturité-CE**. 2006.

CEARÁ. **Plano Municipal de Desenvolvimento Rural de Guaramiranga 2002 – 2005**. EMATERCE: Fortaleza, 2002.

CLAVAL, P. Campo e perspectiva da Geografia Cultural. In: **Geografia Cultural: um século (3)** org. CORRÊIA, R. L. & ROSENDAHL – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

____ **A Geografia Cultural**. Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 2 ed. Florianópolis: UFSC, 2001.

CORIOLOANO, L.N.M.T. Lazer e turismo em busca de uma sociedade sustentável. In: **Turismo com Ética**. ORG. CORIOLOANO, L.N.M.T. Fortaleza: UECE, 1998.

____ **O turismo nos discursos, nas políticas e no combate à pobreza**. São Paulo: Annablume, 2006.

CORIOLOANO, L.N; MARINHO H. Estratégias para o desenvolvimento do turismo. In: ELIAS, Denise (Org.). **O novo espaço da produção globalizada**. Fortaleza: FUNECE, 2002.

CRISPIM, M. **Construções insustentáveis I**: ocupação degradada a serra. *Jornal Diário do Nordeste*, Fortaleza, 20.02.2008, Cad. Negócios.

____ **Construções insustentáveis II**: Falta de planejamento na Serra. *Jornal Diário do Nordeste*, Fortaleza, 27.02.2008, Cad. Negócios.

DIEGUES, A.C. **O mito moderno da natureza intocada** 3 ed. São Paulo: Huncitec, Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, USP, 2001.

DUBOS, R. J. **Um animal tão humano**. São Paulo: Melhoramentos/Edusp, 1974.

DURÁN, T. A. Área de Proteção Ambiental: o maciço de Baturité. In: LOPES, I. V. et al. (Orgs.). **Gestão ambiental no Brasil**: experiência e sucesso. 2 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

EVANS-PRITCHARD, E. E. **Os Nuer**: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FARIAS, F. M. A. **Nossa História de Conceição à Guaramiranga**. Fortaleza-CE. Gráfica e Editora, Fortaleza, 2001

FIGUEIREDO, E. «Quantas mais ‘aldeias típicas’ conseguimos suportar?» Algumas reflexões a propósito do turismo como instrumento de desenvolvimento local em meio rural. In: Simão, O; Cristovão A. (org.) **Turismo em Espaços Rurais e Naturais** (TERN) Edição IPC; Coimbra, 2003.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GIRÃO, Raimundo. **História Econômica do Ceará**. Monografia nº 12. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1947.

_____. **Pequena História do Ceará**. 2 ed. Ceará: Ed. Instituto do Ceará, 1962.

Guaramiranga: ontem, hoje e sempre. (Documentário) Direção: BARSÍ, M. Produção: Cristina Barbosa, Guaramiranga-CE. 2004.

GUIMARÃES, S. T. de Lima. Paisagens e ciganos: uma reflexão sobre paisagens de medo, topofilia e topofobia. In: ALMEIDA, Maria Geralda de. & RATTI, Alessandro JP. (Orgs.) **Geografia: Leituras Culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003.

GODÓI, E. P. **O trabalho da memória**: um estudo antropológico de ocupação camponesa no sertão do Piauí. Dissertação de mestrado. Universidade de Campinas, SP. 1993.

GUARAMIRANGA. Secretaria de Cultura, Turismo e Esportes. **Calendário de Eventos de 2007**. Guaramiranga, 2010. Disponível em: <http://www.guaramiranga.ce.gov.br/>. Acesso: 05.07.2010.

HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

HEIMSTRA, N.W. **Psicologia Ambiental**. Trad. SCHMIDT, M.A. São Paulo: EPU: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo Demográfico: 2000**.

_____. **Contagem da População 2007**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel> . Acesso em: 19 jun. 2009.

JUNIOR, A.M.F. **Percepção socioambiental**: a visão de turistas e residentes em Guaramiranga-CE. 2004. 117fls. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2004.

LEFÈBVRE, H. Problemas de Sociologia Rural. In: MARTINS, J.S. (Org.) **Introdução Crítica a Sociologia Rural**. São Paulo: Hucitec: 1981.

LIMA, P. A. Q. O café na província do Ceará. In: SOUZA, Simone (Coordenação). **História do Ceará**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994.

LINHARES, M. **Guaramiranga e os Caracas**: notas Genealógicas. Fortaleza: ABC, 2001.

LUCHIARI, M.T.D.P. Turismo, natureza e cultura caiçara: um novo colonialismo? In: **Viagens à natureza**: turismo, cultura e ambiente. SERRANO, C. M.T; BRUHNS, H. T. (org.) Campinas, SP: Papirus, 1997. (Coleção turismo)

LUCHIARI, M. T. P. A (re)significação da paisagem no período contemporâneo. IN: Org. ROSENDAHL, Z; CORRÊA, R.L. **Paisagem, Imaginário e Espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

MACHADO, L. M.C.P. Paisagem Valorizada: A Serra do Mar como espaço e como lugar. In: RIO, Vicente del; OLIVEIRA, Livia de.(org). **Percepção Ambiental**: a Experiência Brasileira. Ed.UFSCar: São Carlos: São Paulo, 1996.

MAMEDE, M. A. B. Cultura e mercado: reflexões a partir do festival de jazz e blues. In: LEITÃO, Cláudia. (Org.) **Gestão cultural**: significados e dilemas na contemporaneidade. Fortaleza, CE: Banco do Nordeste, 2003.

MARTINS, J. S. **A chegada do estranho**. Editora HUCITEC. São Paulo: 1993.

_____. **A sociedade vista do abismo**: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

_____. **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na modernidade anônima. São Paulo Hucitec, 2000.

MORAES, A. C. R. **Meio Ambiente e Ciências Humanas**. Ed. Hucitec. São Paulo. 1994.

MORAES, A. C. R.; COSTA. W. M. **Geografia Crítica**: a valorização do espaço. 4ª edição, HUNCITEC, São Paulo, 1999.

MOURA, M. M. **Camponeses**. Editora Ática, 1986.

OLIVEIRA, R.C. **O trabalho do antropólogo**. 2 ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo Editora UNESP, 2000.

PÁDUA, M. T.J. Unidades de Conservação muito mais do que atos de criação e planos de manejo. In III Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação. **Anais**. Fortaleza: Ceará. 2002.

POMPEU, T. S de. **O Ceará no começo do século XX**. Typo-lithographia a vapor, Fortaleza-CE, 1909.

PORTO, L.C. Cortes e recortes do turismo no Maciço de Baturité-CE: reflexões a partir da avaliação do Programa de Apoio ao Turismo Regional (PROATUR). 2008.221f. **Dissertação** (Mestrado Profissional em Avaliação de Políticas Públicas) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

QUEIROZ, M. I. P. de. Uma categoria rural esquecida (1963). In: (ORG.) WELCH, C. A. Et al. **Camponeses brasileiros: leituras e interpretações clássicas**, v.1. São Paulo: Editora UNESP; Brasília DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2008.

_____ **Bairros Rurais Paulistas**. Livrarias Duas Cidades, São Paulo, 1973.

QUEIROZ, R.; QUEIROZ, M.L. **Tantos anos**. Siciliano, São Paulo, 1998.

RODRIGUES, A.M.R. **A abordagem ambiental: Questões para reflexão**. GeoTextos, vol. 5, n.1, 2009.

RODRIGUES, A.M. A produção e o consumo do espaço para o turismo e a problemática ambiental. In: YÁZIGI, E.; CARLOS, A. F. A; CRUZ, R.C.A. (Orgs.) **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTANA, P.V. A mercadoria verde: a natureza. In: DAMIANI, A. L.; CARLOS, A. F. A; SIEBRA, O.C.L. **O espaço do fim do século: a nova raridade**. São Paulo: Contexto, 1999.

SARMENTO, J. C. V. **Representação, imaginação e espaço virtual: geografias de paisagens turísticas em West Cork e nos Açores**. Gráfica de Coimbra Ltda. Julho de 2004.

SCOTT, J. C. **The Moral Economy of the Peasant: rebellion and Subsistence in Southeast Asia**. New Haven and London: Yale University Press, 1976.

SILVA, F. I. F. da. **A influência da imagem institucional no processo de desenvolvimento social, político e econômico das localidades**: um estudo de caso do município de Guaramiranga. Fortaleza, CE. Monografia Comunicação Social. Instituto de Ensino Superior do Ceará, 2005.

SOUSA, A. M. M. de. **Quem não souber ler não apague**. Coord. Rio-São Paulo - Fortaleza: ABC Ed., 2002.

TEIXEIRA, A. L. de F. Mudanças no perfil socioeconômico e ambiental provocadas pela atividade turística no município de Guaramiranga-CE. 2005. 116f. **Dissertação** (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

THOMPSON, P. **A voz do Passado: história oral**. Trad. OLIVEIRA, L.L. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VALE, V.H.A. do. Proposta de desenvolvimento Ecoturístico em Guaramiranga-CE. 2006. 105f. **Dissertação** (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

WANDERLEY, M.N.B. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In. TEDESCO, J. C. (Org.) **Agricultura familiar**: realidades e perspectivas. Passo Fundo: UPE, 2001.

WOORTMANN, E.F. **O trabalho da terra**: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília. Editora da Universidade de Brasília, 1997.

XICO LUIZ. **As moedas da Fazenda Bom Sucesso**. 25 de maio de 2008. Disponível em: <<http://newsgroups.derkeiler.com/Archive/Soc/soc.culture.brazil/2008-05/msg00250.html>> Acesso em: 12 jun. 2010.

YÁZIGI, E. Acertos metodológicos: relativismo cultural e turismo. In: SILVA, J.B; LIMA, L.C; ELIAS, D. (org.) **Panorama da Geografia Brasileira 1**. São Paulo: Annablume. 2006.

#